

PORTUGALIA

NOVA SÉRIE, VOLUME XXXIX



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
2018

O FINAL DO CICLO GRÁFICO PALEOLÍTICO DO VALE DO CÔA: A ARTE MÓVEL DO FARISEU (MUXAGATA, VILA NOVA FOZ CÔA)

André Tomás Santos

Fundação Côa Parque; UNIARQ, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
a.t.santos@sapo.pt

Thierry Aubry

Fundação Côa Parque; UNIARQ, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
thaubry@sapo.pt

António Fernando Barbosa

Fundação Côa Parque
afqbarbosa@sapo.pt

Marcos García-Díez

Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales. Universidad Isabel I
diez.garcia.marcos@gmail.com

Jorge Davide Sampaio

Fundação Côa Parque
jdmsampaio1974@gmail.com

ABSTRACT

We present in this work the integral study of the portable art of Fariseu (Côa Valley). Eighty-five engraved pieces and four painted ones form the studied collection. The chronological attribution to the Late Dryas/ beginning of the Pre-boreal is perfectly assured by the stratigraphic origin of the pieces. The technical and stylistic attributes of the figures are similar to some of the rock art of the Côa valley, making the collection an important chronological referent to a vast number of engraved and painted panels of the region. Those technical and stylistic attributes are also similar to others from Southwest Europe that are dated from the end of the Late glacial period, which denotes the affiliation of this rock art facies in a graphic tradition of a broader geographic range.

Keywords: Portable art – Fariseu - Late Glacial – Azilian - Côa Valley

RESUMO

Neste trabalho apresenta-se o estudo integral da arte móvel identificada no Fariseu (Vale do Côa). Trata-se de um conjunto de oitenta e cinco peças gravadas e quatro pintadas. Dada a proveniência estratigráfica segura da coleção, a adscrição da maior parte das peças ao Dryas recente/ inícios do Pré-boreal está perfeitamente assegurada. As características técnicas e estilísticas dos grafismos nela presentes são comparáveis a alguma da arte rupestre do Vale do Côa, o que faz da série do Fariseu um importante referente para a datação de um vasto número de painéis gravados e pintados desta região. Essas características são igualmente semelhantes às de grafismos de diversas estações do Sudoeste europeu, datados dos finais do Tardiglacial, o que denota a filiação deste facies rupestre numa tradição gráfica de âmbito geográfico mais vasto.

Palavras-chave: Arte Móvel – Fariseu – Tardiglacial – Azilense - Vale do Côa

1. INTRODUÇÃO

Apesar das figuras zoomórficas de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta) serem das primeiras gravuras ao ar livre atribuídas estilisticamente ao Paleolítico Superior (JORGE *et alii* 1981), foi necessário esperar pelo início dos anos 1990, e pela descoberta da arte do Vale do Côa veio mudar radicalmente o nosso conhecimento do povoamento humano do Nordeste de Portugal durante o Paleolítico Superior, a nossa concepção de arte rupestre paleolítica ao ar livre, assim como sobre a complementaridade entre ocupações humanas e simbolismo gráfico. Os dados sobre a arte e o seu contexto arqueológico, acumulados desde 1996 no Vale do Côa (v.g. ZILHÃO, coord. 1997; AUBRY, ed. 2009; SANTOS 2017) e, desde data mais recente, no Baixo Sabor (FIGUEIREDO *et alii* 2014; GASPAR *et alii* 2016) contradizem a ideia, até há pouco tempo vigente, da ausência de uma ocupação permanente das regiões do interior Peninsular. De facto, os dados do Côa revelam que nas proximidades das concentrações de rochas gravadas ao ar livre, existem outros sítios, geralmente com ocupações múltiplas, atribuíveis às várias fases do Paleolítico Superior. Ao contrário do que se pensava, a interpretação da função dos sítios e a identificação das fontes da matéria-prima neles identificada indiciam a permanência de um grupo humano com um território de exploração de âmbito regional, localizado entre o baixo Sabor e o médio Côa (AUBRY *et alii* 2002; AUBRY, MANGADO E SAMPAIO 2009).

De facto, a identificação da origem dos sílices e silcretos — que não existem regionalmente, mas que foram sistematicamente utilizados em todos os sítios escavados — permite estabelecer conexões entre este grupo e outras regiões da Península Ibérica. Assim, a elevada concentração de arte rupestre no Vale do Côa foi interpretada como resultante do facto desta zona ser um importante ecótono entre a Meseta e as montanhas ocidentais e da eventual função deste sector do vale como lugar de agregação, no meio de uma vasta rede social que se estendia entre a Estremadura e a depressão do Douro (AUBRY *et alii* 2012; 2016).

Considerando a raridade dos vestígios de arte móvel paleolítica em Portugal (SANTOS, SANCHES & TEIXEIRA 2015), a descoberta de plaquetas e seixos de xisto gravados em vários sítios do Vale do Côa (GARCÍA & AUBRY 2002; AUBRY 2009) e no sítio da Foz do Medal, no Vale do Sabor (FIGUEIREDO *et alii* 2014) reveste-se de particular importância.

As peças do Fariseu, porque encontradas em contexto estratigráfico e crono-cultural devidamente definido e datado, constituem-se como elementos privilegiados no estabelecimento das cronologias e definição de fases gráficas rupestres, contribuindo igualmente para a interpretação do valor social e simbólico dos grafismos identificados em suportes móveis e parietais da região, particularmente dos que se encontram associados a contextos de ocupação humana pré-histórica. É sobre estas peças que aqui nos debruçaremos. Refira-se que este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projecto PALÆCOA (PTDC/EPH-ARQ/0326/2014), cofinanciados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional – FEDER, no âmbito do Projecto 9471 (Reforçar a Investigação, o Desenvolvimento Tecnológico e a Inovação).

2. O SÍTIO DO FARISEU

O sítio do Fariseu localiza-se na margem esquerda do Rio Côa, a cerca de 5 quilómetros da sua confluência com o Douro, a meia distância entre os conjuntos de gravuras da Foz da Ribeira de Piscos, a montante, e de Vale de Figueira a jusante (Fig. 1). A zona intervencionada localizava-se no limite da planície aluvial, no centro da margem convexa de um vasto meandro, a jusante da linha de água que atravessa o sítio. Os depósitos que preservam os níveis do Paleolítico Superior ocupam uma reentrância na base de uma vertente com cerca de 30/40° de inclinação (Fig. 2). Dois dos

painéis gravados, descobertos por Manuel Almeida e João Félix em prospeção realizada durante a campanha de levantamentos da Canada do Inferno, são conhecidos desde 1995 (ano em que a albufeira do Pocinho baixou a sua cota de enchimento), aparecendo referidos na lista dos sítios que constam no processo de classificação da arte do Vale do Côa (BAPTISTA & GOMES 1997: 214).

As circunstâncias da reexposição em 1999, devido a novo abaixamento da cota de enchimento da barragem do Pocinho, de uma das rochas descobertas anteriormente, justificou a realização, no mesmo ano, da primeira sondagem. Face à expectativa de precisar a cronologia do painel gravado da rocha 1, optou-se por dar continuidade aos trabalhos de escavação em 2005 e 2007, tendo os resultados daí advindos sido já apresentados em pormenor (AUBRY & SAMPAIO 2006; 2009; AUBRY, LUÍS & SAMPAIO 2006). Os dados recolhidos e as datas obtidas por termoluminescência e luminescência (MERCIER *et alii* 2006; 2009) revelaram a preservação de sedimentos aluviais e de depósitos de vertente, desde pelo menos há 23.000 anos (AUBRY *et alii* 2010), numa área que pode ser avaliada em mais de 400m² (Fig. 2). No sítio do Fariseu, foi pela primeira vez possível estabelecer objectivamente uma relação estratigráfica direta entre depósitos que contêm vestígios do Paleolítico Superior e gravuras com características morfoestilísticas da fase gráfica mais antiga do Vale do Côa, neste caso existentes na rocha 1 do sítio (AUBRY, SANTOS & LUÍS 2014).

Os restos de fauna descobertos na sondagem realizada na área montante do sítio (Fig. 2), em contexto datado de há cerca de 12.000 calBP, apresentam um estado de preservação que autoriza uma determinação das espécies representadas, permitindo identificar alguns dos mamíferos, aves e peixes explorados durante o fim do Tardiglaciário (GABRIEL & BÉAREZ 2009). A conservação de colagénio em alguns dos ossos permitiu a aplicação do método radiocarbono por AMS em amostras recolhidas neste nível, já datado pela luminescência (AUBRY 2009). As espécies representadas são as seguintes: o Javali, o Veado, a Camurça, o Coelho e o Esquilo, restos de micromamíferos, malacofauna e aves indetermináveis, o Sável e o Escalo ou Ruivaca para os peixes. Um carvão vegetal recolhido na camada 9 da sondagem central (Fig. 2), forneceu uma data de cerca de 23.000 calBP, o que atesta uma ocupação do sítio durante o Solutrense superior, também denunciada por uma lasca de afeiçãoamento com tratamento térmico (AUBRY & SAMPAIO 2009: 82-83). Já a camada 10, subjacente à anterior, datará, provavelmente, de uma fase do Gravettense ainda por caracterizar (AUBRY, SANTOS & LUÍS 2014).

O estudo dos depósitos em contacto com a rocha 1 (SELLAMI 2009) e a detecção das condições geomorfológicas favoráveis à preservação dos depósitos do Plistoceno superior detectadas no fundo do Vale do Côa, bem como no planalto granítico, fundamentaram uma proposta interpretativa da evolução dos processos de deposição de vertente e aluvial no sítio do Fariseu, assim como a sua relação com a sequência de gravação dos grafismos da rocha 1 (AUBRY, SANTOS & LUÍS 2014).

Finalmente, como já se referiu, os trabalhos de escavação confirmaram a existência de vestígios de arte móvel associados a outros elementos contemporâneos das ocupações do fim do Tardiglaciário, nas 3 áreas intervencionadas (montante, central e jusante, Fig. 2, A, B e C). A distribuição espacial e a densidade dos vestígios já permitiram avaliar os limites e o potencial do sítio (AUBRY & SAMPAIO 2009: 61-83) que constitui, desde já, uma referência para o estudo a arte móvel do fim do Plistoceno no Ocidente peninsular.

Parte do conjunto de arte móvel do Fariseu, assim como uma primeira abordagem tecnológica dos traços foram já publicados (GARCÍA & AUBRY 2002; AUBRY 2009; AUBRY & SAMPAIO 2012). Todavia, o estudo pormenorizado e sistemático da totalidade das peças exumadas continuava por fazer, o que com este artigo se pretende colmatar. Nele apresentaremos o estudo integral dos grafismos sobre suportes móveis recolhidos durante as 3 campanhas de escavações (1999, 2005 e

2007), bem como uma discussão do seu lugar e importância no contexto mais vasto da arte móvel e rupestre atribuível ao fim do Tardiglacial, quer da região, quer do Sudoeste Europeu.

3. MÉTODOS E CRITÉRIOS DESCRITIVOS

Durante a escavação, os clastos das camadas 4 à 8 foram sistematicamente lavados e examinados com o objectivo de detectar a existência de traços de origem antrópica. Quando detectados *in situ*, os que apresentavam estes vestígios foram localizados em 3 dimensões com uma estação total. No inventário, as coordenadas sublinhadas correspondem às das peças cujos vestígios gráficos foram identificados já em gabinete. Estas coordenadas correspondem ao centro do quadrado e do pacote sedimentar onde foram recolhidas.

Todas as peças gravadas foram fotografadas e decalcadas diretamente sobre película de polivinilo transparente. Utilizou-se foco luminoso que permitisse uma distribuição rasante da luz num plano perpendicular aos traços que se iam decalcando. Todas as peças foram desenhadas com um auxílio de uma lupa convencional e de uma outra binocular sempre que tal se justificasse. A par do decalque, foi desenhada uma secção das peças à escala natural.

As peças pintadas foram apenas fotografadas, tendo as imagens resultantes sido posteriormente tratadas com o programa informático ImageJ, via o plug-in d-strecth, criado por Jon Harman.

Durante a descrição das peças foram tidos em conta diversos critérios, Na senda de outros autores (LEROI-GOURHAN & BRÉZILLON 1972: 323; TOSELLO 2003: 14-15), para além de apresentarmos as medidas absolutas de comprimento, largura e espessura, classificámos as peças como placas, plaquetas, blocos e seixos. As primeiras correspondem a suportes que dispõem de uma dimensão superior a 20 cm e espessura superior a 4 cm, sendo a peça definida como plaqueta se as dimensões forem inferiores a estes valores; um bloco corresponde a uma peça em que a espessura atinge a metade da segunda dimensão mais grande; um seixo corresponde a um suporte cuja superfície se encontra boleada pelo transporte em meio aquático de tal forma que as suas secções se tornaram circulares ou elípticas. Algumas destas definições clássicas levantam problemas, desde logo porque foram definidas para serem utilizadas sobretudo em suportes calcários. Assim, por exemplo, peças que de acordo com as definições acima referidas não deveriam ser consideradas como bloco, foram por nós consideradas como tal. Assim, na descrição das (raras) peças que se encontram nesta situação, este facto será referido. Outro problema desta classificação prende-se com a distinção entre placas e plaquetas. Na verdade, sendo as dimensões o único critério distintivo, o que hoje nos aparece como plaqueta poderia no passado ter correspondido a uma placa.

Por outro lado, na série que aqui apresentamos ocorrem placas e plaquetas polidas pela água num número limitado de faces, pelo que serão adjetivadas como roladas. Esta ação hídrica deu-se num momento anterior ao aprovisionamento destes suportes pétreos pelos grupos humanos, devendo-se eliminar a hipótese destas peças corresponderem a fragmentos de um suporte rupestre, entretanto fraturado.

Alguns dos problemas referidos acima prendem-se com um outro descritor que tivemos em conta e que se prende com a integralidade das peças. Se por vezes é fácil atestar se uma peça está fracturada após a gravação – caso dos seixos ou das situações em que os traços são interrompidos pelas fracturas ou lascamentos – a natureza da maior parte dos suportes – pequenas lajes de xisto – dificulta de sobremaneira esta inferência; estas situações exigiram uma análise profunda das arestas e a comparação entre todos os elementos do conjunto estudado. Procurou-se ainda a identificação de remontagens no conjunto estudado, algo que se revelou infrutífero.

Ainda relativamente ao suporte é também identificada a natureza geológica do mesmo. No caso presente todas as peças gravadas correspondem a xistos, mais precisamente da formação da Desejosa (RIBEIRO 2001, 14-16). As prospeções revelaram que as variedades petrográficas dos filitos representados no material arqueológico existem localmente. Já as peças pintadas são seixos de quartzito e de granito, ambos disponíveis nos depósitos fluviais do Côa.

As superfícies historiadas são também caracterizadas, discriminando-se a cor, a microtopografia e as características morfológicas das mesmas, assim como a existência de atributos naturais — como veios ou lascamentos — que poderão ter condicionado as composições nelas presentes. Procurou-se também a identificação de sinais de manipulação das peças em fases prévias ou subsequentes à gravação das mesmas — vestígios de fogo, de talhe, de percussão, etc. Para uma rigorosa identificação de sinais de fogo criou-se um referencial experimental composto pelos vários tipos de xisto identificados no sítio (Fig. 3). Estes foram gravados numa parte da superfície, colocados subsequentemente em contacto com o fogo, tendo-se gravado em seguida na parte remanescente da mesma superfície (agora já queimada).

Relativamente à descrição das figurações propriamente ditas, procurou-se na medida do possível individualizar unidades gráficas – conjuntos de traços que denotam um certo tipo de organização interna. Como esta organização só é perfeitamente evidente quando os conjuntos configuram motivos zoomórficos apenas foram inventariadas as unidades gráficas figurativas (animais e antropomorfos). No seguimento da proposta de Tosello (2003, 47), a cada uma destas unidades é atribuído um número composto por duas partes: uma primeira que identifica a placa e uma outra que identifica o motivo. Estes dois números serão precedidos de um acrónimo que identifica o sítio (no nosso caso, Fr) seguido de “m”, de forma a distinguir as figuras executadas sobre suporte móvel das que foram executadas neste mesmo sítio sobre suporte parietal. Assim, Fr_m01-02 identificará a unidade gráfica 2 da peça 1 do sítio do Fariseu. Na descrição das unidades gráficas figurativas adoptou-se a terminologia baseada na nomenclatura anatómica veterinária e humana (SANTOS 2017: vol. II, 5-8). Relativamente à perspectiva, foi adoptada a terminologia de Leroi-Gourhan (1984: 134-135): a figura encontra-se em perfil absoluto quando representada ao longo de um eixo paralelo à longitude do animal, em perfil biangular recto quando a representação alterna vistas do mesmo sujeito observáveis a partir de pontos separados entre si cerca de 90°, em perfil biangular oblíquo quando a diferença entre os pontos de vista se encontra próxima dos 45°; considera-se que a figura se encontra representada em perfil uniangular quando é executada a partir de um único ponto de vista, situado algo atrás ou à frente do sujeito representado. As técnicas de gravação identificadas foram a picotagem (muito raramente e nunca em unidades gráficas figurativas) e a incisão. Dentro desta técnica distinguimos entre figuras definidas por contorno simples e figuras definidas por contorno múltiplo, podendo estas encontrar-se preenchidas interiormente por uma série de traços incisivos justapostos entre si. A este preenchimento chamamos estriado, podendo este ser total ou parcial. Quando na descrição nos referimos a figura estriada estamos a caracterizar uma forma contornada por incisão múltipla e preenchida interiormente.

As unidades gráficas não figurativas serão inventariadas em bloco, após a sua classificação segundo a tabela proposta pelos Sauvet e por Włodarczyk para os signos (1977), complementada por outras chaves não consideradas por aqueles autores (SANTOS 2017: vol. I, 105-106). A adopção de uma tabela criada para o estudo dos signos para estudar este repertório não implica que consideremos todas as unidades que as compõem como signos em sentido estrito. Contudo, como já foi discutido por um de nós, a distinção entre “traços indeterminados” e “signos” é altamente subjetiva, sendo preferível não proceder a esta distinção mas procurar identificar “formas apriorísticas” mesmo onde se observa uma grande densidade de sobreposições de traços (SANTOS 2017:

vol. I, 101-106). Este método tem pelo menos a vantagem de permitir quantificar, mediante valores mínimos, a densidade de gravações não figurativas existentes numa composição. Por exemplo, os valores das peças 9 (1 ugnf), 16 (63 ugnf) e 12 (108 ugnf) traduzem, de facto, a diferença que existe entre as três peças ao nível da quantidade de repertório não figurativo nas peças. Já o número de unidades figurativas numa peça não pode ser diretamente comparado com o das não figurativas, uma vez que este estará, pela sua natureza, sempre inflacionado. Já o número de chaves dá-nos uma ideia da diversidade morfológica do repertório aí presente. Razões de espaço, o elevado estado de fragmentação das peças que aumenta ainda mais a subjetividade do processo de identificação deste tipo de grafismos, bem como o atraso no estudo dos suportes parietais coevos do vale do Côa não nos permitem desenvolver um estudo semelhante ao que procederemos com as unidades figurativas.

Um outro aspecto que devemos ter em conta refere-se à orientação das peças. Como bem referiu Tosello (2003, 17), trata-se de algo de crucial importância para a interpretação das peças, designadamente para a própria identificação dos animais. No nosso caso, foi precisamente a orientação das figuras animais que ditou a das peças; quando duas figuras numa peça usufruem de orientações diferentes foi valorizada a da mais antiga; nos casos mais difíceis experimentámos várias orientações e acabámos por optar pela que nos pareceu mais plausível; obviamente que esta última opção acarreta um grau de subjetividade que, no momento atual da investigação, é inescapável.

4. DESCRIÇÃO DAS PEÇAS

Peça 1 (Fig. 4.1)

Esta peça foi alvo de uma primeira descrição em 2002 (GARCÍA & AUBRY 2002: 165-168), descrição essa que agora se precisa. Trata-se da primeira peça referida na tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 383), não dispondo aí de número de inventário; surge ainda publicada como peça 1 em BAPTISTA 2009: 66. Seixo de xisto de cor cinzenta. Apresenta contorno suboval e secção subtrapezoidal. As superfícies historiadas primam pela planitude, interrompida por alguns relevos que terão condicionado a composição do reverso. Ambas as superfícies apresentam marcas de picotagem ocorridas após a incisão das figuras.

Proveniência: Quadrado L-19.B; U.E. 4; U.A. a. X: 86012,5; Y: 152610,5; Z: 123,7.

Dimensões: 160 mm x 120 x 14 mm.

Anverso: A composição do anverso organiza-se a partir de uma série de três animais dispostos em coluna, ao centro da peça. O primeiro (Fr_m01-1) corresponde a possível bovino estriado orientado para a direita. Apresenta corpo de tendência sub-rectangular; a cabeça se bem que tendencialmente desta forma apresenta distinção entre ganacha e queixo; os dois cornos são rectos e gravados em perfil biangular recto; os quatro membros encontram-se representados em perfil biangular oblíquo.

Abaixo encontra-se outra figura, também totalmente estriada e orientada para a direita (Fr_m01-2); o corpo é de configuração oval e a cabeça, separada por pescoço curto e espesso, é de forma elíptica; os cornos são longos e apresentam ligeira curvatura, dispendo-se em perfil biangular oblíquo tal como as duas patas dianteiras; as posteriores confundem-se; dadas algumas características da figura, pensamos poder identificá-la como capríneo.

Logo abaixo encontra-se o terceiro animal (Fr_m01-3) também estriado e de características esquemáticas; apresenta um corpo de configuração subtrapezoidal; a cabeça é também de tendência subtrapezoidal com os vértices bastante marcados; o pescoço é curto; os cornos apresentam

ligeira curvatura e uma perspectiva biangular recta; apenas um membro anterior foi gravado; os posteriores parecem tenuemente separados e, neste caso, em perfil biangular oblíquo; apresenta ainda cauda curta e caída sobre a nádega; pese este último aspecto e dado o paralelismo com o zoomorfo superior do painel A da rocha 1 da Faia (ROGERIO *et alii* 2010: 423-424), designadamente ao nível da configuração poligonal da cabeça e da disposição dos cornos, interpretamos esta figura como bovino.

À direita destes animais foram gravados outros dois. O que se encontra no topo (Fr_m01-4) é muito semelhante ao anteriormente descrito, orientando-se também para a direita. As diferenças essenciais prendem-se com a existência possível de dois membros anteriores dispostos em perfil biangular oblíquo; a cauda é também curta se bem que desta feita atirada para trás; os cornos aparecem representados em perfil biangular oblíquo.

Abaixo desta figura identifica-se outra figura estriada (Fr_m01-05) com o corpo em forma de feixe e as patas de configuração linear; a extrema simplicidade da figura não nos permite sequer orientar o animal.

No sector esquerdo da superfície identifica-se dois possíveis animais. Em cima observa-se o que poderá corresponder a uma representação de membro posterior e ventre de animal orientado para a direita (Fr_m01-6); em baixo descortina-se possível cavalo com a mesma orientação (Fr_m01-7), cujo corpo se encontra reduzido ao bordo dorsal; a cabeça é definida por dois bordos paralelos, as orelhas são lineares e dispostas em perfil biangular recto e os dois membros anteriores em perfil biangular oblíquo.

Do repertório não figurativo destacamos a existência de uma unidade gráfica da chave Xla abaixo de Fr_m01-06 e uma da IXab junto do limite esquerdo da peça; uma unidade da chave Xlb encontra-se sob Fr_m01-04. Observa-se ainda alguns picotados dispersos sobre a peça.

Reverso: Nesta face a composição aparenta ter sido condicionada por um ressalto natural que atravessa transversalmente a superfície, dividindo-a em dois planos que foram tratados de forma diferenciada pelos gravadores. No primeiro destes, que ocupa cerca de um terço da peça, reconhece-se apenas dois motivos perfeitamente individualizados. O primeiro (Fr_m01-08) corresponde a quadrúpede estriado orientado para a direita, de corpo tendencialmente subtrapezoidal; a cabeça apresenta forma subtriangular, sendo encimada pelas orelhas dispostas em perfil biangular oblíquo; as patas apresentam-se em perfil absoluto, sendo que a posterior se representou atirada para trás, distinguindo-se tenuemente do ventre; a cauda é definida por dois curtos traços horizontais e paralelos entre si; dada a curvatura geral do bordo dorsal, a forma das orelhas e proporção da cabeça, interpretamos a figura como cavalo.

A segunda unidade deste plano corresponde a figuração feminina acéfala (Fr_m01-09); apresenta a nádega pronunciada e o triângulo púbico representado; o corpo encontra-se preenchido por sulcos em forma de s paralelos entre si, ambos os braços estão levantados, não se encontrando o direito preenchido interiormente.

No sector direito da peça três dos quatro motivos identificados encontram-se muito concentrados e pouco individualizados entre si. A figura maior ocupa uma posição central e corresponde a um bovino estriado orientado para a direita (Fr_m01-10); o corpo é maciço e de tendência rectangular se bem que o garrote se encontre bastante pronunciado; a cabeça apresenta tendência oval; os cornos representam-se em perspectiva biangular recta; apenas dispõe de uma pata por par.

Sobrepondo este animal foi gravado, em cima, outro de dimensões mais reduzidas, também estriado e orientado para a direita (Fr_m01-11): o corpo apresenta garupa pronunciada e bordo ventral convexo; a cabeça destaca-se claramente do corpo sendo definida por contorno subtrian-

gular; as duas hastes, curvadas para o exterior, apresentam-se em perspectiva biangular oblíqua; as duas patas traseiras, de forma linear, resolvem-se em perspectiva biangular oblíqua; a cauda é representada por quatro traços subverticais paralelos entre si; este aspecto a par da configuração geral do corpo, da relação proporcional entre este e a cabeça e do sentido da curvatura das armações levam-nos a pensar estarmos perante um vareto.

Abaixo da figura central, e sobrepondo-a parcialmente, foi gravado quadrúpede estriado acéfalo, orientado para a direita (Fr_m01-12); o corpo é tendencialmente rectangular; o membro anterior é sugerido por traço tenuemente destacado do corpo; as posteriores encontram-se representadas em perfil biangular oblíquo, distinguindo-se entre si por traço paralelo a cada uma delas; a cauda é definida pelo prolongamento de alguns dos traços que definem e arrancam da garupa. Sendo morfologia do corpo da figura incontestavelmente a de um cervídeo ou de um capríneo, a ausência de armações impele-nos a interpretá-la como cerva.

O quarto animal gravado corresponde a um auroque posicionado obliquamente e orientado para a esquerda (Fr_m01-13), encontrando-se enquadrado pelo ressalto que atravessa a peça e pela pata traseira de Fr_m01-10; o corpo apresenta bordo dorsal fortemente marcado pelo garrote e pela profunda inflexão do dorso; a cabeça é de configuração genericamente triangular; os cornos representam-se em perfil biangular recto; apresenta apenas um membro por par separados entre si por bordo ventral recto; destaque-se a figuração clara da barbela, a longa cauda atirada para trás e a representação da pelagem dorsal por intermédio de uma série de curtos traços paralelos entre si.

O repertório não figurativo deste lado da peça não é tão objetivamente classificável como o do anverso. A nossa proposta é a seguinte: uma unidade da chave XI atravessa praticamente toda a peça no seu sentido longitudinal, associando-se a Fr_m01-09 e Fr_m01-10; em torno de Fr_m01-08 observa-se seis unidades da mesma chave; à volta de Fr_m01-11 observa-se outras duas, assim como abaixo do ventre de Fr_m01-13. A maior concentração de grafismos deste tipo dá-se no lado esquerdo da peça, sendo plausível a identificação de uma unidade da chave VIIa, uma da IXab, uma da IXb, quinze da XIa, quatro da XIb e três da XIc. Observa-se ainda diversos picotados dispersos sobre a peça.

Peça 2 (Fig. 4.2)

Esta peça foi alvo de uma primeira descrição em 2002 (GARCÍA & AUBRY 2002: 171-173). Trata-se da segunda peça referida na tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 383), não dispondo aí de número de inventário. Corresponde a seixo de forma e secção sub-rectangulares; apresenta uma cor cinzenta; a superfície do anverso é mais regular que a do reverso.

Proveniência: Quadrado L-19.B; U.E. 4; U.A. e. X: 86012; Y: 152611; Z: 123.5.

Dimensões: 160 mm x 115 mm x 25 mm.

Anverso: Observa-se um veado inciso definido por contorno simples, orientado para a direita (Fr_m02-1); apresenta uma cabeça estriada, de forma genericamente triangular, com bordo ventral direito, focinho apontado e ligeiro ressalto na passagem do chanfro para a frente; as hastes apresentam-se em perfil biangular oblíquo; o corpo é alongado e de bordos sub-retilíneos; apenas se representaram os dois membros posteriores, definidos por bordos paralelos e representados em perfil biangular recto.

Nesta face alguns traços mais parecem configurar uma pata traseira com o jarrete representado, o ventre e a pata dianteira de um outro quadrúpede inciso, definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a esquerda (Fr_m02-2).

Ao veado parecem associar-se uma unidade gráfica da chave IXaa, três da XIa e duas da XIc;

abaixo dele e para a esquerda da sua pata observa-se uma da Xlb e outra da Xlc; enquadradas pelas patas de Fr_02-01 e Fr_m02-01 observa-se ainda três unidades da chave Xla.

Reverso: Apenas se identifica um conjunto de traços incisos que aparentam configurar uma unidade gráfica da chave Xla curva e uma da Xlb.

Peça 3 (Fig. 4.3)

Trata-se da peça inventariada com o número 1 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 383). Placa rolada de cor cinzento-azulada. A peça apresenta contorno sub-retangular e secção poligonal. O anverso apresenta superfície irregular e polida pela água, destacando-se nele a presença de um grande lascamento que não condicionou, no entanto, o programa gráfico; a superfície do reverso é irregular e rugosa.

Proveniência: Quadrado D-81; U.E. 4; topo. X: 86025,3; Y: 152586,7; Z: 126.

Dimensões: 205 mm x 160 x 55 mm.

Anverso: a figura que mais se destaca corresponde a cervia estriada orientada para a esquerda (Fr_m03-01). Apresenta cabeça subtriangular encimada por longas orelhas foliformes dispostas em perfil biangular oblíquo; o pescoço apresenta bordos convexos e o corpo é possante, caracterizando-se por dorso e peito rectos, garupa e nádega algo convexas e bordo ventral com ventre recto e cilhadouro convexo; ambos os pares de patas se dispõem em perfil biangular oblíquo, caracterizando-se os membros por coxas e antebraços estriados e de forma triangular e canelas definidas perimetralmente por contorno simples; a cauda é subtriangular.

No interior do corpo do animal anteriormente descrito observa-se pequeno quadrúpede estriado orientado para a esquerda (Fr_m03-02); encontra-se reduzido à cabeça subtriangular e a um corpo minúsculo definido por bordo dorsal reto, nádega convexa e bordo traqueal côncavo; a cabeça é encimada por um par de traços dispostos em perfil biangular oblíquo. As semelhanças entre esta cabeça e as de Fr_m03-01 e Fr_m03-03 autorizam-nos a interpretar esta figura como cervídeo. A sua dimensão reduzida, a par da sua localização no interior de Fr_m03-01, forma de associação que apenas se volta a verificar entre Fr_m66-01 e Fr_m66-02, permite-nos precisar a identificação da figura como um cervato.

As patas dianteiras de Fr_m03-01 sobrepõem cervia estriada orientada para a esquerda (Fr_m03-03); esta apresenta cabeça subtriangular encimada por duas longas orelhas foliformes dispostas em perfil biangular oblíquo; o pescoço é curto e definido por bordo cervical recto e traqueal côncavo; o corpo é de forma sub-rectangular com bordos dorsal e ventral, nádega e peito rectos; o animal dispõe de apenas uma pata por par, sendo a dianteira definida por bordo cranial recto e caudal algo modelado e a traseira por bordo cranial curvo e caudal recto; a cauda é definida por dois bordos rectos, paralelos entre si.

O animal anteriormente descrito sobrepõe capríneo parcialmente estriado orientado para a esquerda e inclinado a cerca de 125° no sentido horário relativamente aos restantes (Fr_m03-04); a cabeça apresenta bordo dorsal e focinho convexos e bordo ventral recto; os cornos são curvos e dispostos em perfil biangular oblíquo; o pescoço é curto sendo definido por bordo cervical recto e traqueal côncavo; o bordo dorsal do tronco é reto e o ventral convexo, assim como o peito e a nádega; as patas são definidas por bordos simples, tendo sido gravadas uma à frente e duas atrás, dispostas em perfil biangular oblíquo.

As restantes incisões configuram unidades gráficas não figurativas: uma da chave Ia, duas da IIIa, uma da IXaa, duas da IXba, uma da IXbb, uma da X, quinze da Xla, seis da Xlb e uma da Xlc. Refira-se ainda a existência de uma série de picotados isolados sobre as peças.

Reverso: apenas se observa uma série de impactos picotados.

Peça 4 (Fig. 4.4)

Trata-se da peça número 2 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 383) e da publicação de Baptista (2009: 104). Corresponde a plaqueta rolada de cor cinzento-azulada. Apresenta atualmente configuração e secção sub-rectangulares. Encontra-se fracturada em todos os seus lados com exceção do topo. Contudo, a avaliar pela centralidade da figura é provável que a peça já dispusesse desta forma quando o gravador a escolheu como suporte. Apenas uma das faces se encontra historiada; esta apresenta uma superfície regular e polida pela água. Apresenta marcas de picotagem ocorridas após a incisão da figura.

Proveniência: Quadrado H-105; U.E. 4; U.A. 9. X: 86012,8; Y: 152608,8; Z: 124,407.

Dimensões: 93 mm x 60 mm x 23 mm.

Para além de três unidades gráficas da chave XIa, apenas foi gravada uma figura definida por contorno oblongo estrangulado ao nível do seu terço superior (Fr_m04-1); o interior é preenchido por traços verticais; em volta da excrescência distal provocada pelo referido estrangulamento irradiam vários traços; esta figura poderá corresponder a um antropomorfo visto de frente. Refira-se que picotados posteriores afectam particularmente a zona da suposta cabeça da figura.

Peça 5 (Fig. 4.5)

Trata-se da peça número 3 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 383). Corresponde a fragmento de seixo de cor castanho-alaranjada; apresenta-se fracturado na base e nos bordos laterais e proximal; atualmente apresenta configuração poligonal e secção semi-elíptica; a superfície remanescente é algo irregular mas lisa; apresenta vestígios de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado G-81; U.E. 4; U.A. 4. X: 86027,508; Y: 152588,361; Z: 123,661.

Dimensões: 55 mm x 110 mm x 11 mm.

Observa-se apenas um grupo de picotados de tamanho diminuto quer em diâmetro quer em profundidade.

Peça 6 (Fig. 5.6)

Trata-se da peça número 4 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 383) e da placa n.º 6 de Baptista (2009: 66, desdobrável). Corresponde a placa cuja variação cromática se estende do cinzento ao vermelho (superfícies); apresenta uma configuração subtrapezoidal e secção sub-rectangular. Uma das faces encontra-se bastante alterada, pouco lhe restando da superfície original; esta, como ocorre na superfície da face oposta, é regular mas algo rugosa. Os dois lados apresentam-se gravados. Apresenta evidências de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado H-106; U.E. 4; U.A. 9. X: 86012,3; Y: 152609,5; Z: 123,5.

Dimensões: 250 mm x 77 mm x 28 mm.

Anverso: Observa-se vários traços incisivos que conformam maioritariamente unidades gráficas não figurativas: uma da chave X, dezassete da XIa, cinco da XIb e sete da XIc. Contudo junto ao bordo direito da peça um conjunto de sulcos (Fr_m06-01) parece definir uma cabeça de veado a bramar; esta orienta-se para a esquerda, dispondo-se obliquamente; apresenta uma configuração triangular; a zona do bordo ventral da cabeça/ goela/ bordo traqueal é definida por vários sulcos curtos e paralelos entre si; o estoque parece sair de uma zona lascada; tecnicamente a figura foi conseguida pela utilização da incisão simples a par do contorno múltiplo. Ao animal parece ainda associar-se uma unidade da chave XIa

Reverso: Apenas se identifica uma unidade gráfica não figurativa da chave XIa e outra da XIc.

Peça 7 (Fig. 4.7)

Trata-se da peça número 5 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 383). Corresponde a plaqueta rolada de cor acinzentada com tonalidades de vermelho; apresenta fracturas antigas em todos os bordos; atualmente dispõe de forma subtrapezoidal e secção sub-rectangular; as superfícies são regulares e lisas; encontra-se queimada no anverso.

Proveniência: Quadrado H-105; U.E. 4; U.A.5. X: 860,13; Y: 152608,5; Z: 125.

Dimensões: 17 mm x 90 mm x 26 mm.

Anverso: observa-se uma unidade da chave Xla incisa e outra da Xlc.

Reverso: Observa-se apenas um conjunto disperso de pequenos picotados, conformando dois conjuntos unidades gráficas não figurativas da chave Xllc.

Peça 8 (Fig. 5.8)

Trata-se da peça número 6 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 383). Corresponde a placa de cor cinzenta; pelo menos as fracturas dos cantos inferior direito e superior esquerdo ocorreram após a gravação; atualmente apresenta uma forma de polígono irregular e uma secção sub-rectangular; as duas faces historiadas apresentam uma superfície algo rugosa e irregular. No reverso observa-se vestígios de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado F-80; U.E. 4; U.A. 5. X: 86026,724; Y: 152587,501; Z: 124,047.

Dimensões: 250 mm x 65 mm x 27 mm.

Anverso: As unidades gráficas figurativas desenvolvem-se a partir do bordo esquerdo da peça; dispõem-se em coluna e orientam-se todas para a direita. A figura que se encontra mais perto da extremidade distal corresponde a um quadrúpede indeterminado (Fr_m08-01), de feição muito esquemática cuja cabeça, de configuração semielíptica, corresponde a um simples prolongamento do bordo dorsal do tronco; este, pese a existência de um pequeno ressalto na zona da garupa, é tendencialmente recto; aparenta possuir duas patas por par, representadas em perfil biangular oblíquo; tecnicamente a cabeça e bordo dorsal do tronco são definidos por incisão simples, sendo utilizado o contorno múltiplo para as patas e o ventre.

A figura abaixo (Fr_m08-02) é sobreposta pela primeira; trata-se da representação estriada dos quartos dianteiros de um veado, em posição de brama; observa-se o bordo cervical côncavo, a cabeça de forma genericamente elíptica, as hastes representadas em perspectiva biangular oblíqua, o bordo traqueal côncavo, o peito anguloso e um membro anterior de forma genericamente recta, tendência interrompida apenas por tênue representação do cotovelo.

Em frente do bordo ventral da cabeça do animal anterior observa-se possível cabeça de fêmea de cabra-montês incisa, definida por contorno simples e duplo na zona da frente (Fr_m08-08); apresenta cabeça triangular, bordo traqueal côncavo e um pequeno corno curto e curvo.

Mais abaixo observa-se cervia estriada (Fr_m08-03) com uma cabeça de perfil triangular bem destacada do corpo por curto pescoço; apresenta ainda duas orelhas em perspectiva biangular oblíqua; um traço que arranca da goela do animal e se vai desenvolvendo paralelamente à pata de Fr_m08-02 pode definir o bordo traqueal, peito e membro anterior do animal que agora tratamos.

Abaixo foi gravada uma cervia estriada (Fr_m08-04) que sobrepõe o veado referido anteriormente; apresenta dorso recto, pescoço longo e afilado e uma cabeça de contorno triangular que parece disposta em perspectiva biangular oblíqua; as duas orelhas ladeiam a nuca, dispendo-se em perfil biangular recto; o membro anterior, projetado para a frente, apresenta antebraço triangular e canela retilínea.

A cerva sobrepõe auroque definido por contorno múltiplo e representado em perfil absoluto (Fr_m08-05); reconhece-se o garrote algo convexo, a cabeça de tendência triangular, a cernelha e o bordo cervical convexos, o bordo traqueal e o peito.

Este sobrepõe uma cerva estriada com um corpo maciço e pescoço longo e delgado (Fr_08-06); a cabeça é de forma tendencialmente triangular e as orelhas aparecem em perfil biangular oblíquo, sendo a direita fugazmente representada; o peito é reto e excessivamente alongado; a pata dianteira é definida apenas por dois bordos rectos, paralelos entre si.

A cerva anterior sobrepõe outra com características semelhantes (Fr_m08-07); refiram-se apenas as diferenças que consistem numa cabeça de forma tendencialmente elíptica e nas orelhas representadas de forma mais clara; as duas patas dianteiras são lineares, dispendo-se em perfil biangular oblíquo.

Uma série de traços incisos completam o repertório desta face. A nossa classificação é a seguinte: em cima, não se associando a qualquer animal, observa-se uma unidade da chave da chave Xlb e uma da Xld; a Fr_m08-01 associam-se duas unidades da chave Xla; a este animal e a Fr_08-02 associa-se uma da chave Xlc; exclusivamente a Fr_m08-02 associa-se uma da chave IIIc; a Fr_m08-02, Fr_m08-03 e Fr_m08-08 associa-se uma da chave X; a Fr_m08-02 e Fr_m08-04 associa-se uma da chave Xla; a Fr_m08-03 associa-se uma da chave Xla; a Fr_m08-04 associa-se uma da chave Xla e duas da Xlb; a Fr_m08-04 e Fr_m08-05 associa-se uma da Xlb; entre Fr_08-04 e Fr_m08-05 observa-se uma da chave Xla e uma da Xld; a Fr_m08-05 associa-se uma da chave IXa; a Fr_m08-05 e Fr_m08-06 associa-se uma da Xlb; a Fr_m08-06 associa-se uma da chave Xla; a Fr_m08-06 e Fr_m08-07 associa-se uma da chave Xlb; exclusivamente a Fr_m08-07 associam-se três da Xla.

Reverso: Observa-se possível cerva incisa, disposta diagonalmente relativamente ao eixo maior da peça, definida por contorno simples (Fr_m08-09). Apresenta cabeça estriada com bordos retos e focinho convexo; as orelhas são lineares e dispostas em perfil biangular oblíquo; o pescoço é longo e afilado; o tronco é de forma sub-rectangular, com bordo dorsal reto e ventral algo convexo; a nádega é também convexa, prolongando-se por um membro posterior linear.

A este animal associam-se uma unidade figurativa da chave IXa, onze da Xla, duas da Xlb, duas da Xlc e duas da XIIIa, todas incisas.

Peça 9 (Fig. 5.9)

Trata-se da peça número 7 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a plaqueta de cor castanha com algumas tonalidades de vermelho; apresenta fracturas antigas em todos os bordos; atualmente apresenta forma subtrapezoidal e secção sub-rectangular; a superfície do anverso é irregular mas lisa; a do reverso é irregular e rugosa, apresentando vestígios de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado H-106; U.E. 4; U.A. 9. X: 86012,4; Y: 152609,4; Z: 123,83.

Dimensões: 71 mm x 110 mm x 18 mm.

Anverso: observa-se um conjunto de picotados finos, organizando-se parte destes numa forma que pode ser identificada como uma unidade gráfica não figurativa da chave XIIIc.

Reverso: Observa-se apenas diversos picotados isolados mais largos e profundos que os da face oposta.

Peça 10 (Fig. 5.10)

Trata-se da peça número 8 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a plaqueta de cor cinzenta fracturada nos bordos terminais e na extremidade direita; apresenta atualmente forma poligonal e secção subtrapezoidal; as superfícies são irregulares e lisas; apresenta vestígios de contacto com o fogo no bordo da extremidade distal.

Proveniência: Quadrado E-81; U.E. 4; U.A. 10. X: 86026,146; Y: 152587,268; Z: 124,456.

Dimensões: 190 mm x 45 mm x 20 mm.

À esquerda observa-se alguns picotados soltos; à direita encontra-se um conjunto de traços incisivos que conformam atualmente uma unidade gráfica não figurativa da chave VIIa, uma da IXb; cinco da XIa, duas da XIIb e uma da XIIc.

Peça 11 (Fig. 5.11)

Trata-se da peça número 9 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a plaqueta de xisto de cor cinzento-acastanhada; apresenta fracturas nos bordos e na extremidade distal; atualmente dispõe de forma e secção subtrapezoidais; as superfícies são irregulares e rugosas.

Proveniência: Quadrado H-81; U.E. 4. X: 86028; Y: 152589,2; Z: 123,3.

Dimensões: 80 mm x 180 mm x 8 mm.

Observa-se um conjunto de sulcos incisivos junto da extremidade proximal; no seu conjunto parecem formar um padrão geométrico de disposição horizontal formado por vários traços rectos e curvos dispostos na horizontal; uma análise mais atenta revela-nos que no sector esquerdo este “padrão” é formado pela justaposição e sobreposição de várias linhas que partindo da base da peça dobram abruptamente para a esquerda, como ocorre, por exemplo, na zona da nádega dos animais estriados; se a isto juntarmos o facto de poder-se aí ver também uma cauda foliforme, podemos considerar estarmos perante os restos de um cervídeo estriado orientado para a esquerda (Fr_011-1).

Para a direita observa-se uma sequência de linhas curvas e rectas que se vão justapondo na diagonal de forma mais ou menos ritmada e de difícil classificação; acima verifica-se a existência uma unidade gráfica da chave XIIb e de uma da XIIc.

Peça 12 (Fig. 6.12)

Trata-se da peça número 10 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a placa cuja variação cromática se estende do cinzento ao castanho-alaranjado (superfícies); apresenta uma configuração poligonal e secção subtrapezoidal. Apenas uma das faces contem gravuras, que se concentram no pouco que resta da superfície original que seria regular e rugosa.

Proveniência: Quadrado G-106; U.E. 4; U.A. 5. X: 86011,5; Y: 152608,8; Z: 124,41.

Dimensões: 312 mm x 140 mm x 36 mm.

Só se observa repertório não figurativo. Isolámos três unidades da chave IXa, duas da IXab, três da IXb, uma da X, trinta e uma da XIa, vinte e nove da XIIb, dezoito da XIIc e vinte e uma da XIIc.

Peça 13 (Fig. 5.13)

Trata-se da peça número 11 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384).

Corresponde a plaqueta com uma variação cromática entre o cinzento escuro e o vermelho; encontra-se fracturada em todos os seus bordos excepto o inferior; mesmo a face oposta pode já não corresponder à original; atualmente apresenta uma forma poligonal e uma secção que varia entre a subtrapezoidal e a poligonal. A superfície é regular e rugosa. Apresenta evidências de ter estado em contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado E-80; U.E. 4; U.A. 4. X: 86026,005; Y: 152586,773; Z: 124,861.

Dimensões: 180 mm x 80 mm x 8 mm.

Apenas se identifica grafismos não figurativos incisos: duas unidades gráficas da chave Xla, duas da Xlb e duas da Xld.

Peça 14 (Fig. 5.14)

Trata-se da peça número 12 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a plaqueta rolada de cor cinzento-escuro; os bordos laterais encontram-se fracturados; um lascamento no bordo inferior incidiu sobre o focinho de um animal gravado no reverso; as superfícies são irregulares (a do anverso é mesmo atravessado por veios de quartzo) mas polidas pela água; atualmente apresenta forma sub-rectangular e secção subtrapezoidal.

Proveniência: Quadrado H-105; U.E. 4; U.A. 9. X: 86013,164; Y: 152608,939; Z: 123,576.

Dimensões: 100 mm x 50 mm x 15 mm.

Anverso: Observa-se um possível animal estriado orientado para a direita (Fr_m14-01); o corpo apresenta bordo dorsal curvo, que se prolonga por possível membro posterior; o bordo ventral é reto, dispondo-se diagonalmente entre o membro pélvico e o torácico; a cabeça não tem um limite bem definido: o bordo dorsal corresponde a uns traços de tendência horizontal ligeiramente recurvados na zona da nuca; bordo ventral consiste num simples prolongamento do ventre, não dispondo o animal de bordo traqueal ou peito; a zona do focinho mantém-se aberta.

Reverso: Foram gravados dois animais estriados, ambos orientados para a direita. Na base da estratigrafia observa-se um cervídeo (Fr_m14-02); apresenta dorso reto e bordo cervical algo encurvado; o pescoço é equilibrado desenvolvendo-se até uma cabeça de forma genericamente triangular e à qual falta o focinho devido à fracturação do suporte a que aludimos anteriormente; as hastes apresentam-se em perfil biangular oblíquo, observando-se no da esquerda as pontas da coroa e uma possível ponta intermédia.

Sobre esta figura foi gravado um quadrúpede (Fr_m14-03) cujo bordo dorsal do tronco é direito, prolongando-se pela cabeça ou pescoço; a ser cabeça possui bordo ventral também direito que inflecte em ângulo recto para o que poderá ser a pata dianteira ou peito; a ser pescoço, esta inflexão dar-se-á para o peito; esta figura utiliza em parte os traços da anterior; este aspecto e os vestígios de sobreposição mais evidentes na zona do chanfro do primeiro motivo confirmam a nossa sequência estratigráfica, pese o facto do tipo de incisão mais fina e menos profunda da segunda figura poder causar a impressão contrária; quanto à espécie do animal, podemos admitir, com muitas ressalvas, que nos encontramos perante um outro cervídeo reduzido ao corpo e parte do pescoço.

Peça 15 (Fig. 6.15)

Trata-se da peça número 14 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a placa rolada de cor cinzento-escuro; apresenta uma forma poligonal que provavelmente se deve aos retoques detectados em parte do bordo esquerdo; as superfícies são irregula-

res — particularmente a do reverso — mas lisas; a do reverso sofreu vários lascamentos não se detectando aí qualquer gravura; a secção é subtrapezoidal.

Proveniência: Quadrado G-81; U.E. 4; U.A. 3. X: 86027,123; Y: 152588,109; Z: 123,829.

Dimensões: 226 mm x 157 mm x 19 mm.

Apenas se identifica repertório não figurativo inciso, que se pode classificar da seguinte forma: uma unidade da chave IIIc, uma da chave VIIa, uma da IXba, uma da IXbb, catorze da XIa, onze da XIIb e onze da XIIc.

Peça 16 (Fig. 6.16)

Trata-se da peça número 15 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a plaqueta de cor cinzenta e tonalidades de vermelho, com forma e secção subtrapezoidais; pelo menos o bordo esquerdo e o proximal estão fracturados; o reverso pode não ser, a avaliar pelo vértice entre este e o bordo direito, o original; a superfície historiada é algo irregular, mas lisa; Aparecem ainda vários picotados efectuados após a gravação das incisões. Observa-se vestígios de contacto com o fogo no bordo esquerdo.

Proveniência: Quadrado F-81; U.E. 4; U.A. 2. X: 86026,218; Y: 152587,296; Z: 124,394.

Dimensões: 155 mm x 47 mm x 20 mm.

Atualmente apenas se observa um conjunto denso de incisões, sobre o qual foram picotados os impactos acima referidos. Dado o estado atual da peça é difícil precisar se o repertório aqui identificado corresponde efetivamente a unidades não figurativas ou a restos de animais. A forte presença de unidades da chave XIIc parece-nos, no entanto, verificável. Sob todas as reservas advindas do estado de fragmentação a peça, descremos as seguintes unidades não figurativas: duas da chave IIIc, três da IXa, uma da IXaa, três da IXb, uma da IXba, três da X, doze da XIa, dezoito da XIIb, dezanove da XIIc e uma da XII d.

Peça 17 (Fig. 6.17)

Trata-se da peça número 16 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a plaqueta de cor cinzenta com algumas tonalidades de vermelho no reverso; encontra-se fracturada nos bordos e na extremidade proximal; o reverso sofreu importante processo de lascamento que conduziu à interrupção de incisões; atualmente apresenta forma subtrapezoidal e secção sub-rectangular; as superfícies são irregulares e rugosas.

Proveniência: Quadrado H-105; U.E. 4; U.A. 2. X: 86012,528; Y:152609,057; Z: 124,162.

Dimensões: 60 mm x 115 mm x 10 mm.

Anverso: observa-se um conjunto de picotados que formam uma unidade gráfica da chave XIIc.

Reverso: observa-se uma série de traços incisos que poderão conformar uma unidade gráfica não figurativa da chave XII d, sobre a qual se encontram três impactos picotados.

Peça 18 (Fig. 6.18)

Trata-se da peça número 17 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a plaqueta de cor castanha fracturada em todos os bordos; possivelmente a superfície do reverso já não corresponde à original; atualmente apresenta forma subtrapezoidal com a extremidade direita arredondada e secção poligonal; a superfície historiada é regular e polida pela água; apresenta vestígios de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado K-106; U.E. 4; U.A. 4. X: 86010,968; Y: 152609,185; Z: 124,664.

Dimensões: 124 mm x 54 mm x 22 mm.

Junto do bordo direito observa-se um conjunto de traços que, com muitas reservas, interpretamos como um membro posterior de quadrúpede inciso orientado para a direita (Fr_m18-01); os bordos são côncavos e divergentes entre si; Para a esquerda desta figura, apenas se observa alguns picotados e uma unidade gráfica incisa da chave XIa.

Peça 19 (Fig. 6.19)

Trata-se da peça número 18 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a seixo de cor cinzento-acastanhada; encontra-se fracturado no canto superior esquerdo, nos bordos esquerdo e inferior e no reverso; atualmente apresenta forma poligonal e secção subtrapezoidal; a superfície é algo irregular mas lisa; apresenta vestígios de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado H-81; U.E. 4. X: 86028,2; Y: 152589,3; Z: 123,5.

Dimensões: 190 mm x 114 mm x 23 mm.

Junto ao canto inferior esquerdo observa-se uma unidade gráfica não figurativa da chave XIc, incisa; sensivelmente ao centro surge uma composição incisa que parece conformada pela justaposição de uma unidade da chave X, uma da XIa, três da XIc e uma da XIIIa.

Peça 20 (Fig. 7.20)

Trata-se da peça número 19 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a plaqueta de cor cinzento-escura; todos os bordos estão fracturados; atualmente apresenta forma e secção subtrapezoidais; os grafismos ocorrem no que resta da superfície original do anverso, que é irregular e lisa; encontra-se ligeiramente queimada no reverso.

Proveniência: Quadrado E-80; U.E. 4; U.A. 4. X: 86026,019; Y: 152586,75; Z: 124,796.

Dimensões: 98 mm x 83 mm x 15 mm.

Apenas se observa grafismos incisos. Junto da extremidade proximal da peça observa-se restos de uma unidade gráfica que, no seu estado atual de conservação, classificamos formalmente como não figurativa da chave IIIa; mais acima observa-se uma da XIb e uma da XIa associada a uma da XIc.

Peça 21 (Fig. 7.21)

Trata-se da peça número 20 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a placa de cor cinzenta; apresenta-se fracturada em todas as faces com exceção do topo; atualmente dispõe de forma poligonal e secção subtrapezoidal; a superfície historiada remanescente é regular e lisa; foi picotada em momento posterior à incisão das gravuras.

Proveniência: Quadrado E-80; U.E. 4; U.A. 9. X: 86026,21; Y: 152586,841; Z: 124,64.

Dimensões: 277 mm x 99 mm x 16 mm.

Apenas se identificam traços incisos que configuram unidades gráficas não figurativas. Isolaram-se uma da chave Ib, uma da IIIc, duas da VIIa, uma da IXab, duas da IXba, uma da IXbb, duas da X, dez da XIa, doze da XIb, quinze da XIc, duas da XIc e uma da XIIIb.

Peça 22 (Fig. 7.22)

Trata-se da peça com o mesmo número da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a plaqueta com uma variação cromática entre o cinzento escuro e o avermelhado (face esquerda); encontra-se fracturada em todos os bordos à exceção do esquerdo; a superfície historiada é regular mas rugosa; atualmente apresenta forma e secção subtrapezoidais.

Proveniência: Quadrado E-80; U.E. 4; U.A. 4. X: 86025,618; Y: 152586,337; Z: 125,01.

Dimensões: 110 mm x 65 mm x 18 mm.

A superfície historiada é dominada pela cabeça de um veado estriado orientada para a esquerda (Fr_m22-01); o seu bordo dorsal apresenta fronte convexa e bem separada do chanfro, de perfil irregular; o focinho é convexo e o bordo ventral apresenta ganacha convexa e queixo reto; apenas se observa com clareza uma haste, restringida ao tronco; o bordo dorsal do pescoço é reto e o traqueal algo convexo na extremidade cranial.

Mais acima observa-se uma figura oblonga cuja forma — muito semelhante à cabeça descrita anteriormente — nos impele a interpretá-la como uma segunda cabeça. Encontra-se também orientada para a esquerda e é definida igualmente por incisão simples e múltipla (Fr_m22-02).

Se rodarmos a peça 180°, observamos um outro animal, também estriado, orientado para a esquerda e algo inclinado para cima (Fr_m22-03); está reduzido ao corpo — de forma oval e ao par de patas traseiras, dispostas em perfil biangular oblíquo, definidas por contorno simples e algo modeladas.

Os restantes grafismos são não figurativos, tendo sido isolados um da chave IXbb, dois da Xla, dois da Xlb e dois da Xlc.

Peça 23 (Fig. 7.23)

Trata-se da peça com o mesmo número da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a plaqueta de cor cinzento-avermelhada; os bordos esquerdo e inferior encontram-se fracturados; o anverso apresenta uma superfície regular mas rugosa; o reverso pode já não corresponder ao original, caracterizando-se pela sua irregularidade; atualmente apresenta forma genericamente poligonal e secção irregular. Apresenta vestígios de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado E-81; U.E. 4; U.A. 4. X: 86025,901; Y: 152586,845; Z: 124,765.

Dimensões: 180 mm x 100 mm x 35 mm.

Junto do bordo esquerdo da peça parecem observar-se duas cabeças e respetivos pescoços de varetos justapostos, orientados em sentidos opostos (Fr_m23-01 e Fr_m23-02). A da esquerda é algo menor que a da direita, se bem que formalmente são muito parecidas, apresentando ambas cabeças de formato triangular; as duas hastes aparecem representadas de forma mais clara em Fr_m23-01, aí se encontrando em perfil biangular oblíquo; na figura da direita apenas se observa com clareza uma haste, se bem que a direita da figura anterior pode bem representar a esquerda desta; as figuras estão de tal forma justapostas que chegam a confundir-se, podendo a cabeça de Fr_m23-01 ser interpretada como orelha da segunda figura. Quer a maior harmonia de uma composição com dois animais, quer os claros paralelos com composição semelhante na gruta do Escoural (fig. 47 de Lejeune, 1995), impelem-nos a defender a hipótese interpretativa aqui apresentada.

Para além destes animais, isolaram-se ainda três unidades gráficas não figurativa da chave Xla, três da Xlb, duas da Xlc e uma da Xld.

Peça 24 (Fig. 7.24)

Trata-se da peça com o mesmo número da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a plaqueta rolada de cor cinzenta, com bordo direito e a extremidade inferior fracturados; o reverso já não corresponde ao original; atualmente apresenta forma subtriangular com a extremidade superior arredondada e secção subtrapezoidal; a superfície historiada é regular e polida pela água.

Proveniência: Quadrado G-106; U.E. 4; U.A. 6. X: 86011,547; Y: 152609,293; Z: 124,239.

Dimensões: 145 mm x 65 mm x 15 mm.

Apenas se observa quatro unidades não figurativas da chave Xlc, incisas.

Peça 25 (Fig. 7.25)

Peça inédita. Corresponde a pequena lasca de cor castanho-acinzentada proveniente da superfície historiada de placa ou plaqueta; como é óbvio, está fracturada em todos os bordos e no reverso; a superfície remanescente é regular e lisa; atualmente apresenta forma subtriangular e secção subtrapezoidal.

Proveniência: Quadrado E-81; U.E. 4; U.A. 3. X: 86026,6; Y: 152587,4; Z: 125.

Dimensões: 21 mm x 35 mm x 3 mm.

Apresenta um conjunto estriado que parece corresponder ao par de membros anteriores de um quadrúpede estriado orientado para a esquerda (Fr_m25-01); o antebraço da pata esquerda é de forma triangular e a canela sub-rectangular; da pata direita só resta a canela, que é definida por contorno simples, apresentando a figuração do cotovelo. Junto à extremidade distal da pata esquerda observa-se ainda possível unidade gráfica não figurativa da chave Xla e outra da Xlc.

Peça 26 (Fig. 7.26)

Trata-se da peça com o mesmo número da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a plaqueta rolada de cor cinzento-azulada, fraturada no bordo esquerdo e na base; apresenta forma triangular e secção sub-rectangular; a superfície historiada é irregular mas lisa; é atravessada por vários veios de quartzito.

Proveniência: Quadrado H-106; U.E. 4; U.A. 4. X: 86012,3; Y: 152609,5; Z: 124,272.

Dimensões: 71 mm x 71 mm x 11 mm.

Observa-se apenas uma pequena forma oblonga conseguida por picotagem, para além de alguns picotados dispersos.

Peça 27 (Fig. 7.27)

Trata-se da peça com o mesmo número da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a plaqueta castanho-acinzentada; encontra-se fracturada nos bordos lateral esquerdo, proximal e, eventualmente, em parte do reverso; atualmente apresenta forma poligonal e secção subtrapezoidal; a superfície do anverso apresenta dois planos distintos, concentrando-se os grafismos no mais elevado, que é liso; apresenta evidências de exposição ao fogo.

Proveniência: Quadrado I-107; U.E. 4; U.A. 7. X: 86012,445; Y: 152610,82; Z: 123,533.

Dimensões: 61 mm x 84 mm x 14 mm.

Observa-se apenas uma unidade gráfica não figurativa da chave Xla e outra da Xlc, ambas incisas.

Peça 28 (Fig. 7.28)

Trata-se da peça com o mesmo número da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a plaqueta de cor cinzento-acastanhada; todos os bordos estão fracturados e mesmo o reverso já não nos parece o original; atualmente apresenta forma e secção trapezoidais; a superfície historiada é genericamente regular e lisa, nela se destacando uma pequena depressão que, contudo, não condicionou a gravação; apresenta ténues vestígios de rubefacção

Proveniência: Quadrado E-81; U.E. 4c; U.A. 1. X: 86025,614; Y: 152587,485; Z: 124,642.

Dimensões: 124 mm x 30 mm x 9 mm.

Infelizmente esta peça encontra-se em estado muito fragmentário. Parece observar-se vestígios da armação de um veado (Fr_m28-01), reduzidas à coroa de uma haste e a ponta de uma outra, e duas unidades gráficas não figurativas da chave Xlb. Junto do canto inferior esquerdo observa-se uma forma estriada de difícil classificação.

Peça 29 (Fig. 7.29)

Trata-se da peça com o mesmo número da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a plaqueta de xisto de cor cinzenta aparentemente fracturada em todos os bordos; atualmente apresenta forma subtrapezoidal e secção sub-rectangular; as superfícies são regulares mas rugosas.

Proveniência: Quadrado H-105; U.E. 4; U.A. base. X: 86012,8; Y: 152608,9; Z: 123,695.

Dimensões: 91 mm x 71 mm x 11 mm.

Apenas se isolaram duas unidades não figurativas da chave Xlc, encontrando-se uma delas associada a uma da Xla; são todas incisas.

Peça 30 (Fig. 8.30)

Trata-se da peça com o mesmo número da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Placa de cor cinzento-escuro com algumas tonalidades de laranja e vermelho; apenas o bordo superior está intacto; atualmente apresenta forma poligonal e secção subtrapezoidal; o reverso pode já não ser o original; a superfície historiada é regular e rugosa; o reverso prima pela irregularidade; apresenta vestígios de rubefacção.

Proveniência: Quadrado H-107; U.E. 4; U.A. 1. X: 86011,886; Y: 152609,5; Z: 124,042.

Dimensões: 245 mm x 86 mm x 15 mm.

Observa-se o corpo e membro anterior de animal estriado orientado para direita (Fr_m30-01), interrompido pelas fracturas dos bordos laterais da peça; acima do conjunto de traços que definem claramente o corpo do animal observa-se sulco que corre paralelo a este e a ele se liga por alguns traços transversais; este conjunto poderá ainda fazer parte do animal constituindo uma banda tal como a que por vezes aparece sobre o dorso destes animais (v. g. Fr_m01-13; Fr_m42-01, ou na arte parietal, em JE16-17 do Vale de José Esteves (SANTOS 2017: vol. II, 281, 283). Na zona inguinal encontra-se representada a bainha do animal; o bordo caudal do membro anterior apresenta uma curvatura que poderá indiciar a prévia existência de uma segunda pata; neste caso, elas encontrar-se-iam gravadas de acordo com uma perspectiva biangular; esta figuração poderá corresponder a veado.

Sobreposta a esta figura e orientada a 90° no sentido anti-horário foi gravada possível cerva (Fr_m30-02) cujo corpo se reduz a uma linha incisa; a cabeça é estriada, longa e esguia, apresen-

tando o seu bordo ventral suave curvatura; a passagem da frente para o chanfro aparece tenuemente representada, o focinho tem uma terminação apontada; as orelhas são longas e esguias encontrando-se gravadas em perspectiva biangular oblíqua.

As restantes unidades gráficas são não figurativas incisas. Foram isoladas uma unidade da chave VIIa, uma da IXaa, uma da IXbb, catorze da XIa, quatro da XIb, cinco da XIc, uma da XId e uma da XIIIb.

A sequência estratigráfica e a orientação dos animais permite-nos levantar a hipótese de que a cerva foi gravada após a fractura da peça, facto que terá conduzido à reorientação desta última.

Peça 31 (Fig. 8.31)

Trata-se da peça com o mesmo número da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a plaqueta de xisto de cor cinzento-acastanhada; encontra-se fracturada em todos os bordos e, muito possivelmente no reverso; atualmente apresenta forma e secção subpoligonais; a superfície historiada é regular e algo rugosa.

Proveniência: Quadrado H-106; U.E. 4; U.A. 8. X: 86012,624; Y: 152609,367; Z: 123,715.

Dimensões: 32 mm x 127 mm x 12 mm.

O motivo mais perceptível encontra-se junto do topo; apresenta forma globular aberta à esquerda e é atravessado por sulco longitudinal sub-rectilíneo; a figura é preenchida interiormente por vários sulcos perpendiculares a este eixo; a banda inferior é ainda atravessada por um esbatido sulco paralelo ao eixo; tecnicamente o limite e o eixo central são conseguidos por uma incisão repetida que origina sulcos profundos e relativamente largos; os sulcos perpendiculares e o paralelo da banda inferior correspondem a incisões mais ténues; em cima à esquerda observa-se o que pode corresponder aos restos de uma figura do mesmo tipo; dela observa-se o limite inferior, um sulco paralelo no interior bem como vários perpendiculares; tecnicamente observa-se o mesmo que na anterior relativamente quer ao limite e eixo quer aos traços perpendiculares. Estas duas figuras são por nós inventariadas como duas unidades gráficas não figurativas da chave IIIa, se bem que a sua identificação como cabeças de animais não pode ser colocada de lado.

Mais abaixo encontra-se o que parecem ser vestígios de um animal inciso, reduzido à sua metade ventral, orientado para a esquerda e inclinado para baixo (Fr_m31-01); é definido por contorno simples e múltiplo; a pata traseira é definida por dois bordos retos e o ventre é convexo; aparenta dispor de duas patas dianteiras estriadas, dispostas em perfil biangular oblíquo.

Isolaram-se ainda uma unidade da chave VIIa, uma da IXa, quatro da XIa, três da XIb, uma da XIc e uma da XId, todas incisas.

Peça 32 (Fig. 8.32)

Trata-se da peça com o mesmo número da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a placa rolada de cor cinzento-acastanhada com algumas tonalidades vermelhas na zona fracturada do bordo esquerdo; encontra-se também quebrada nos bordos superior e inferior; atualmente apresenta forma tendencialmente poligonal e secção subtrapezoidal; as superfícies são um pouco irregulares mas lisas; apresenta vestígios de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado E-81; U.E. 4; U.A. 4.

Dimensões: 265 mm x 120 mm x 30 mm. X: 86025,46; Y: 152587,054; Z: 124,958.

Interrompida pela fractura do bordo esquerdo observa-se uma cabeça estriada de macho de cabra-montês orientada para a direita (Fr_m32-01); o bordo cervical é convexo e o traqueal direito;

a cabeça apresenta uma forma genericamente triangular com um focinho arredondado; os cornos apresentam-se em perspectiva biangular oblíqua, sendo notória no direito a característica curvatura em S; alguns traços abaixo poderão, com muitas reservas, ser interpretados como as patas dianteiras do animal representadas em perspectiva biangular oblíqua.

Ocupando sensivelmente o centro do sector superior da peça observa-se outro animal — muito provavelmente um capríneo — definido por incisão (variantes do contorno múltiplo e simples) orientado para a esquerda (Fr_m32-02); apresenta uma longa e esguia cabeça um pouco encurvada na zona do focinho; os cornos (?) são definidos perimetralmente, encontrando-se representados em perfil biangular oblíquo e atirados para trás.

Para a esquerda deste último parece reconhecer-se outro animal (possível cervo), reduzido ao pescoço e à cabeça (Fr_m32-03); o animal encontra-se estriado, inclinado para cima e orientado para a direita; o pescoço é longo e os seus bordos são direitos; a cabeça apresenta nuca convexa, orelha triangular, fronte convexa, chanfro reto e bordo ventral reto; o focinho é interrompido pelo bordo superior da peça.

Os restantes grafismos são não figurativos, tendo-se isolado doze da chave Xla, quatro da Xlb e dois da Xllb.

Peça 33 (Fig. 8.33)

Trata-se da peça com o mesmo número da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a plaqueta de cor cinzento-escuro; atualmente apresenta forma poligonal e secção subtrapezoidal; encontra-se fracturada no bordo superior e no canto inferior direito; as superfícies são regulares mas rugosas.

Proveniência: Quadrado E-81; U.E. 4; U.A. 2. X: 86025,087; Y: 152586,895; Z: 125,381.

Dimensões: 190 mm x 85 mm x 30 mm.

No sector superior direito observa-se uma cervo estriado orientado para a esquerda (Fr_m33-01); tem um corpo excessivamente possante por comparação com a cabeça; esta caracteriza-se pela pormenorização anatómica; as orelhas, bem delineadas, encontram-se em perfil biangular oblíquo, tal como as patas traseiras; as dianteiras aparecem em perfil biangular recto; as patas apresentam as características coxas e antebraços de forma triangular e as canelas de forma retilínea; a cauda corresponde a um simples prolongamento do bordo da garupa que aqui curva e recurva suavemente.

Abaixo do animal observa-se ainda duas unidades gráficas não figurativas da chave Xlb.

Peça 34 (Fig. 8.34)

Trata-se da peça com o mesmo número da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a plaqueta cuja variação cromática varia entre o cinzento (em particular no reverso) e o avermelhado (em particular no anverso); parece fracturada em todos os bordos e mesmo o reverso pode já não corresponder ao original; apresenta forma e secção subtrapezoidais; a superfície historiada é irregular e lisa; refira-se a existência de alguns lascamentos naturais numa fase prévia à gravação. Apresenta vestígios de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado H-105; U.E. 4; U.A. 9. X: 86012,9; Y: 152609; Z: 124,407.

Dimensões: 160 mm x 42 mm x 7 mm.

Observa-se um conjunto estriado onde se reconhece, interrompido pela fractura do topo, um par de membros posteriores de um quadrúpede orientado para a direita (Fr_m34-01); trata-se do que resta de uma figura estriada; as patas apresentam clara separação entre canela e coxa,

encontrando-se representadas em perfil biangular oblíquo; o ventre é convexo. À volta das patas observa-se vários traços incisivos que parecem configurar uma unidade não figurativa da chave Xla e quatro da Xlc.

Peça 35 (Fig. 8.35)

Trata-se da peça com o mesmo número da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a placa de cor cinzenta com algumas manchas avermelhadas no bordo direito; está fracturada nas extremidades distal e proximal e no bordo direito; a superfície historiada é irregular e lisa; apresenta atualmente forma subtrapezoidal e secção sub-retangular.

Proveniência: Quadrado E-80; U.E. 4; U.A. 1. X: 86025,738; Y: 152586,412; Z: 125,326.

Dimensões: 90 mm x 280 mm x 17 mm.

Observa-se, junto da extremidade distal da peça, a metade caudal de um animal estriado orientado para a direita e disposto na diagonal (Fr_m35-01); as patas foram gravadas segundo uma perspectiva biangular oblíqua; o bordo ventral do corpo é sub-retilíneo; na globalidade o animal parece ter sido dotado de um corpo *grosso modo* rectangular. Observa-se ainda grafismos não figurativos, tendo-se isolado cinco unidades da chave Xla, duas da Xlb e três da Xlc.

Peça 36 (Fig. 8.36)

Trata-se da peça com o mesmo número da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a placa cuja variação cromática se estende desde o cinzento-claro (superfície historiada) até ao cinzento-azulado (núcleo da peça), passando por algumas manchas avermelhadas; apresenta-se fracturada no bordo esquerdo, verificando-se aí uma série de lascamentos. Embora tecnicamente se deva considerar uma placa, o volume irregular da peça aproxima-a de um bloco; a forma é subtriangular e transversalmente apresenta secções que vão do triangular (sectores terminais da peça) ao sub-retangular (centro); a superfície gravada é lisa, pautando-se por uma suave irregularidade.

Proveniência: Quadrado H-105; U.E. 4; U.A. 8. X: 86012,844; Y: 152608,693; Z: 123,749.

Dimensões: 194 mm x 150 mm x 77 mm.

Apenas se identifica repertório não figurativo inciso, tendo-se isolado uma unidade da chave IXba, onze da Xla, dez da Xlb e oito da Xlc.

Peça 37 (Fig. 9.37)

Trata-se da peça 38 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a placa de cor cinzenta com nuances vermelhas; encontra-se fracturada em todos os seus bordos; atualmente apresenta uma forma poligonal e secção *grosso modo* subtrapezoidal; quer o anverso, quer o reverso encontram-se muito lascados; apenas no primeiro resta alguma área da superfície original que seria algo irregular mas lisa, aqui se concentrando as gravuras identificadas; apresenta vestígios de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado G-81; U.E. 4; U.A. 1. X: 86027,4; Y: 152588,87; Z: 124,04.

Dimensões: 320 mm x 130 mm x 70 mm.

Ocupando cerca de 2/3 do comprimento da área gravada, identifica-se uma cerva estriada orientada para a direita e interrompida pelas fracturas inferior e esquerda (Fr_m37-01); deste animal observa-se a cabeça de forma triangular, as orelhas foliformes em perfil biangular oblíquo,

um pescoço longo e adelgado, e parte do dorso de aparente tendência rectilínea. Para a direita deste animal observa-se um conjunto de traços que poderão corresponder aos restos da traseira de um quadrúpede (Fr_m37-02). Finalmente, no sector direito, interrompida pelas fracturas inferior e direita observa-se a traseira de um quadrúpede estriado orientado para a direita (Fr_m37-03); apresenta uma garupa discreta e ventre aparentemente direito; o que resta das patas traseiras aparece em perspectiva biangular. Os paralelos mais fortes que encontramos para estes quartos traseiros correspondem a cervídeos (v.g. CI33-01 da Canada do Inferno [SANTOS 2017: vol. II, 254-255 ou VC01-01 de Vale de Cabrões [SANTOS 2017: vol. II, 287]).

Uma série unidades gráficas não figurativas completam o repertório, tendo-se isolado cinco da chave Xla, três da Xlb e duas da Xlc.

Peça 38 (Fig. 8.38)

Trata-se da peça 39 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a plaqueta de cor cinzenta com tonalidades de castanho; encontra-se fracturada em todos os seus lados, devendo o reverso já não corresponder ao original; atualmente dispõe de forma e secção subtrapezoidais; a superfície original remanescente é regular e algo rugosa; observa-se alguns picotados soltos que, contudo, não afectaram as gravuras; apresenta vestígios de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado F-81; U.E. 4; U.A. 1. X: 86026,9; Y: 152588,87; Z: 124,72.

Dimensões: 190 mm x 70 mm x 15 mm.

Observa-se veado inciso retrospectivo com o corpo orientado para a direita (Fr_m38-01); encontra-se definido por contorno simples, sendo estriado nas zonas do pescoço, cabeça e hastes; a figura está bastante incompleta devido às fracturas laterais e de topo; da cabeça apenas se observa o arranque da ganacha; das armações resta uma virada para trás onde se pode ainda observar uma ponta; o pescoço é longo e encurvado; da pata dianteira só se observa o arranque; as traseiras separadas daquela por bordo ventral convexo, apresentam coxas triangulares e canelas lineares, encontrando-se em perfil biangular oblíquo; o dorso é direito e a garupa tenuemente curva; alguns traços paralelos ao dorso podem representar a pelagem; realce-se a existência de dois deles que, dotados de uma forma meândrica, se vão entrecruzando.

Em baixo observa-se uma forma definida por incisão (variante do contorno múltiplo) de tendência oval disposta na horizontal e aberta à esquerda, tendo sido por nós interpretada como uma cabeça (Fr_m38-02).

O restante repertório é de natureza não figurativa, sendo composto por duas unidades da chave Xla e uma da Xlc.

Peça 39 (Fig. 9.39)

Trata-se da peça 40 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a placa com uma variação cromática que se estende do cinzento-azulado ao vermelho; encontra-se fracturada em todos os seus lados com excepção do bordo direito nos seus dois terços inferiores; mesmo o reverso pode já não corresponder ao original; apresenta atualmente forma e secção subtrapezoidais; a superfície historiada é irregular e algo áspera; apresenta vestígios de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado H-106; U.E. 4; U.A. base. X: 86012,356; Y: 152610,823; Z: 124,469.

Dimensões: 65 mm x 207 mm x 4 mm.

Apenas se isolou uma unidade gráfica não figurativa da chave IXbb, uma da X, uma da Xla, uma da Xlb, uma da Xlc e uma da XIIIb, todas incisas.

Peça 40 (Fig. 9.40)

Trata-se da peça 42 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a plaqueta cuja variação cromática vai do cinzento ao vermelho (superfície historiada); encontra-se fracturada em todos os seus lados, podendo o reverso já não corresponder ao original; a superfície historiada é irregular e rugosa; apresenta vestígios de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado H-105; U.E. 4; U.A. 2. X: 86012,865; Y: 152608,952; Z: 124,054.

Dimensões: 140 mm x 55 mm x 25 mm.

Observa-se o que parece corresponder ao corpo de um animal estriado virado para a direita (Fr_m40-01); o dorso é direito e o garrote anguloso; o bordo ventral é rectilíneo.

Mais abaixo observa-se uma unidade gráfica não figurativa da chave Xla e cerca da base da peça uma daquela chave e duas da Xlb, sendo todas incisas.

Peça 41 (Fig. 9.41)

Trata-se da peça 43 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a placa cuja cor varia entre o castanho-avermelhado e o cinzento; o volume é bastante irregular, dispondo a peça de várias faces, sendo que duas (anverso e bordo direito) apresentam grafias; parte da superfície do anverso (o terço superior) poderá ter desaparecido, assim como o bordo proximal e reverso originais; atualmente apresenta forma subtriangular e secção poligonal ao centro da peça.

Proveniência: Quadrado J-104; U.E. 4; U.A. topo. X: 86014,9; Y: 152609,4; Z: 123,7.

Dimensões: 232 mm x 142 mm x 50 mm.

Anverso: Observa-se sensivelmente a meio uma composição que pode ser descrita como uma associação entre uma unidade gráfica não figurativa da chave Xla picotada, duas da Xlb incisas e uma da Xlc, também incisa.

Bordo direito: observa-se dois picotados soltos, um já interrompido pela fractura do reverso; um traço profundamente inciso mas sem qualquer patina poderá ser já decorrente dos trabalhos de escavação.

Peça 42 (Fig. 9.42)

Trata-se da peça 44 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384), e que foi publicada com a mesma numeração por Baptista (2009: 21). Corresponde a seixo de cor cinzenta, fracturado na base, no sector superior direito e em parte do reverso; atualmente apresenta forma poligonal e secção subtrapezoidal com o topo arredondado; as superfícies remanescentes são regulares e lisas.

Proveniência: Quadrado E-80; U.E. 4; U.A. 3. X: 86026,8; Y: 152586,5; Z: 124,94.

Dimensões: 120 mm x 990 mm x 15 mm.

Observa-se apenas um animal orientado para a direita (Fr_m42-01) cuja cabeça desapareceu devido a fractura do suporte; o animal apresenta bordo dorsal rectilíneo e garupa angulosa; esta zona do animal é debruada por uma banda preenchida com traços verticais que poderão representar a pelagem; as patas, dispostas em perfil biangular oblíquo, apresentam coxas e antebraços

triangulares e canelas lineares; o bordo ventral é pronunciado, podendo um traço interior denunciar a distinção cromática da pelagem nesta zona do animal; a cauda é curta e caída sobre a nádega; a cauda e as patas, curtas relativamente à dimensão do corpo, podem indiciar estarmos perante um capríneo.

Peça 43 (Fig. 9.43)

Trata-se da peça 45 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a placa rolada de cor cinzento-clara; o bordo direito encontra-se fracturado; atualmente apresenta forma poligonal e secção subtrapezoidal; as superfícies são irregulares mas boleadas pela água; observa-se vários picotados efectuados após as incisões.

Proveniência: Quadrado H-105; U.E. 4; U.A. 1. X: 86010,359; Y: 152608,939; Z: 124,25.

Dimensões: 205 mm x 135 mm x 43 mm

Individualizam-se três unidades gráficas não figurativas incisadas da chave Xlc.

Peça 44 (Fig. 9.44)

Trata-se da peça 47 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a plaqueta rolada de cor cinzento-azulada; todos os bordos, assim como o reverso, parecem fracturados; contudo, refira-se que o canto entre os bordos lateral esquerdo e superior se encontra boleado pelo que as fracturas deverão ser muito antigas; atualmente a plaqueta apresenta forma e secção subtrapezoidais; a superfície historiada corresponde ao sector direito do anverso (o sector esquerdo lascou), sendo irregular mas lisa.

Proveniência: Quadrado E-81; U.E. 4; U.A. 4. X: 86026,1; Y: 152587,3; Z: 125,15.

Dimensões: 98 mm x 51 mm x 16 mm.

Apenas se isolou quatro unidades gráficas não figurativas incisadas: uma da chave Xla, uma da Xlb e duas da Xlc.

Peça 45 (Fig. 9.45)

Trata-se da peça 48 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a placa de cor castanho-acinzentada com algumas manchas de vermelho; encontra-se fracturada nos bordos laterais; atualmente apresenta forma poligonal e secção subtrapezoidal; a superfície historiada é algo irregular, mas lisa.

Proveniência: Quadrado G-106; U.E. 4; U.A. 7. X: 86011,376; Y: 152609,409; Z: 124,274.

Dimensões: 160 mm x 520 mm x 40 mm.

Apenas se identificou repertório não figurativo, tendo-se isolado uma unidade da chave VIIa, uma da IXb, duas da IXbb, duas da X, dezanove da Xla, quinze da Xlb e quinze da Xlc. Refira-se também a ocorrência de vários picotados soltos.

Peça 46 (Fig. 10.46)

Trata-se da peça 49 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 384). Corresponde a placa de grandes dimensões, aparentemente fracturada nos bordos laterais e distal; apresenta uma variação cromática que se estende do cinzento ao vermelho; atualmente apresenta forma e secção sub-rectangulares; a superfície historiada é regular e rugosa, observando-se alguns lascamentos; apresenta vestígios de ter estado em contacto com o fogo.

Dimensões: 140 mm x 530 mm x 55 mm.

Proveniência: Quadrado G-81; U.E. 4; U.A. 5. X: 86027,017; Y: 152588,372; Z: 123,576.

No topo observa-se o que poderá corresponder a um quadrúpede orientado para a esquerda (Fr_m46-01) e interrompido pelos bordos esquerdo e superior; apresenta bordo dorsal do tronco acentuadamente côncavo com garupa muito angulosa; a nádega é suavemente convexa prolongando-se pelo bordo caudal de um dos membros posteriores; estes encontram-se representados em perfil biangular oblíquo; o ventre é côncavo e o cilhadouro convexo; a leitura dos membros torácicos é bastante difícil: estamos perante duas patas lineares ou apenas está representada uma com volume? Infelizmente esta resposta está condicionada pela fractura da peça nesta zona; pela mesma razão não temos a cabeça do animal que poderia ajudar a identificar a espécie representada; refira-se apenas que a cauda longa e atirada para trás e a angulosidade da garupa podem indiciar-nos estarmos na presença de um bovino; tecnicamente a figura é definida pela incisão, na sua variante do contorno simples.

Os restantes grafismos são de natureza não figurativa, tendo-se identificado duas unidades gráficas da chave VIIa, duas da IXa, uma da X, seis da XIa, quatro da XIIb, três da XIIc e uma da XIIId.

Peça 47 (Fig. 10.47)

Trata-se da peça 50 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a placa cinzento-acastanhada; encontra-se fracturada nos bordos laterais; o reverso pode não corresponder ao original; do anverso só resta a parte que corresponde *grosso modo* ao sector central da peça; atualmente apresenta forma sub-rectangular e secção poligonal; a superfície conservada é regular e lisa, pese embora a existência de alguns lascamentos; apresenta vestígios de contacto com o fogo num dos bordos laterais.

Proveniência: Quadrado G-81; U.E. 4; U.A. Base. X: 86027,326; Y: 152588,59; Z: 123,411.

Dimensões: 260 mm x 100 mm x 25 mm.

A única unidade gráfica possivelmente figurativa corresponde a cabeça incisa, definida por contorno simples e orientada para a direita (Fr_m47-01). O bordo dorsal apresenta fronte e chanfro convexos, separados entre si por ténue estrangulamento, o focinho é apontado e o bordo ventral apresenta ganacha convexa e queixo côncavo. Os claros paralelos formais com algumas figuras mais completas do Vale do Côa, designadamente os do topo e da base de painel da rocha 1 do Tudão (Fig. 15) levam-nos a interpretar esta figura como cabeça de um cavalo.

O restante repertório é de natureza não figurativa, tendo-se isolado uma unidade da chave IXc, sete da XIa, oito da XIIb, três da XIIc e oito da XIIId.

Peça 48 (Fig. 10.48)

Trata-se da peça 51 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a placa de cor cinzenta com largas manchas avermelhadas; encontra-se fracturada no canto inferior esquerdo; atualmente apresenta configuração poligonal (seria subtrapezoidal se não estivesse fracturada) e secção subtrapezoidal; a superfície historiada é regular e rugosa.

Proveniência: Quadrado I-106/107; U.E. 6; limpeza de corte.

Dimensões: 520 mm x 210 mm x 50 mm. X: 86012,7; Y: 152610,6; Z: 123,7.

A única figura zoomórfica identificada corresponde a um quadrúpede inciso orientado para a direita e ligeiramente inclinado para baixo (Fr_m48-01); apresenta cabeça de configuração subtrapezoidal com bordo dorsal convexo, focinho recto bordo ventral com queixo recto e queixada con-

vexa; o bordo cervical é reto, o garrote anguloso, o dorso convexo e a garupa convexa; na nuca encontra-se um traço, encurvado na extremidade distal, que pode corresponder a um corno; a cauda prolonga o bordo dorsal, encurvando após a confluência com a coxa; os dois membros posteriores encontram-se representados em perfil biangular oblíquo, apresentando as coxas uma forma *grosso modo* triangular; a canela direita é definida pelo prolongamento dos bordos da coxa e a esquerda pelo prolongamento do bordo caudal da coxa; o bordo ventral é convexo; as patas dianteiras estão também representadas segundo um perfil biangular oblíquo, nelas observando-se os antebraços de forma subtriangular e as pernas correspondentes a traços simples; o bordo traqueal do pescoço é convexo; pescoço e cabeça parecem corresponder a um veado; contudo, a cauda é demasiado longa para essa espécie.

O restante repertório é não figurativo, igualmente inciso. Isolaram-se uma unidade da chave IIIc, três da chave VIIa, uma da IXab, uma da IXbb, trinta e uma da XIa, treze da XIIb, onze da XIc, oito da XId e uma da XIIIb.

Peça 49 (Fig. 10.49)

Trata-se da peça 52 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a plaqueta de cor castanho-acinzentada; encontra-se fragmentada em todos os seus bordos e, muito possivelmente, no reverso; atualmente a peça apresenta forma e secção poligonais (embora a superfície historiada apresente configuração subtriangular); a superfície historiada é regular e lisa; apresenta vestígios de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado G-81; U.E. 4; U.A. base. X: 86027,7; Y: 152588,6; Z: 123,403.

Dimensões: 81 mm x 124 mm x 19 mm.

Observa-se um conjunto estriado que ocupa toda a superfície historiada, sendo que a maior parte dos sulcos se dispõem paralelamente ao eixo maior da peça, agrupados aparentemente de forma ritmada. Interpretamos estes traços como o interior de um corpo estriado, razão pela qual inventariámos esta unidade como quadrúpede (Fr_m49-01).

Peça 50 (Fig. 10.50)

Trata-se da peça 54 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a placa de cor cinzento-acastanhada; encontra-se fracturada nos bordos laterais e no canto superior esquerdo; atualmente apresenta forma poligonal e secção subtrapezoidal; as superfícies caracterizam-se pela sua rugosidade; a do reverso é bastante irregular, a do anverso é mais regular, pese a existência de alguns lascamentos no sector inferior; apresenta vestígios de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado E-81; U.E. 4; U.A. 7. X: 86027,351; Y: 152588,223; Z: 123,461.

Dimensões: 260 mm x 75 mm x 25 mm.

Anverso: A unidade gráfica mais perceptível corresponde à metade cranial de um capríneo estriado orientado para a direita e interrompido pela fractura do bordo esquerdo (Fr_m50-01); apresenta cabeça de tendência campanular com o focinho arredondado; apenas se representou um corno curvo em perfil absoluto, atirado para trás; o pescoço é longo e de bordos retos; o corpo é definido igualmente por bordos retos; apenas uma pata, definida pelos seus bordos, está representada.

Mais abaixo, em relação de sobreposição parcial com a figura anterior, observa-se possíveis quartos traseiros de quadrúpede inciso, orientado para a esquerda e definido por contorno simples

(Fr_m50-02). Como a figura anterior, encontra-se interrompido pelo bordo esquerdo da peça. O animal apresenta bordos ventral e dorsal retos, sendo a nádega e coxa definida por fissura da peça; as patas traseiras são lineares, dispendo-se em perfil biangular oblíquo.

Acima de Fr_m50-01 observa-se outro capríneo inciso, definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita (Fr_m50-03). A cabeça é de forma subtriangular com bordos dorsal e ventral convexos e focinho apontado; os dois cornos aparecem representados em perfil biangular oblíquo; o corpo é de forma muito esquemática, caracterizando-se pela curvatura do bordo dorsal e pela retidão da nádega; do bordo ventral apenas se observa a zona do cilhadouro, curva; a pata dianteira é de forma triangular e a traseira linear; a zona do bordo traqueal/ peito é definida por fissura da peça.

Mais acima parece ainda observar-se cabeça muito esquemática de um outro capríneo inciso, orientado para a esquerda (Fr_m50-04). A cabeça apresenta bordo dorsal recto, ventral côncavo e ponta do focinho convexa; o bordo traqueal é recto e o corno definido perimetralmente e atirado para trás.

Observa-se ainda uma série de incisões que foram inventariadas como unidades gráficas não figurativas: duas da chave VIIa, duas da IXa, uma da IXaa, uma da IXab, duas da IXb, treze da XIa, quatro da XIIb, seis da Xlc, duas da Xld e uma da XIIIb.

Reverso: Assinale-se apenas a ocorrências de duas unidades gráficas não figurativas da chave XIa, uma da XIIb e duas da XIIIb, todas incisivas.

Peça 51 (Fig. 10.51)

Trata-se da peça 55 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a plaqueta cuja variação cromática se estende do cinzento às tonalidades avermelhadas; encontra-se fracturada em todos os bordos; pelo menos parte do reverso encontra-se também fracturado; atualmente apresenta forma e secção subtrapezoidais; a superfície historiada é bastante irregular e áspera ao toque; a cor avermelhada denota contacto da peça com o fogo.

Dimensões: 164 mm x 46 mm x 29 mm.

Proveniência: Quadrado E-81; U.E. 4; U.A. 3. X: 86025,803; Y: 152586,892; Z: 124,84.

Dois longos traços incisivos interrompidos nos bordos superior e esquerdo podem corresponder aos quartos traseiros de um quadrúpede orientado à esquerda (Fr_m51-1); o traço que eventualmente se poderá identificar com o dorso é rectilíneo encurvando ligeiramente na zona da garupa; o animal disporia de uma nádega direita. Sobre ela observa-se um conjunto de traços incisivos que poderá corresponder à representação da cauda.

Peça 52 (Fig. 11.52)

Trata-se da peça 56 B da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a placa rolada de cor cinzenta com o bordo direito, base e, pelo menos, parte do reverso fracturados; atualmente apresenta forma subtrapezoidal e secção poligonal; a superfície historiada é irregular mas polida pela água; destaque-se um “degrau” que atravessa a peça longitudinalmente dando origem a dois planos distintos; contudo, este aspecto não condicionou a gravação dos motivos como se depreende pela observação da cervia superior cujo pescoço atravessa o referido “degrau”; apresenta vestígios de contacto com o fogo no reverso.

Proveniência: Quadrado I-105; U.E. 4; U.A. base. X: 86013,929; Y: 152609,194; Z: 123,205.

Dimensões: 290 mm x 110 mm x 30 mm.

Junto ao bordo superior observa-se o que resta de um quadrúpede estriado, muito possivelmente orientado para a esquerda (Fr_m52-01); dele restam os dois membros anteriores, parte dos posteriores e o bordo ventral do corpo; as patas estão representadas em perfil biangular oblíquo; a anterior esquerda apresenta antebraço triangular e canela linear.

Sobreposta por esta figura encontra-se uma cerva estriada, orientada para a esquerda (Fr_m52-02); a cabeça apresenta bordo dorsal reto, bordo ventral convexo e focinho apontado; as orelhas, pontiagudas, encontram-se representadas em perspectiva biangular oblíqua; o pescoço é longo e esguio; o bordo dorsal do corpo é recto e a nádega encurvada; a cauda encontra-se reduzida a um traço horizontal; as patas dianteiras, de forma triangular, encontram-se representadas em perspectiva biangular recta; apenas se encontra gravada uma das patas traseiras; o bordo ventral é convexo.

Mais abaixo encontra-se outra cerva estriada (Fr_m52-03), também orientada para a esquerda e numa posição oblíqua; a cabeça apresenta bordo dorsal com uma suave curvatura, bordo ventral mais pronunciado e focinho quase recto (não delimitado); o pescoço é sumariamente representado; o bordo dorsal apresenta uma suave convexidade; o bordo ventral não se encontra representado, pese a existência de algum preenchimento interno do corpo; os membros são semelhantes aos da figura anterior; o par dianteiro está representado em perspectiva biangular recta e o traseiro em biangular oblíqua.

Isolaram-se ainda uma unidade gráfica não figurativa da chave VIIa, uma da IXa, três da IXba, vinte e três da XIa, dez da XIIb, doze da XIc e uma da XIIIb.

Peça 53 (Fig. 11.53)

Trata-se da peça 57 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a plaqueta de cor cinzento-azulada; aparenta estar fragmentada nos bordos laterais e na extremidade distal; o reverso pode já não corresponder à superfície original; atualmente apresenta forma sub-rectangular e secção subtrapezoidal; a superfície é irregular e áspera.

Proveniência: Quadrado I-105; U.E. 5. X: 86013,351; Y: 152609,475; Z: 123,184.

Dimensões: 96 mm x 40 mm x 7 mm.

Observa-se dois conjuntos de traços incisos; um destes conjuntos poderá corresponder a um prótomo muito esquemático de cervídeo, orientada para a esquerda (Fr_m53-01); a ser assim estamos perante uma longa cabeça com bordo dorsal côncavo, focinho recto e bordo ventral com ganacha reta e queixo anguloso e saliente.

Relativamente ao segundo conjunto referido, este corresponde a unidade gráfica não figurativa incisa da chave VIII. Observa-se ainda outras duas unidades da chave XIa, uma delas associada a Fr_m53-01.

Peça 54 (Fig. 11.54)

Trata-se da peça 58 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a seixo de cor cinzenta com algumas tonalidades de vermelho; a extremidade distal e o bordo direito encontram-se fragmentados; atualmente apresenta forma poligonal e secção trapezoidal; a superfície do anverso é regular e lisa, sendo a do reverso regular e rugosa; observa-se ainda alguns picotados em ambas as faces historiadas efectuados após a gravação.

Proveniência: Quadrado H-81; U.E. 4; U.A. 2. X: 86028,4; Y: 152589,4; Z: 123,31.

Dimensões: 120 mm x 75 mm x 28 mm.

Anverso: Observa-se parte do corpo e membros posteriores de um animal estriado orientado para a direita e inclinado para baixo (Fr_m54-01); os bordos dorsal e ventral do corpo são tendencialmente retos, pese embora a garupa se destaque no primeiro; a nádega é algo convexa; as patas traseiras são rectas e apresentam-se em perfil biangular oblíquo. Os paralelos com várias figuras do Côa mais completas, designadamente da rocha 23 da Quinta da Barca (SANTOS 2015: 77, fig. 4) autorizam a que interpretemos esta figura como um cervídeo.

Identificaram-se ainda uma unidade gráfica não figurativa da chave VIIa, duas da IXa (as três associadas ao animal), quatro da XIa e uma da XIIb.

Reverso: Apenas se observa unidades gráficas não figurativas incisas: uma da chave VIIa, uma da IXab, quatro da XIa, três da XIIb e duas da XIc.

Peça 55 (Fig. 11.55)

Trata-se da peça 59 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a plaqueta de cor cinzento-azulada com algumas manchas de tonalidade vermelha no anverso; todos os bordos estão fracturados; atualmente apresenta forma sub-rectangular e secção subtrapezoidal; o anverso encontra-se fortemente lascado, confinando-se os grafismos ao que resta da superfície original, que seria regular mas áspera ao toque.

Proveniência: Quadrado E-80; U.E. 4; U.A. 5. X: 86027,033; Y: 152586,276; Z: 124,301.

Dimensões: 45 mm x 108 mm x 15 mm.

Infelizmente, dado o mau estado de conservação do anverso não é possível verificar se estamos perante uma ou duas unidades gráficas incisas; optámos por considerar a existência de duas não figurativas da chave XIc.

Peça 56 (Fig. 11.56)

Trata-se da peça 61 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a plaqueta de cor cinzento-escuro com algumas tonalidades ferruginosas; todos os seus bordos e, eventualmente o reverso estão fracturados; atualmente apresenta uma forma poligonal alongada e uma secção subtrapezoidal; a superfície historiada é irregular e rugosa.

Proveniência: Quadrado G-81; U.E. 4; U.A. 7. X: 86027,7; Y: 152588,6; Z: 123,488.

Dimensões: 30 mm x 188 mm x 10 mm.

Identificou-se uma unidade gráfica não figurativa da chave XIa, uma da XIIb e uma da XIc, todas incisas.

Peça 57 (Fig. 11.57)

Trata-se da peça 62 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a bloco com uma variação cromática que vai do cinzento (bordos) às tonalidades vermelhas (anverso); destaque-se ainda as concreções ferruginosas existentes no anverso; a peça parece ter-se fragmentado nos bordos e na extremidade proximal entre a gravação do anverso e as picotagens dos bordos laterais; atualmente a peça apresenta forma subtrapezoidal e secção sub-rectangular; o anverso dispõe de uma superfície regular e lisa, correspondente à diáclase do afloramento de onde provém o suporte; os bordos, correspondentes ao plano da xistosidade, são irregulares e ásperos.

Proveniência: Quadrado H-81; U.E. 4; U.A. 2. X: 86027,445; Y: 152588,894; Z: 123,178.

Dimensões: 85 mm x 25 mm x 73 mm.

Anverso: Observa-se um par de unidades gráficas não figurativas incisas da chave IXaa.

Bordo lateral esquerdo: observa-se alguns picotados soltos.

Bordo lateral direito: observa-se alguns picotados soltos, se bem que em menor quantidade que no bordo anteriormente referido.

Peça 58 (Fig. 11.58)

Trata-se da peça 63 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a seixo de cor cinzenta com a base fracturada; atualmente apresenta forma e secção sub-trapezoidais; as superfícies são regulares e lisas.

Proveniência: Quadrado I-107; U.E. 4; U.A. base. X: 86012,3; Y: 152611; Z: 123,62.

Dimensões: 90 mm x 44 mm x 10 mm.

Observa-se o que parece corresponder à figuração muito esquemática da metade cranial de um cervídeo estriado, orientado para a direita (Fr_m58-01). Apresenta um pescoço pronunciado e uma cabeça reduzida a alguns traços ligeiramente curvos, perpendiculares aos que configuram o pescoço; o peito está praticamente ausente; não se representaram as patas.

As restantes incisões parecem formar unidades gráficas não figurativas: uma da chave VIIa, dez da XIa, três da XIIb e duas da XIc.

Peça 59 (Fig. 11.59)

Trata-se da peça 65C da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a plaqueta de cor cinzento-acastanhada; está fracturada em todos os seus bordos e mesmo o reverso pode não corresponder ao original; atualmente apresenta forma sub-rectangular e secção poligonal; a superfície historiada é regular e bastante lisa; observa-se algumas picotagens efectuadas após a incisão dos motivos.

Proveniência: junto da rocha 1; U.E. 5 a 8; crivo.

Dimensões: 88 mm x 38 mm x 18 mm.

A figura que mais se realça corresponde a cerva estriada orientada para a esquerda (Fr_m59-01); Encontra-se reduzida à cabeça e pescoço; da primeira observa-se os bordos ventral e dorsal, ambos retos; o pescoço apresenta o bordo cervical reto e o traqueal convexo; as orelhas, algo esquemáticas, dispõem-se em perfil biangular oblíquo.

As restantes incisões da peça foram classificadas como unidades gráficas não figurativas: uma da chave IXaa, uma da IXb, três da XIa, duas da XIIb e três da XIc.

Peça 60 (Fig. 11.60)

Trata-se da peça 66 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a plaqueta de cor cinzento-acastanhada com algumas manchas avermelhadas; apresenta-se fracturada no sector superior do bordo esquerdo e na base, não correspondendo muito provavelmente o reverso ao original; a superfície historiada é irregular e rugosa; atualmente a peça apresenta forma poligonal e secção sub-rectangular; apresenta vestígios de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado H-81; U.E. 4; U.A. 2. X: 86028,4; Y: 152589,2; Z: 123,116.

Dimensões; 70 mm x 170 mm x 13 mm.

Na superfície detecta-se possível metade cranial de veado inciso orientado para a esquerda e gravado em posição de brama (Fr_m60-01); o estoque é definido pelo prolongamento do bordo dorsal do corpo, que é de tendência côncava; da haste observa-se ainda o tronco; a cabeça é de forma triangular; o bordo ventral da cabeça é reto e o peito ligeiramente convexo; o focinho é aberto, nele se encontrando três pequenos traços.

Para além desta figura, observa-se vários traços simples incisos que interpretámos como unidades não figurativas: uma da chave VIIa, duas da XIa e duas da XIIb.

Peça 61 (Fig. 11.61)

Trata-se da peça 55b da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a plaqueta de xisto de cor cinzenta com algumas manchas avermelhadas; eventualmente poderá estar fracturada na extremidade distal; a superfície é irregular e algo rugosa; atualmente apresenta forma e secção sub-rectangulares; apresenta vestígios de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado I-107; U.E. 4; U.A. base. X: 86012,645; Y: 152610,663; Z: 123,247.

Dimensões: 25 mm x 130 mm x 4 mm.

Isolaram-se as seguintes unidades gráficas não figurativas, todas incisas: duas da IXa, uma da XIa, cinco da XIIb e uma da XIIc.

Peça 62 (Fig. 12.62)

Peça inédita. Corresponde a plaqueta de cor cinzento-escura; quer os bordos quer o reverso estão fracturados; atualmente apresenta forma poligonal e secção subtrapezoidal; a superfície historiada é regular e lisa; apresenta vestígios de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado I-107; U.E. 4. X: 86020,8; Y: 152597,1; Z: 123,48.

Dimensões: 81 mm x 40 mm x 6 mm.

Isolaram-se as seguintes unidades gráficas não figurativas, todas incisas: quatro da chave XIa, duas da XIIb e duas da XIIc.

Peça 63 (Fig. 12.63)

Plaqueta inédita de cor cinzenta; aparenta estar fracturada nos bordos laterais e superior, assim como no reverso; a superfície historiada está muito lascada; o que resta da original é regular e lisa; atualmente apresenta forma sub-rectangular e secção subtrapezoidal.

Proveniência: Quadrado G/H-92/93; U.E. 4. X: 86020,84; Y: 152598,096; Z: 123,1.

Dimensões: 150 mm x 60 mm x 5 mm.

Apenas se observa uma composição incisa que se caracteriza pela associação de uma unidade gráfica não figurativa da chave XIId com duas da XIIc.

Peça 64 (Fig. 12.64)

Plaqueta rolada inédita de cor cinzento-escura; está fracturada na base, no lado direito e, eventualmente, no reverso; atualmente apresenta forma subtriangular e secção subtrapezoidal; a superfície é irregular mas lisa.

Proveniência: Quadrado H-106; U.E. 4; U.A. 7. X: 86012,2; Y: 152609,8; Z: 123,66.

Dimensões: 63 mm x 29 mm x 11 mm.

Apenas se isolou uma unidade gráfica não figurativa da chave Xlb e três da Xlc, pese embora uma destas possa corresponder à zona da garupa de um animal estriado orientado para a esquerda. Todas as unidades são incisas. Sobre as incisões observa-se ainda uma série de picotados isolados.

Peça 65 (Fig. 12.65)

Peça inédita. Trata-se de fragmento de seixo, de cor cinzenta, fracturado no bordo direito e na base; o reverso apresenta ainda lascamentos junto dos bordos laterais; as superfícies são regulares e lisas; atualmente apresenta forma e secção subtriangulares.

Proveniência: Quadrado H-79; U.E. 3. X: 86029,8; Y: 152587,5; Z: 123,79.

Dimensões: 165 mm x 40 mm x 15 mm.

Anverso: o grafismo mais evidente do anverso corresponde a possível dorso e garupa de um quadrúpede inciso orientado para a direita (Fr_m65-01); o dorso é tendencialmente recto e a garupa convexa; ao nível técnico a primeira corresponde a uma incisão simples e a segunda a uma dupla; este facto poderá, no entanto, dever-se a fractura da ponta do utensílio de gravação.

Verifica-se também a existência de vários traços incisos que parecem configurar unidades gráficas não figurativas incisas: cinco da chave Xla, duas da Xlb e uma da Xld.

Reverso: apenas se isolaram três unidades gráficas não figurativas da chave Xla, quatro da Xlb, uma da Xlc e uma da Xld, todas incisas.

Peça 66 (Fig. 13.66)

Trata-se da peça 81 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a seixo de cor cinzenta com fractura no bordo esquerdo, fractura essa que atinge parte do reverso; apresenta forma oval e atualmente secção poligonal; as superfícies são lisas mas primam por alguma irregularidade, nomeadamente devido à existência de pequenos veios de quartzo ou de lascamentos que conformam degraus.

Proveniência: Quadrado H-79; U.E. 4; U.A. 3. X: 86030,144; Y: 152587,945; Z: 124,04.

Dimensões: 260 mm x 185 mm x 270 mm.

Anverso: A figura que mais se destaca corresponde a uma cerva estriada orientada para a direita (Fr_m66-01); a cabeça encontra-se levantada, apresentando bordo dorsal convexo e ventral com ganacha convexa e queixo côncavo; o focinho também é arredondado; as orelhas – foliformes – encontram-se em perspectiva biangular oblíqua e atiradas para trás; o pescoço é comprido mas proporcional, destacando-se o peito antes da sua chegada aos membros anteriores, reduzidos aos antebraços e representados em perspectiva biangular oblíqua; o bordo ventral do tronco apresenta alguma convexidade; os membros posteriores, reduzidos às coxas, foram igualmente representados em perspectiva biangular oblíqua; o dorso é direito, descendo suavemente até à nádega de contorno retilíneo; a figura denota movimento, representando uma fêmea em atitude de alerta ou a alimentar-se em ramagens altas.

Esta figura sobrepõe figuração de cervato, também estriado (Fr_m66-02); este orienta-se também para a direita, dispondo-se, no entanto, em posição invertida; a cabeça, praticamente sobreposta pelo pescoço e orelhas da figura anterior, é de forma triangular com o focinho arredondado; as orelhas são também foliformes e representadas em perfil biangular oblíqua; o pescoço, sobreposto diretamente sobre o da anterior, é comprido e esguio com uma passagem suave para o dorso; este é direito; a nádega é arredondada; a cauda, de forma oblonga, encontra-se atirada

para trás; ambos os membros são bastante realistas observando-se coxas e antebraços, joelhos nos anteriores e jarretes nos posteriores; encontram-se representados em perspectiva biangular oblíqua; as canelas são lineares; o bordo ventral é convexo; o peito é convexo.

Acima desta composição observa-se um auroque orientado para a esquerda (Fr_m66-03); a cabeça é estriada, apresentando os bordos dorsal e ventral rectos e focinho convexo; a nuca é alteada; os cornos representam-se em perspectiva biangular recta; o bordo dorsal apresenta cernelha reta, garrote subtil e dorso côncavo; o peito é recto, sendo indistinto do bordo traqueal; as patas dianteiras encontram-se representadas em perspectiva biangular recta, dispondo de antebraços triangulares e canelas lineares; o antebraço da pata esquerda é em parte definido por fissura da rocha; o bordo ventral dispõe de ventre côncavo e cilhadouro convexo; as patas traseiras, um pouco mais longas que as dianteiras mas igualmente simples, encontram-se representadas em perfil biangular oblíquo; o corpo, excessivamente longo e possante, é atravessado ao longo do seu eixo maior por sulco subparalelo ao bordo ventral, que arranca a partir da goela.

Identificou-se ainda uma unidade gráfica não figurativa da chave IXb, duas da IXc, cinco da XIa, duas da XIIb, uma da XIIc e uma da XIIIb, todas incisas.

Reverso: Nesta face a única representação animal reconhecível corresponde a uma cervaz incisa orientada para a direita (Fr_m66-04); apresenta uma cabeça de tendência triangular com bordo ventral recto e dorsal com frente convexa e chanfro recto, sendo o focinho apontado; apenas foi representada uma orelha, foliforme e projetada para a frente; o pescoço é conformado por dois bordos retos; o dorso é côncavo e a garupa angulosa; a nádega é direita; as patas traseiras encontram-se representadas em perspectiva biangular oblíqua, sendo as coxas definidas por triângulos invertidos e as pernas lineares; do bordo ventral do tronco apenas se gravou o arranque do ventre, de forma convexa; as patas dianteiras estão representadas em perfil biangular oblíquo; o antebraço direito encontra-se representado por traço curvo; o joelho da esquerda é tenuemente salientado; ao contrário dos membros posteriores, as canelas destes são representadas mediante a incisão de vários traços paralelos entre si.

Esta figura é praticamente sobreposta por e sobrepõe uma concentração densa de traços incisos; entre estes e os restantes que se distribuem pela superfície da peça, isolámos uma unidade gráfica não figurativa da chave Ia, uma da IIc, três da VIIa, três da IXa, duas da IXaa, uma da IXab, três da IXb, catorze da XIa, dezasseis da XIIb e doze da XIIc. Para além destes grafismos, foi ainda inventariada uma unidade picotada da chave XIIc

Peça 67 (Fig. 12.67)

Trata-se da peça 80 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a seixo de cor cinzenta; encontra-se fracturada na base, no bordo esquerdo junto do seu canto inferior e, possivelmente, no reverso; atualmente apresenta forma de segmento de círculo e secção subtrapezoidal com o vértice superior direito fortemente arredondado; a superfície é regular e lisa, sendo atravessada por alguns veios de quartzo que seguem a xistosidade (que neste caso é ligeiramente transversal relativamente ao eixo da peça); o eixo da composição segue precisamente esta xistosidade; refira-se também que o boleamento entre a face superior e o bordo direito permitiu que a composição se prolongasse para este último; alguns picotados foram feitos após a gravação; já os traços largos que se observam no desenho apresentam uma patina fraca e parecem produzidas por arrastamento.

Proveniência: Quadrado G-78; U.E. 4. X: 86029,8; Y: 152586,1; Z: 124,5.

Dimensões: 125 mm x 86 mm x 31 mm.

O centro da peça é ocupado por uma composição conseguida a partir de uma forma estriada longilínea e de bordos biconvexos; o topo é rematado por vários sulcos cuja disposição confere ao conjunto um ar “arboriforme”; apresenta junto à base e de cada um dos lados uma “barbela” transversal e orientada para baixo (pelo menos a do lado esquerdo – que está inteira – é pontiaguda); um pouco mais acima observa-se outras duas barbelas de maiores dimensões e orientadas para cima. Esta composição foi classificada como unidade gráfica não figurativa da chave VIII. À sua esquerda observa-se ainda uma da chave XIa e outra da XIc.

Peça 68 (Fig. 12.68)

Trata-se da peça 78 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a plaqueta de cor cinzenta, fracturada em todos os bordos e no reverso; atualmente apresenta forma e secção subtrapezoidais; a superfície remanescente é algo irregular mas lisa.

Proveniência: Quadrado G-78; U.E. 4; U.A. 3. X: 86027,8; Y: 152586,3; Z: 122,4.

Dimensões: 142 mm x 33 mm x 14 mm.

A figura que mais se destaca corresponde a um quadrúpede estriado (Fr_m68-01) interrompido pela fractura da base; orienta-se para a esquerda; a cabeça apresenta bordo ventral tendencialmente convexo, com saliência angulosa na zona do olhal; os cornos (ou orelhas?) são rectos e representados em perspectiva biangular; entre a nuca e o bordo dorsal do corpo não se observa qualquer distinção, sendo ambos definidos por sulco reto que arredonda ligeiramente na zona da garupa; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; os dois membros anteriores parecem estar figurados (se bem que reduzidos aos antebraços); a ser assim encontram-se em perfil biangular oblíquo; o bordo ventral do corpo é recto e localizado de forma a proporcionar ao animal um corpo longo e esguio, característica que contribui para a dificuldade da identificação da espécie. À direita deste animal observa-se uma forma estriada no interior, interrompida pelas fracturas da direita, topo e base (Fr_m68-2). Interpretamos esta forma como bordo traqueal, peito e flanco de animal estriado orientado para a esquerda.

Refira-se ainda a existência de duas unidades gráficas não figurativas da chave XIa e uma da XIb, todas incisadas.

Peça 69 (Fig. 12.69)

Trata-se da peça 84 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a plaqueta de cor cinzento-clara; encontra-se fracturada em todos bordos e, eventualmente no reverso; atualmente apresenta forma poligonal e secção subtrapezoidal; a superfície historiada é algo irregular mas lisa; observam-se também alguns picotados sobre incisões prévias.

Proveniência: Quadrado F-79; U.E. 4; U.A. 1. X: 86027,8; Y: 152586,3; Z: 122,4.

Dimensões: 106 mm x 50 mm x 36 mm.

O único animal identificado corresponde a prótomo de possível cabra-montês macho definido por incisão simples e orientado para a direita (Fr_m69-01). A cabeça apresenta fronte reta, chanfro, ponta do focinho e bordo ventral convexos; o bordo traqueal do animal é de forma côncava e o peito convexo; este parece prolongar-se pelo bordo cranial do membro torácico; os cornos dispõem-se em perspectiva biangular oblíqua. Posteriormente, a peça foi picotada em vários pontos, afectando particularmente as incisões dos dois grupos de traços referidos atrás.

Na peça isolámos ainda duas unidades gráficas não figurativas da chave VIIa, uma da IXb, uma da IXba, oito da XIa, cinco da XIb, quatro da XIc e uma da XI d, todas incisadas.

Peça 70 (Fig. 12.70)

Trata-se da peça 82 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a plaqueta rolada de cor cinzenta fracturada nos bordos superior, direito, inferior e, possivelmente, no reverso; atualmente apresenta forma poligonal e secção subtrapezoidal; a superfície historiada é algo irregular mas lisa, observando-se vários nódulos de quartzo.

Proveniência: Quadrado G-78; U.E. 4; U.A. 2. X: 86029,68; Y: 152586,49; Z: 123,59.

Dimensões: 147 mm x 63 mm x 13 mm.

O único animal identificado corresponde a um veado orientado para a esquerda, do qual só restam as duas hastes estriadas (Fr_m70-01); de uma delas conserva-se ainda a coroa e a ponta intermédia; da segunda só se observa três pontas da coroa e, muito provavelmente, a terminação da ponta intermédia.

Sobrepondo-se a esta figura surgem restos de outro motivo estriado (Fr_m70-02); pouco se pode dele dizer para além da descrição do seu limite dorsal que é em arco de círculo, podendo corresponder à zona da garupa de um animal orientado para a direita.

Para além destas duas unidades figurativas isolaram-se ainda uma unidade gráfica não figurativa da chave VIIa, sete da XIa e três da XIIb.

Peça 71 (Fig. 12.71)

Trata-se da peça 69 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a fragmento de seixo de cor cinzenta, fracturado nas extremidades distal e proximal, no bordo esquerdo e no reverso; a superfície historiada é irregular e lisa; atualmente apresenta forma e secção subtrapezoidais.

Proveniência: Quadrado H-107; U.E. 4; base. X: 86011,9; Y: 152610,1; Z: 123,91.

Dimensões: 170 mm x 43 mm x 45 mm.

Apenas se identificou repertório não figurativo: uma unidade gráfica da chave XIa, uma da XIIb e quatro da XIIc, todas incisadas.

Peça 72 (Fig. 12.72)

Trata-se da peça 68 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a plaqueta de cor cinzenta e castanha no bordo inferior; está fracturada no bordo direito; a superfície historiada é regular e rugosa; atualmente apresenta forma subtrapezoidal e secção sub-rectangular.

Proveniência: Quadrado E-79; U.E. 4; perfil norte. X: 86027,149; Y: 152585,515; Z: 125,11.

Dimensões: 63 mm x 77 mm x 11 mm.

Apenas se identificou repertório não figurativo, exclusivamente inciso: uma unidade da chave VIIa, três da chave XIa, uma da XIIb e uma da XIIc.

Peça 73 (Fig. 12.73)

Trata-se da peça 83 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a plaqueta de cor castanha e avermelhada (no reverso); aparenta estar fracturada em todos os bordos, devendo o reverso já não corresponder ao original; a superfície historiada é regular e lisa; atualmente apresenta forma poligonal e secção subtrapezoidal; apresenta vestígios de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado H-79; U.E. 3; U.A. X: 86029,4; Y: 152587,4; Z: 123,8.

Dimensões: 76 mm x 38 mm x 10 mm.

Observa-se uma unidade gráfica não figurativa da chave Xla incisa e um conjunto de picotados soltos.

Peça 74 (Fig. 12.74)

Plaqueta inédita de cor cinzenta em que a extremidade distal pode estar fracturada; a superfície historiada é irregular mas lisa; atualmente apresenta forma subtrapezoidal e secção sub-retangular.

Proveniência: Quadrado G-78; U.E. 4; base. X: 86029,466; 152585,991; Z: 124,07.

Dimensões: 40 mm x 92 mm x 6 mm.

Observa-se possível prótomo estriado de cerva, orientada para a direita (Fr_m74-01); o pescoço é longo e definido por bordos algo côncavos; as duas orelhas estão representadas segundo um perfil biangular oblíquo; a cabeça encontra-se levantada e não delimitada, correspondendo apenas a alguns traços sub-horizontais, dispostos de forma subparalela entre si.

Peça 75 (Fig. 12.75)

Trata-se da peça 65A da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a plaqueta de cor cinzento-acastanhada fracturada nos bordos laterais e no proximal; a superfície é irregular e rugosa; atualmente apresenta forma e secção subtrapezoidais.

Proveniência: Quadrado I-106/107; U.E. 5 a 8.

Dimensões: 72 mm x 46 mm x 10 mm.

Observa-se uma série de traços incisos, na sua maioria subparalelos entre si, podendo corresponder a parte do corpo de um animal estriado (Fr_m75-01).

Peça 76 (Fig. 13.76)

Trata-se da peça 75 da tabela 7.1.3.1 publicada por um de nós (AUBRY 2009: 385). Corresponde a placa rolada de cor cinzenta; parece estar fracturada em todos os bordos; a superfície historiada, encontra-se lascada em cerca de um terço, sendo irregular e lisa; atualmente apresenta forma sub-retangular e secção subtrapezoidal; refira-se a existência de um pequeno veio de quartzo que atravessa a placa ao longo de um eixo diagonal entre o primeiro quarto do seu topo e o último da sua base; este veio parece não só ter condicionado a composição presente na peça como também a conservação da mesma.

Proveniência: Quadrado G-92; U.E. 4; U.A. 1. X: 86020,6; Y: 152597,2; Z: 123,59.

Dimensões: 206 mm x 106 mm x 35 mm.

A peça está profusamente gravada e dado o seu elevado estado de fragmentação é muito difícil proceder uma individualização de unidades gráficas tão rigorosa quanto desejável. A nossa proposta, altamente discutível, é a seguinte: no sector inferior esquerdo observa-se o que poderá corresponder ao dorso, garupa e nádega de um animal estriado orientado para a esquerda (Fr_m76-01). A forma da nádega terá sido condicionada pela presença do veio referido acima.

Sobreposta pela figura anterior observa-se o que poderá corresponder às patas dianteiras e bordo traqueal de um animal inciso definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a esquerda (Fr_m76-02); a pata direita apresenta forma linear e a esquerda é definida por dois bordos

rectos, sendo estriada interiormente; os membros dispõem-se em perfil biangular oblíquo; da figura observa-se ainda o bordo cervical convexo e o dorso algo côncavo, localizado já para a direita do veio; a cabeça terá desaparecido devido ao lascamento do suporte; a figura encontra-se estriada na zona do pescoço e do dorso.

As restantes incisões foram inventariadas como unidades gráficas não figurativas: uma da chave VIIa, duas da IXa, uma da IXb, uma da IXba, quinze da XIa, nove da XIIb, nove da Xlc, cinco da Xld e uma da XIIIb.

Peça 77 (Fig. 12.77)

Plaqueta inédita de castanho-acinzentada com manchas vermelhas esparsas; encontra-se fracturada em todos os bordos; atualmente apresenta forma subtrapezoidal e secção poligonal; as superfícies gravadas são irregulares e ásperas; apresenta evidências de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado G-78/79; U.E. 4; U.A. 3. X: 86029,3; Y: 152586,5; Z: 123,7.

Dimensões: 129 mm x 81 mm x 29 mm.

Anverso: Apenas se observa uma série de incisões que parecem conformar as seguintes unidades gráficas não figurativas: três da chave VIIa, duas da IXa, uma da IXab, uma da IXb, dezoito da XIa, vinte da XIIb, nove da Xlc e três da Xld.

Reverso: Isolaram-se as seguintes unidades não figurativas: cinco da XIa, três da XIIb e duas da Xld.

Peça 78 (Fig. 12.78)

Fragmento de plaqueta rolada de cor castanho-acinzentada; encontra-se fracturada em todos os bordos; atualmente apresenta forma e secção subtrapezoidais; a superfície gravada é regular e lisa; apresenta evidências de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado E-81/H-81; U.E. 4. X: 86026,4; Y: 152586,9; Z: 125.

Dimensões: 135 mm x 33 mm x 16 mm.

No lado direito da peça, uma grande concentração de traços incisos parece conformar a garupa de um quadrúpede estriado orientado para a direita (Fr_m78-01). A ele associam-se quatro unidades gráficas incisivas da chave XIIb.

Para a esquerda uma série de outros traços incisos parecem conformar uma unidade da chave IIIc e uma da XIIb. Identificou-se ainda um impacto picotado.

Peça 79 (Fig. 13.79)

Fragmento de plaqueta inédita de cor castanho-acinzentada; encontra-se fracturada em todos os bordos, excetuando parte do superior; atualmente apresenta forma subtrapezoidal e secção sub-retangular; a superfície gravada é irregular e áspera; apresenta evidências de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado J-106; U.E. 4; U.A. 4. X: 86013,7; Y: 152610,8; Z: 124,04.

Dimensões: 81 mm x 44 mm x 8 mm.

A única unidade gráfica figurativa que se destaca corresponde a um quadrúpede estriado orientado para a direita (Fr_m79-01). O troço da cauda comprido e a garupa pouco angulosa permitem a sua identificação com um cavalo; as patas são lineares e dispostas em perfil biangular oblíquo.

Observa-se ainda uma série de unidades gráficas não figurativas incisais: três da chave Xla, quatro da Xlb, uma da Xlc e uma da Xlllb.

Peça 80 (Fig. 13.80)

Fragmento de plaqueta inédita de cor castanha; encontra-se fracturada em todos os bordos; atualmente apresenta forma e secção subtrapezoidais; a superfície gravada é irregular e áspera; apresenta evidências de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado E-81; U.E. 4; U.A. 3. X: 86025,997; Y: 125586,884; Z: 124,947.

Dimensões: 85 mm x 56 mm x 8 mm.

O estado fragmentário da peça não permite descartar com segurança a hipótese de estarmos perante vestígios de uma unidade gráfica figurativa. Contudo, inclinamo-nos por considerar as incisões aqui presentes como pertencentes a unidades gráficas não figurativas: uma da chave IXaa, quatro da Xla, três da Xlb, uma da Xlc e uma da Xld.

Peça 81 (Fig. 13.81)

Seixo de cor castanho-alaranjada; apresenta forma subtriangular e secção irregular. A superfície gravada é regular e lisa; ; apresenta evidências de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado F-80; U.E. 4; U.A. 5. X: 86027,5; Y: 152587,2; Z: 124,33.

Dimensões: 88 mm x 48 mm x 12 mm.

Apenas se observa um conjunto de incisões que aparentam conformar cinco unidades gráficas não figurativas da chave Xla e uma da Xlc.

Peça 82 (Fig. 13.82)

Seixo de cor cinzenta; apresenta forma subtrapezoidal e secção irregular; a superfície gravada é irregular e lisa; apresenta evidências de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado F-80; U.E. 4; U.A. 5. X: 86027,5; Y: 152586,7; Z: 124,35.

Dimensões: 130 mm x 49 mm x 13 mm.

Apenas se observam incisões muito ténues. Isolaram-se uma unidade da chave IXab, oito da Xla, duas da Xlc e duas da Xld.

Peça 83 (Fig. 13.83)

Fragmento de plaqueta de cor cinzenta; apresenta-se fraturada em todos os seus bordos; atualmente dispõe de forma poligonal e secção subtrapezoidal. A superfície historiada é algo irregular e rugosa.

Proveniência: Quadrado F-80; U.E. 4; U.A. 5; X: 86026,538; Y: 152587,017; Z: 124,283.

Dimensões: 86 mm x 46 mm x 8 mm.

Apenas se identificou uma unidade gráfica não figurativa da chave IXab, cinco da Xla, uma da Xlb e duas da Xlc, todas incisais.

Peça 84 (Fig. 13.84)

Esta peça encontra-se atualmente dividida em sete fragmentos; as suas dimensões e o facto

de todos os seus bordos se encontrarem fraturados levam-nos a considerar encontrar-nos perante uma placa, pese embora ao comprimento atual da peça ainda faltarem 15 mm para ser considerada como tal. Apresenta cor castanho-acinzentada e forma e secção irregulares; as superfícies gravadas são irregulares e ásperas; esteve em contacto com o fogo antes da gravação.

Proveniência: Quadrado E-81; U.E. 4. X: 86025,8; Y: 152587,2; Z: 124,8.

Dimensões: 185 mm x 94 mm x 35 mm.

Anverso: Observa-se uma série de incisões que conformam apenas unidades gráficas não figurativas: uma unidade da chave IIIc, três da IXab, duas da X, sete da XIa, quatro da XIb e uma da XIc.

Reverso: Isolaram-se duas unidades gráficas da chave XIa e duas da XIc, todas incisadas.

Peça 85 (Figs. 14.A e 14.B)

Corresponde a seixo de quartzito de cor castanho-alaranjada, de contorno periforme e secção elíptica; as superfícies historiadas são regulares e lisas. A presença de vestígios de pigmento mineral nesta peça foi reconhecida no momento do seu aparecimento. A identificação da figura antropomórfica existente no anverso deve-se, no entanto, a Rodrigo de Balbín e Primitiva Bueno que a observaram, pela primeira vez, após publicação de uma fotografia (AUBRY & SAMPAIO 2003) e no decurso dos trabalhos fotográficos que realizaram sobre esta e outras peças do conjunto do Fariseu.

Proveniência: Quadrado G-79; U.E. 4; U.A. 1. X: 86028,64; Y: 152587,194; Z: 123,598.

Dimensões: 95 mm x 142 mm x 32 mm.

Anverso (Fig. 14.A): esta superfície da peça é marcada pela presença de uma figura antropomórfica (Fr_m85-01). Esta unidades é conformada pela remoção através de raspagem (?) de óxido de ferro de cor vermelho previamente aplicado no centro da peça.

A figura humana apresenta-se em vista frontal, dispendo de longas pernas, tronco de contorno subelíptico e cabeça sub-retangular encimada por forma subtriangular. Os braços são pouco definidos e estendidos paralelamente ao corpo. Em volta dos braços e da cabeça da figura observa-se um raiado, que, contudo, é mais evidente na figura não tratada digitalmente. A técnica adoptada na execução de figura dota-a de uma aparência “estriada”, algo particularmente evidente na fotografia tratada digitalmente.

Reverso (Fig. 14.B): observa-se o que pode ser caracterizado como uma unidade gráfica não figurativa da chave XIc pintada com pigmento da mesma cor que o utilizado na face descrita anteriormente. Neste caso, a unidade gráfica parece ter sido conseguida pela justaposição de traços realizados com um bloco de pigmento mineral de cor vermelha, em forma de lápis, não diluído em água (AUBRY & SAMPAIO 2012 204).

Peça 86 (Fig. 14.C)

Seixo de granito, inédito, detectado durante a observação com lupa binocular dos seixos, efectuada no âmbito deste trabalho. Trata-se de peça de forma suboval com secção subelíptica. Corresponde a granito de duas micas e grão médio, de cor clara; as suas superfícies são regulares e lisas. Dispõe de vestígios de pintura a vermelho nas duas faces, embora só se identifiquem unidades gráficas numa delas.

Proveniência: Quadrado H-106; U.E. 4; U.A. 9. X: 86012,6; Y: 152609,8; Z: 123,83.

Dimensões: 235 mm x 245 mm x 75 mm.

Os vestígios de pigmento são muito ténues, só se apreciando com alguma nitidez o que se encontra na face historiada da peça após tratamento digital das fotos da mesma. Como no caso do anverso da peça descrita anteriormente, os grafismos aqui presentes foram conseguidos pela remoção de partes de uma camada de pintura que se estendia por toda a face da peça.

A figura que mais se destaca corresponde a antropomorfo de corpo linear e membros em arco de círculo, localizado na metade esquerda da superfície, estendendo-se desde o bordo proximal até sensivelmente dois terços da altura da peça (Fr_m86-01); a cabeça parece encimada por arco de círculo de dimensão menor que os membros.

A figura anterior encontra-se algo descentrada porque partilha o espaço disponível com uma outra, neste caso localizada no quadrante superior direito da peça (Fr_m86-02). Esta corresponde a quadrúpede (cervídeo?) orientado para a direita e inclinada para cima; apresenta grosso corpo de formato oval, duas patas dianteiras dispostas em perfil biangular reto e, pelo menos, uma pata traseira; peito e bordo traqueal confundem-se, apresentando configuração reta; da cabeça só se observa com alguma clareza o bordo ventral reto; o focinho parece apontado e o bordo dorsal reto; a cabeça parece ainda ser encimada por duas orelhas ou hastes dispostas em perfil biangular reto.

Peça 87

Seixo, inédito, de quartzo leitoso, de cor branca; apresenta forma subtriangular e secção subtrapezoidal; as superfícies são regulares e lisas, apenas interrompidas por lascamento na face onde se observa vestígios de pigmento.

Proveniência: Quadrado I-106; U.E. 4; U.A. 9. X: 86012,6; Y: 152610,2; Z: 123,66.

Dimensões: 65 mm x 65 mm x 25 mm.

Observa-se no bordo da peça com o lascamento a presença de ténues vestígios de pigmento vermelho de difícil valorização.

Peça 88

Seixo, inédito, de quartzito, de formato subparalelepípedo e cor castanho-alaranjada.; apresenta faces regulares e lisas, assim como sinais de contacto com o fogo.

Proveniência: Quadrado H-105; U.E. 8. X: 86013,2; Y: 152608,9; Z: 123,2.

Dimensões: 32 mm x 32 mm x 46 mm.

Observa-se vestígios de pigmento vermelho de difícil valorização.

Peça 89

Seixo, inédito, de quartzo leitoso, de cor branca; apresenta forma e secção subtrapezoidais; as faces são irregulares mas lisas.

Proveniência: Quadrado I-105; U.E. 8. X: 86013,6; Y: 152609,4; Z: 122,95.

Dimensões: 44 mm x 37 mm x 25 mm.

No canto superior direito observa-se vestígios ténues de pigmento vermelho.

5. CONTEXTO E DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS PEÇAS

A maior parte das peças estudadas são provenientes da camada 4. As exceções são as peças 65 e 73 (exumadas na camada 3), a peça 53 (exumada na camada 5), a peça 48 (exumada na camada 6), as peças 81 e 82 (exumadas na camada 8) e as peças 59 e 75 (provenientes de uma das camadas entre a 5 e a 8).

A camada 4 foi interpretada como um depósito de vertente constituído por placas, plaquetas e blocos, decorrentes da fragmentação por crioclastia dos filitos da Formação da Desejosa, numa matriz aluvial de siltes ou areias finas (SELLAMI 2009; AUBRY *et alii* 2010). O estudo da orientação dos clastos revela a sua distribuição preferencial ao longo do eixo de maior inclinação da vertente (Este/Oeste), resultante de um transporte de amplitude da ordem do decâmetro ao metro, desde os afloramentos rochosos que formam a vertente subjacente à parte escavada do sítio. A ausência de remontagens quer entre as placas e plaquetas com arte móvel, quer entre os vestígios de quartzito talhados, confirmam esta interpretação geológica e revelam uma deslocação dos clastos por gravidade e processos ligados ao frio, durante a sua formação (AUBRY & SAMPAIO 2006).

Relativamente à distribuição das peças da camada 4 (e das que foram registadas como provindo das camadas 5 a 8 dos quadrados I-105 a I-107) pelo sítio, verifica-se que esta se dá de forma *grosso modo* uniforme: trinta e sete das peças provêm do sector montante e trinta e cinco do sector jusante, provindo ainda três do sector central (Fig. 17). O número reduzido de achados neste último sector deve-se apenas ao facto de aqui só se terem escavado 4m² de camada 4, frente aos cerca de 20m² quer do sector montante, quer do sector jusante.

Todavia, apesar de alguns dos vestígios não terem sido posicionados durante a escavação e terem sido localizados *a posteriori* no centro dos quadrados, esta distribuição revela a existência de vários eixos de orientação este/oeste que denunciam a existência de uma deslocação destes materiais ao longo de canais em lupa (Fig. 17).

As peças da camada 3, descobertas numa unidade estratigráfica aluvial atribuída ao início do Holocénico, são: um fragmento de seixo com vestígios de um possível zoomorfo reduzido à garupa e ao dorso (peça 65) e uma plaqueta onde se gravaram apenas unidades gráficas não figurativas (peça 73). É difícil, portanto, valorizá-las.

A peça 53, da camada 5, trata-se de plaqueta fragmentada onde se observa possível cabeça de cervídeo definida por contorno simples. A peça 48, da camada 6, corresponde a placa onde se observa um quadrúpede com algumas características que o apartam dos restantes, designadamente ao nível da ausência de estriado interno ou do carácter geometrante do corpo; outras características aproximam-no, contudo, da maioria das figurações da coleção, designadamente no que toca à perspectiva utilizada na representação das patas ou à ausência de detalhes internos na cabeça. As peças que provêm de um contexto indefinido entre as camadas 5 e 8 correspondem a fragmento de plaqueta estriada com possível prótomo e pescoço estriado de cerva (peça 59) e fragmento de plaqueta com vestígios de possível animal estriado. O repertório figurativo destas peças não se afasta grandemente do presente nas peças exumadas na camada 4. Este aspecto aliado ao facto de todas estas peças terem sido recolhidas numa zona da escavação onde a topografia do afloramento e a organização das camadas não facilitava a distinção entre a base da camada 4 e as restantes (quadrados I-105 e 106/107) não nos permite valorizar uma putativa maior antiguidade destas peças relativamente à maioria da coleção.

Já as peças 88 e 89 — provenientes ambas da camada 8, que resulta de um processo sedimentar semelhante à U.E. 4 mas com mais marcas micromorfológicas de gelo/degelo no solo (SELLAMI 2009) — têm uma origem estratigráfica mais segura. Infelizmente, nestas peças, ambas

correspondentes a seixos, apenas se identificaram vestígios ténues de pigmento vermelho. Elas atestam, no entanto, o uso de pigmentos vermelhos durante uma fase inicial ou média do Magdalenense no Vale do Côa (entre 20.000 e 14.700 calBP).

6. OS SUPORTES

Da camada 3 provêm apenas duas peças fragmentadas: um seixo (peça 65) e uma plaqueta (peça 73), sendo que nesta última se identificaram vestígios de contacto com o fogo após a gravação. Ambas as peças correspondem a xistos da formação da Desejosa.

Da camada 8 provêm dois seixos, ambos pintados. Um deles (peça 81) é de quartzito e apresenta vestígios de contacto com o fogo, sendo o remanescente (peça 82) de quartzo leitoso branco. Neste último observa-se um levantamento intencional.

Das restantes oitenta e cinco peças, 65% estão seguramente fragmentadas após a gravação, facto que poderá provocar uma inflação do número original de plaquetas. Estas, são em número de quarenta e seis (54,1%), nove delas roladas. As placas são em número de vinte e duas (25,9%), seis delas roladas, os seixos são quinze (17,6%) e os blocos dois (2,4%). Os dois blocos identificados são fragmentos, mas dada a sua forma, duvidamos que, mesmo aquando da gravação, pudessem ser classificados como placas ou plaquetas. Relativamente aos seixos, oito dos quinze estão inteiros, existindo ainda um fragmento cujas fracturas poderão ser anteriores à gravação.

Destas oitenta e cinco peças, oitenta e três correspondem a xistos, uma a um seixo de quartzito e uma a um seixo de granito. Todas as peças de xisto são gravadas, enquanto as duas restantes são exclusivamente pintadas. A relação que se verifica entre xistos e gravura e entre suportes não xistosos e pintura é evidente e confirmada igualmente pelas peças da camada 8 já referidas. Esta dupla relação dever-se-á, por um lado, ao facto de ser mais difícil aplicar a incisão a quartzitos e granitos, e por outro ao facto da pintura vermelha ser pouco contrastante no caso dos xistos (AUBRY & LUÍS 2012: 85, Ab. 8). Assim, quando se pretendeu, por alguma razão, utilizar a cor vermelha em xistos, ter-se-á optado por outra solução que não a pintura, solução essa de que falaremos mais à frente.

Cinquenta e três das oitenta e cinco peças (62,4%) encontram-se historiadas em superfícies lisas, trinta delas devido à ação da água. As restantes superfícies são rugosas. Quarenta e sete das peças (55,3%) apresentam uma microtopografia irregular, aspecto que condicionou o programa gráfico em pelo menos duas delas (peças 1 e 76). Estes valores são resultantes do facto da quase totalidade dos suportes se encontrar gravado nos seus planos de xistosidade, contrariamente ao que se verifica na arte parietal que se encontra exclusivamente representada nos planos de fractura das rochas. De facto, apenas num caso — o bloco 57 — encontramos gravuras no plano de fractura, podendo-se, neste caso, levantar-se a hipótese de nos encontrarmos perante restos de um suporte parietal que, depois de partido, terá sido picotado nos seus bordos. Esta preferência pelos planos da xistosidade dever-se-á ao facto destas comunidades escolherem sobretudo formatos pétreos alongados. Ora, formatos deste tipo, com dimensões que permitam a sua portabilidade e onde os lados de maior área sejam os planos de fractura, são raríssimos, senão mesmo inexistentes.

Entre as peças historiadas que nos temos vindo a referir o fogo agiu sobre um número considerável delas — trinta e nove das oitenta e cinco (43,6%), sendo que em dezassete casos (20% do total e 48,9% das queimadas) esta ação se deu antes da gravação. A repartição destas situações pelas áreas escavadas denota um número superior de peças queimadas no sector montante (vinte e cinco peças queimadas [53,2%]), dez delas antes da gravação (40%, das queimadas, 21,3% do

total), frente a treze no sector jusante (34,2% do total), sete delas antes da gravação (53,8% das queimadas, 18,4% do total) e uma no central. O facto de haver mais peças queimadas (e frequência mais elevada) no sector montante que no jusante é compatível com outros vestígios de fogo aí presentes, designadamente a presença das manchas carbonosas na camada 4. Contudo, se tivermos em conta apenas as peças que foram gravadas após o contacto com o fogo, o número de peças de um lado e de outro aproxima-se, o mesmo se verificando com as respectivas frequências. Ou seja, a proximidade do fogo explica a presença mais significativa de peças queimadas nas suas imediações, mas não justifica uma presença mais significativa de peças gravadas depois de queimadas. De facto, independentemente da presença próxima de fogo, as frequências de peças gravadas depois de queimadas são semelhantes.

A considerável presença de suportes queimados antes da gravação será fruto do acaso ou terão estes suportes sido escolhidos por alguma razão particular? Continuemos a análise. Vinte e uma das peças queimadas (53,8%) apresentam unidades gráficas figurativas, aumentando a frequência de peças com unidades gráficas figurativas se apenas tivermos em conta as peças gravadas depois de queimadas (64,7%). O confronto destes dois valores com a frequência de peças com unidades figurativas — 54,1% (quarenta e seis das oitenta e cinco peças) — mostra-nos que se o número de peças queimadas com unidades figurativas é expectável, o número de peças com unidades figurativas que foram gravadas depois de terem sido queimadas é bastante superior ao esperado. Esta observação pode ser evidência de uma relação entre peças gravadas depois do contacto com o fogo e a presença de unidades gráficas figurativas. Não queremos com isto advogar que as peças foram deliberadamente queimadas antes de serem gravadas, mas sim que muitos suportes foram escolhidos porque tinham características, designadamente cromáticas, que lhe foram dadas pelo contacto com o fogo. De facto, a experimentação mostrou que os traços gravados sobre peças previamente queimadas se veem muito melhor (Fig. 3). Por outro lado, a gravação sobre suportes rubefatos não andarão longe, do ponto de vista técnico e, em certa medida, do resultado, da forma como foram conformadas as unidades gráficas das peças pintadas. A escolha de suportes rubefatos pode ter sido assim a forma alternativa à pintura de se utilizar a cor vermelha em xistos. Em abono desta hipótese será de referir que no sítio coevo de Pont d'Ambon foram igualmente identificados alguns ossos queimados antes da gravação, tendo tal facto sido explicado como resultado de uma estratégia para melhorar a legibilidade das gravuras aí presentes (PAILLET & MAN-ESTIER 2014: 153).

Dezassete peças (20 %) são historiadas em duas das suas faces e uma em três. Esta última (57), corresponde a bloco onde se encontram apenas duas unidades gráficas não figurativas da chave IXaa na superfície de diáclase e picotados dispersos nos bordos laterais. Relativamente às dezassete primeiras, cinco delas apenas dispõem de repertório não figurativo (peças 7, 9, 17, 41, 77 e 84). Das restantes onze, sete (peças 2, 3, 6, 50, 54,85 e 86) apenas dispõem de unidades gráficas figurativas num dos lados. Apenas quatro peças possuem unidades gráficas figurativas em dois dos seus lados.

No conjunto que agora tratamos encontra-se a única situação que identificámos como resultante de uma regravação de uma peça previamente fraturada. Trata-se da placa 30, onde foi gravada cerva (Fr_m30-02) paralela ao eixo maior atual da peça. Esta figura sobrepõe o corpo de Fr_m30-01, que se orienta perpendicularmente relativamente àquela. O facto de se encontrar reduzida ao corpo e ao antebraço permite-nos saber que a peça está fraturada e que provavelmente o eixo maior seria o que agora nos aparece como menor. A orientação da figura mais recente adequa-se assim à nova configuração da peça. Recorde-se que este fenómeno foi identificado em outras coleções de arte móvel, designadamente no Périgord (TOSELLO 2003: 15). Ele demonstra

que, pelo menos no caso de algumas peças, a sua relevância não acaba com a sua fracturação. A história complexa destas peças é também evidenciada pelo estudo morfotécnico de que falaremos em seguida.

7. ANÁLISE TÉCNICA E FORMAL

Do ponto de vista da técnica, a coleção estudada é constituída na sua grande maioria por peças exclusivamente gravadas, em número de oitenta e quatro. Duas delas (peças 65 e 73) provêm da camada 3.

As restantes peças gravadas devem ser *grosso modo* contemporânea entre si e de duas das peças pintadas. A incisão é a técnica mais recorrente, apenas não se tendo identificado em três peças (5, 9 e 26). Nas peças 5 e 26 apenas se observa picotagens isoladas. Tratando-se ambas as peças de fragmentos, podemos aventar a hipótese de que originalmente teriam outros tipos de grafismos, tal como ocorre nas restantes dezassete peças onde aparece este tipo de vestígios. Estes impactos, porquanto só aparecem duas vezes não associados a outro tipo de grafismos (correspondendo ambos os casos a fragmentos de peças), devem relacionar-se de forma íntima com as evidências gráficas. O seu significado escapa-nos, podendo não fazer parte do programa gráfico propriamente dito, mas sim resultar das atividades específicas que envolviam a manipulação destes objetos. Mais que dotados de um significado intrínseco, seriam resultado de “ações instrumentais” desenvolvidas no(s) contexto(s) de uso destas peças (LAYTON 2001: 311-312).

Contudo, a técnica da picotagem não se restringe ao tipo de vestígios referido acima, tendo sido utilizada também para a configuração de unidades gráficas não figurativas. Na placa 41 a picotagem está identificada, a par da incisão múltipla, na configuração de uma unidade da chave Xla. Mas é na configuração das unidades da chave Xllc que a picotagem é crucial, ocorrendo unidades desta chave nas peças 7, 9, 17 e 66. Dada a dimensão dos impactos que conformam estas unidades e a regularidade das suas formas, é possível inferir-se o uso da percussão indireta na sua configuração.

A incisão é, no entanto, e como referido já, a técnica de gravação predominante, sendo as oitenta e oito unidades gráficas figurativas gravadas da camada 4 exclusivamente executadas com esta técnica. A maior parte destas unidades apresenta o interior estriado, total (70,5%) ou parcialmente (14,8%). Apenas treze unidades gráficas figurativas (14,8%) não apresentam o interior estriado. Estas correspondem sempre a figuras muito incompletas (Fr_m02-02, Fr_m08-08, Fr_m18-01, Fr_m22-02, Fr_m32-02, Fr_m47-01; Fr_m53-01; Fr_m69-01) ou escassamente definidas (Fr_m08-01; Fr_m08-05, Fr_m46-01; Fr_m50-02, Fr_m50-03). No caso das figuras estriadas é difícil, em muitos casos, distinguir se estamos perante figuras definidas por contorno simples ou múltiplo, uma vez que limites e preenchimento das figuras são efetuados com a mesma técnica. Num par de casos, contudo, o limite aparece definido por uma densidade relativamente maior de traços (Fr_m08-02 e Fr_m14-02). No caso das figuras não estriadas, nove são definidas, pelo menos parcialmente, por contorno duplo ou múltiplo (Fr_m02-02, Fr_m08-01, Fr_m08-05, Fr_m08-08, Fr_m22-02, Fr_m32-02, Fr_m50-02, Fr_m50-03, Fr_m69-01), sendo as restantes quatro por contorno simples (Fr_m18-01, Fr_m46-01, Fr_m47-01, Fr_53-01).

Os estudos experimentais demonstraram que é muito difícil, dado o polimorfismo das secções identificadas nos traços das peças analisadas, identificar a matéria-prima lítica do utensílio de gravação utilizado na execução das unidades gráficas do Fariseu (AUBRY & SAMPAIO 2012: 195-199), tendo-se apenas confirmado o uso do quartzo na peça 32 e do sílex na peça 42 (*idem*: 199). Na base do polimorfismo dos traços estará o grau de dureza e irregularidade das superfícies

cies dos suportes (*idem*: 199). Estes aspectos estarão também por trás de uma diferença que se verifica entre animais definidos por contornos mais contínuos (v.g. peça 1) e outros mais descontínuos (v.g. peça 22). Contudo, ocorrem casos onde animais diferenciados, quanto à continuidade dos contornos e à secção dos traços que os definem, ocorrem na mesma superfície (v.g. anverso da peça 8), o que denota genealogias mais complexas em algumas peças. De facto, Fr_m08-01, Fr_m08-02, Fr_m08-04, Fr_m08-05 e Fr_m08-08 são definidas por sulcos de secção quadrangular enquanto Fr_m08-03, Fr_m08-06 e Fr_m08-07 o são por sulcos de secção média em V (AUBRY & SAMPAIO 2012: 190). Recorde-se que as sobreposições e as diferentes orientações dos motivos da peça 30 já denunciavam uma utilização da peça em pelo menos dois momentos distintos, separados entre si pela fratura do suporte.

Paralelamente à relativa uniformidade técnica do repertório figurativo observa-se igualmente uma acentuada uniformidade morfológica. Se já nos referimos ao preenchimento total ou parcial dos corpos em 85,3% das unidades gráficas, será de destacarmos outros aspectos que são dominantes no conjunto estudado, independentemente do tema animal representado.

Um destes prende-se com a forma dos corpos, sempre redutível a uma figura geométrica, seja ela de configuração oval (três casos), semioval (sete casos) ou trapezoidal (trinta e dois casos). Num caso o corpo restringe-se a um traço, em dois é fusiforme e em dois pode ser descrito como definido por bordos dorsal e ventral em forma de S, paralelos entre si. Em trinta e nove situações não se pode caracterizar o corpo, seja porque a unidade se resume ao prótomo (seis casos), seja porque o animal foi gravado de forma muito incompleta (dois casos), seja porque a fracturação do suporte afetou a zona do corpo dos animais representados (trinta e um casos).

Foi possível estudar a cabeça de cinquenta e duas unidades gráficas, todas caracterizadas pelo seu geometrismo e pela prática ausência de detalhes anatómicos (97,7% dos casos). De facto, apenas em Fr_m60-01 se pode levantar a hipótese de aí se encontrar representação de narina e boca e em Fr_m69-01 de eventual narina. Sempre que temos hastes ou orelhas representadas, estas surgem maioritariamente em perfil biangular oblíquo (27 — 63,6%), a que se segue o perfil absoluto (9 — 20,5%) e finalmente o biangular reto (7 — 15,9%).

Foi possível analisar os membros de cinquenta e três unidades gráficas. Em vinte e sete delas (50,9%) observa-se uma distinção entre antebraços/coxas e canelas (em catorze casos a canela é linear, em nove é definida pela continuidade dos bordos das coxas/ antebraços e em quatro casos é impossível distinguir entre as duas modalidades anteriores, porquanto a zona da canela desapareceu); nas restantes vinte e cinco unidades, treze apresentam os seus membros definidos por dois bordos, sendo em treze representados por um traço simples. No caso do perfil das patas, a perspectiva biangular oblíqua está presente em pelo menos trinta e dois casos dos cinquenta e dois casos possíveis de averiguar (61,5%), dois deles em paralelo com a perspectiva biangular reta, que no total foi identificada cinco vezes (9,4%); a utilização exclusiva do perfil absoluto foi atestada em apenas quinze casos (28,3%). Refira-se que em dois casos não é possível perceber se os membros estão em perfil biangular oblíquo ou recto, ou seja, 71,7% das unidades gráficas que foram gravadas com patas, tendo estas chegado até nós, apresentam-nas em perspectiva “distorcida”.

Em conclusão, as características formais e morfossomáticas das figuras animais documentadas na arte móvel do Fariseu respondem a um morfótipo geral em que se verifica uma adequação gráfica a um esquema de configuração básico que tende a repetir-se e a formalizar-se. Assim, podemos dizer que o “retrato-tipo” das figuras animais gravadas da coleção de arte móvel do Fariseu corresponde a um quadrúpede inciso, de corpo geométrico e preenchido interiormente, com cabeça sem detalhes internos, e que dispõe, pelo menos, de um par de patas em perfil biangular. Estas patas tenderão a ser representadas em perfil biangular oblíquo e de forma a distinguir-se

antebraços e coxas de canelas, sobretudo mediante a representação destas últimas por um traço linear. As orelhas e hastes dos animais tendem também a ser representados em perfil biangular, recto no caso dos cornos dos auroques e oblíquo no caso dos restantes, tendência que se afirma no caso das orelhas das cervas.

Apenas mais duas unidades figurativas gravadas foram reconhecidas no Fariseu: dois antropomorfos. Estes são ambos incisos e preenchidos interiormente por incisões. Tal como no caso dos animais, as suas cabeças não dispõem de detalhes internos. Frente a estas semelhanças, um encontra-se visto de perfil (Fr_m01-09) e outro de frente (Fr_m04-01). Este último, como veremos no momento próprio, apresenta paralelos evidentes com figuras datadas, diretamente ou por comparação, de momentos coevos da camada 4 do Fariseu. Já no primeiro caso parece ser mais forte a influência de uma tradição com raízes no fim do Magdalenense, patente não só no Vale do Côa (v.g. Pi24-08 [SANTOS 2017: vol. II, 127]) mas sobretudo em algumas figuras femininas do Paleolítico Superior europeu que, pelas suas semelhanças morfológicas, são denominadas de tipo Lalinde-Gönnersdorf, e que ocorrem em contextos datados desde o Magdalenense tardio ao Azilense (v.g. BOSINSKI, D'ERRICO & SCHILLER 2001).

Para além das peças gravadas a que nos temos vindo a referir, foram exumadas cinco com vestígios de pigmento vermelho de origem mineral (ocre). De duas destas peças (85 e 86) pode-se dizer que foram efetivamente pintadas (seixos 85 e 86), porquanto ainda se distinguem nelas unidades gráficas figurativas e não figurativas. Nos restantes três seixos (87, 88 e 89) apenas se observam resíduos, sendo difícil avaliar se estes vestígios denunciam um contacto com pigmento no sedimento, a existência de pinturas entretanto desaparecidas, ou se resultam de algum ato accidental decorrente de atividade, pictórica ou não, que tenha envolvido a manipulação de ocre. Um estudo morfo-técnico é assim possível, apenas no caso das duas peças seguramente pintadas, ambas exumadas na camada 4 do sítio, a 85 no sector montante e a 86, no jusante.

Identificaram-se unidades gráficas figurativas em ambas as peças — um antropomorfo na peça 85 e um antropomorfo e um possível veado na peça 86. Comum às duas peças é a forma como estas figuras se construíram: estas não foram propriamente pintadas, mas definidas pela remoção (ou ausência devida a justaposição de um elemento que não se preservou ?) de pigmento previamente aplicado. São, portanto, figuras em negativo. Em contraste, uma das três unidades gráficas não figurativas identificadas — uma unidade da chave XIc existente no reverso da peça 85 — encontra-se pintada de “forma tradicional”, mediante a justaposição de traços verticais paralelos entre si de forma a conformar um feixe.

Apenas a peça 85 apresenta um estado de conservação que permitiu estudar a forma como se aplicou o pigmento nestas peças. Este estudo foi efetuado mediante a comparação dos vestígios com um referencial experimental, tendo permitido perceber que a forma mais plausível de aplicação do pigmento terá sido, como se referiu acima, mediante a justaposição de traços pintados, em forma de lápis, não diluído em água (AUBRY & SAMPAIO 2012: 204). O facto das unidades gráficas presentes na peça 86 terem sido definidas da mesma forma que as da peça 85 autoriza-nos a pensar que a mesma técnica terá sido aí utilizada.

Tanto as unidades gráficas figurativas pintadas, como as não figurativas, correspondem a temas e chave existentes nas peças exclusivamente gravadas. No caso do repertório não figurativo, a chave XI é, a mais representada nas peças gravadas, sendo a subchave XIa a terceira mais representada, depois das subchaves XIa e XIb.

Relativamente ao repertório figurativo, o veado é também no conjunto das peças gravadas a espécie mais representada. Em dezanove das trinta e nove ocasiões em que aparece gravado é-o sob a sua forma feminina, duas na forma de cervato, três na forma de vareto, e cinco na forma

de cervídeo indeterminado. Do ponto de vista estilístico, o veado, embora pintado, não se aparta dos seus congéneres gravados. Destaque-se a este nível o preenchimento interior do corpo, a sua forma oval ou a representação das patas em perfil biangular oblíquo. A cabeça é mais difícil de caracterizar, porquanto está mais perdida, mas não parece afastar-se da forma das gravadas.

As figuras humanas pintadas da nossa coleção levantam problemas mais interessantes. De facto, pese embora surjam nas duas peças pintadas, apenas foram representados duas vezes por meio de gravura, o que pode sugerir uma preferência deste tema pela técnica da pintura. Um contraste parece verificar-se também ao nível das formas. Contudo, este contraste deve ser matizado porque mesmo entre si, nem as duas figuras pintadas nem as duas gravadas se assemelham particularmente entre si. As duas figuras pintadas e Fr_m04-01 aproximam-se por se encontrarem gravadas segundo uma vista frontal. Fr_m04-01 e Fr_m85-01 partilham o facto de serem raiadas.

Já a forma de Fr_m86-01 é mais perturbadora, porque a sua forma linear com ambos os membros, igualmente lineares e em forma de arco de círculo evoca as figuras antropomórficas de braços e pernas em arco (BÉCARES 1983: 146, tipo Af 2.1.) de que não faltam exemplos nos suportes rupestres do Vale do Côa e nas imediações, tradicionalmente datados de entre o Neolítico e o Calcolítico (FIGUEIREDO & BAPTISTA 2013: 309, 311, 313). Este achado não é suficiente para colocarmos em causa a atribuição cronológica da maior parte dos sítios com arte esquemática pintada onde este tipo de figuras se identifica, mas obriga-nos a visitar algumas estações do Vale do Côa onde outras evidências existem que nos permitem pensar que a cronologia tradicional a eles adscrita possa ser recuada.

De momento, será de reter a alta uniformidade técnica e morfológica dos grafismos estudados, uniformidade essa que é em grande medida justificada pela contemporaneidade relativa da coleção, tal como manifestado pelo estudo do conteúdo da unidade estratigráfica da qual provém.

8. ANÁLISE TEMÁTICA

O repertório figurativo da arte móvel do Fariseu é composto por noventa e duas unidades gráficas figurativas. Na camada 3 apenas se encontra o quadrúpede indeterminado Fr_m65-01. Como é óbvio, apenas nos deteremos sobre as restantes unidades gráficas figurativas, todas provenientes da camada 4, que se distribuem por quarenta e oito superfícies de quarenta e quatro peças, tendo-se identificados as seguintes espécies: cervídeos — 39 unidades (19 cervas, 10 veados, 5 cervídeos indeterminados, 3 varetos e 2 cervatos); cabras-monteses — 10 unidades; auroques — 8 unidades; antropomorfos — 4 unidades; cavalos — 4 unidades.

Em 26 unidades não foi possível identificar a espécie. Contudo, o carácter indeterminado destas figuras deve-se a diversas situações que importa distinguir. Assim, duas das unidades encontram-se completas, correspondendo sensivelmente à mesma forma (Fr_m01-06 e Fr_m14-01), devendo o seu carácter indeterminado à nossa ignorância do que aí se encontra representado. Forma muito semelhante aparece também na arte parietal do Côa (designadamente JE16-04 do Vale de José Esteves [SANTOS 2017: vol. II, 281-282]), pelo que estas duas figuras serão categorizadas como “Indeterminadas A”. Pese o facto de não se encontrar estriada no interior, Fr_m08-01 parece obedecer também ao mesmo formato geral dos motivos que temos vindo a tratar, pelo que será categorizada igualmente como “Indeterminada A”. Fr_m68-01, encontra-se sensivelmente na mesma situação. Embora esta forma seja única na coleção estudada, não é inédita na arte parietal do Côa (Pi19-01 [SANTOS 2017: vol. II, 119, 121]), pelo que será categorizada como “Indeterminada B”. Três unidades gráficas (Fr_m01-05, Fr_m2-02 e Fr_m38-02) correspondem a figuras restrin- gidas, desde a origem, a elementos anatómicos que não permitem a sua identificação, pelo que

será legítimo supor que a ambiguidade é inerente a elas. Serão categorizadas como “ambíguas”. Fr_m22-03, Fr_m37-02, Fr_m50-02 e Fr_m51-01 só podem ser cervídeos ou capríneos. Restam-nos, portanto, quinze unidades cujo elevado grau de fragmentação não permite descartar qualquer hipótese de identificação. Estas unidades foram categorizadas como “quadrúpedes”.

As distinções que fizemos acima são importantes porquanto nos permitem aferir da justeza das generalizações que possamos fazer a partir da contabilidade das unidades que identificamos com clareza. Por exemplo, é justa a afirmação que o veado, sob as suas diversas formas, é a espécie mais representada na coleção, uma vez que mesmo que somemos às cabras-monteses (segunda espécie mais representada) o número de indeterminados e de unidades cuja distinção entre cervídeos e capríneos é incerta, ficamos com um valor inferior (29) ao de veados (39). Podemos também estar seguros de que os antropomorfos são muito poucos, pois todos os indeterminados correspondem indubitavelmente a quadrúpedes. Existe por outro lado uma grande probabilidade de que auroques, e em particular cavalos, possam estar muito menos representados que cabras-monteses, uma vez que se o número destas é seguramente 10 e pode subir aos 29, o de auroques é de 8 mas nunca passará dos 19, e o de cavalos é de 4 e nunca passará dos 13. Já as diferenças entre cavalos, auroques e antropomorfos não deve ser valorizada, porquanto as diferenças atuais podem facilmente ser alteradas. Da mesma forma, não podemos valorizar a diferença entre o número de cervas e de veados, mas destacar o seu relativo equilíbrio, se aos veados adultos juntarmos os varetos.

A maior parte das peças (26) dispõe apenas (pelo menos, atualmente) de uma unidade gráfica figurativa: antropomorfo (peça 4, 85), veado (peça 6, 60), cervídeo indeterminado (peças 11, 53, 54), quadrúpede (peças 18, 25, 31, 34, 35, 40, 49, 75, 78), cerva (peças 33, 48, 59, 74), cabra-montês (peças 42, 69), cavalo (47, 79), auroque (46), cervídeo ou capríneo (peça 51). O número de “quadrúpedes” revela de sobremaneira o facto da maior parte destas peças se encontrar muito fragmentada. Será, no entanto, de reter que as peças 33, 48, 74 e 85 estão completas e que à 42 deve faltar muito pouco. Ou seja, a presença isolada de cervas (33, 48 e 74), antropomorfos (85) e cabras-monteses (42) está atestada. A presença de cervas isoladas está atestada também nos reversos das peças 8 e 66. Na peça 14 observa-se uma unidade categorizada como “Indeterminada A”, mas esta peça encontra-se fraturada, pelo que deve ser valorizada com cautela.

Apenas na peça 23 encontramos uma superfície seguramente monotemática com duas unidades gráficas (dois varetos). Numa das faces da plaqueta rolada 14 encontramos um veado e um cervídeo indeterminado (que pode, portanto, ser igualmente veado). O veado entra em duas composições binária com uma figura “ambígua”, uma delas reduzida a pata traseira e ventre (plaqueta rolada 2) e outra reduzida à cabeça (plaqueta 38). A última composição binária onde o veado está atestado é a do anverso do seixo 86, onde este tema partilha a superfície com um antropomorfo, sendo ambos pintados. O veado volta a estar presente numa composição, a par de pelo menos uma outra figura, desta feita demasiado fragmentada para ser identificada (plaqueta rolada 70). Na placa 30 observa-se uma cerva associada a quadrúpede. No fragmento de plaqueta 68 um “indeterminado B” associa-se a um “quadrúpede”. A derradeira superfície onde se observa duas unidades gráficas é a 76, encontrando-se ambas demasiado fragmentadas para serem identificadas.

Olhemos agora para as superfícies onde foram identificadas três unidades gráficas. Na peça 22 identificámos dois prótomos de veado (um deles identificado devido à semelhança formal da cabeça com a do veado seguro) e um cervídeo ou capríneo. Na peça 32 duas cabras-monteses associam-se a uma cerva. Na peça 37, uma cerva associa-se a um cervídeo indeterminado e a um capríneo ou cervídeo. Na peça 52 observam-se duas cervas associadas a um quadrúpede indeterminado. No anverso da peça 66 observa-se uma cerva associada a um cervato, encontrando-se o

par associado a um auroque.

Nas peças 3 e 50 foram isoladas quatro unidades figurativas. Na primeira observa-se uma cabra-montês, duas cervas e um cervato (associado por sobreposição a uma das cervas). Na peça 50 observamos três cabras-monteses e um cervídeo ou capríneo.

No reverso da peça 1 encontramos seis unidades gráficas (dois auroques, um cavalo, um antropomorfo, um vareto e uma cerva), e no seu reverso sete unidades (três auroques, uma cabra-montês, um cavalo, uma “indeterminada A” e uma ambígua).

O anverso da placa 8 é a superfície com mais unidades figurativas, em número de oito (um auroque, uma cabra-montês, veado, quatro cervas e uma indeterminada A).

O veado é, de longe a espécie mais representada, com trinta e nove exemplares seguros (42,9% das unidades figurativas), distribuídos por vinte e seis peças (59,1% da coleção). Para se ter uma ideia da importância desta espécie, refira-se que a segunda mais representada (a cabra-montês) aparece apenas dez vezes seguramente (11% das unidades figurativas), distribuindo-se por sete peças (15,9% da coleção). O auroque que, ainda assim, é representado oito vezes (8,8%), distribui-se apenas por quatro peças (9,1% da coleção), tantas como as que contêm figuras antropomórficas. A importância do veado reflete-se ainda pela sua representação em diversos estádios do seu desenvolvimento e sob formas que permitem a identificação do sexo das figuras. Outro aspecto que demonstra de sobremaneira a importância desta espécie é o lugar que cada um dos seus temas (cervas, veados, varetos e cervatos) ocupa na caracterização das peças da coleção.

Este aspecto é particularmente evidente quando procedemos a uma análise de correspondências simples sobre o conjunto de peças da estação com unidades figurativas. Da análise foram excluídas as peças que apenas continham quadrúpedes não identificados (peças 18, 25, 31, 34, 35, 40, 49, 75, 76 e 78). Por outro lado, como as unidades correspondentes a cervídeos indeterminados e sem distinção possível entre capríneo ou cervídeo foram tratadas como variáveis suplementares, fomos obrigados também a retirar as que apenas dispunham destes temas (peças 11, 51, 53 e 54). A peça 68 foi também excluída, visto “Indeterminado B” ser um *unicum* na coleção.

Os resultados encontram-se expressos na figura 18, à esquerda. Neste gráfico, onde se representam as duas primeiras dimensões (36,1% da inércia) observa-se a distribuição das diferentes composições das peças gravadas pelo interior de um triângulo cujos vértices são o veado, o vareto e o conjunto cerva/ cervato/ cabra. Note-se que a distribuição dos pontos ao longo da dimensão 1 evidencia bem a oposição entre cerva/ cervato/ cabra e veado, enquanto a 2 releva sobretudo da oposição entre vareto e veado. Na dimensão 3 (14,59% da inércia) observa-se uma oposição entre vareto e figura antropomórfica e na dimensão 4 (13,65% da inércia) a distinção ainda assim clara entre cabra-montês e o par cerva/cervato. Note-se como os temas “cervídeo indeterminado” e “cervídeo/capríneo” (que foram tratados como variáveis suplementares) ocupam sempre posições intermédias entre os temas aos quais pertencerão.

A classificação hierárquica ascendente dos temas (Fig. 18, à direita) sugere a existência de cinco classes, que *grosso modo* se distribuem por dois ramos; o primeiro é composto pela classe dos antropomorfos e pela dos veados e figuras ambíguas; o segundo ramos é composto pela classe dos varetos, pela das cabras-monteses e pela dos cavalos, cervas/ cervatos e auroques/ cavalos.

O estudo global das unidades figurativas dos dispositivos gráficos da arte móvel do Fariseu parece assim girar em torno do ciclo de vida do veado, dependendo a identidade dos temas que a ele se associam do sexo e estádio de desenvolvimento do cervídeo representado. Refira-se que sempre que dois veados aparecem na mesma superfície sob a forma de dois avatares diferentes,

parece respeitar-se a etologia do animal. Assim, os cervatos aparecem sempre associados a cervas, os varetos nunca se misturam com os veados, embora possam aparecer junto de cervas, e no único exemplo claro de associação de veado com cervas saliente-se o facto do primeiro se encontrar em posição de brama.

Se a subalternidade de auroques e cavalos parece evidente, estas análises demonstram também a importância da cabra-montês e dos antropomorfos, algo que não poderá deixar de ser tido em conta.

Olhemos agora para o repertório não figurativo. Foram individualizadas 1234 unidades gráficas não figurativas, maioritariamente incisas (excluem-se deste inventário os picotados soltos, já tratados atrás), distribuídas por oitenta e cinco superfícies de setenta e cinco peças. A maior parte destas unidades são da chave XI (85,7%), a que se seguem as da chave IX (7,5%), chave VII (2,4%), chave XIII (1,3%), chave X (1,2%), chave III (1,1%), chave XII (0,4%), chave I (0,2%) e chave VIII (0,2%). O elevado número de unidades da chave XI deve-se, em grande parte ao peso das unidades da chave XIa (traços simples). É por isso que, adoptando a metodologia por nós seguida, a chave XI será sempre a mais representada. Uma parte importante destas unidades poderá igualmente ser resultado das “ações instrumentais” a que nos referimos atrás. Mas uma grande parte refletirá também o peso que têm as composições lineares na arte móvel coeva do Sudoeste europeu (v.g. GARCÍA-DÍEZ 2013: 507, 509).

9. A ARTE MÓVEL DO FARISEU NO CONTEXTO GRÁFICO RUPESTRE DO VALE DO CÔA

A coleção de arte móvel do Fariseu, devido ao seu contexto estratigráfico bem datado, é um importante referencial para a atribuição cronológica de uma grande parte da arte parietal do Vale do Côa. As semelhanças técnicas e morfológicas entre as unidades gráficas figurativas da arte móvel do Fariseu e uma parte considerável das que se encontram nas superfícies rochosas da região foi cabalmente demonstrada pelas análises de correspondências múltiplas e subsequentes classificações hierárquicas ascendentes efetuadas sobre amostragens que integravam motivos decalcados da arte parietal (quer de gruta, quer de ar livre) e móvel da Meseta norte (SANTOS 2017: vol. I, 129-164). Para cada tema foram efetuadas distintas análises, tendo-se apenas recorrido a unidades gráficas não acéfalas ou reduzidas apenas à cabeça e/ ou bordo dorsal do corpo. Foram assim analisados 170 cavalos, 143 auroques, 128 cabras-monteses, 91 veados e 65 cervas.

Estas análises vieram confirmar a homogeneidade gráfica detetável entre as figuras da arte móvel do Fariseu e uma série de unidades gráficas não só do Côa, mas de outros sítios da Meseta de que falaremos adiante. Esta homogeneidade foi já identificada e valorizada por outros investigadores (v.g. BUENO, BALBÍN & ALCOLEA 2007; BUENO 2016) que, com base nela, têm vindo a defender a existência na bacia do Douro de uma arte estilisticamente integrável no que Roussot definiu como “estilo V” (ROUSSOT 1990), mas que outros autores preferem designar como arte finipaleolítica, pós-magdalenense, azilense figurativa ou epipaleolítica (v.g. BELTRÁN 1987; 1989; 1990; LORBLANCHET 1989; GUY 1993; 1997; D’ERRICO 1994: 254-275).

A coleção de arte móvel do Fariseu veio corrigir algumas inferências apressadas e permitir quer o avanço da atribuição cronológica de algumas unidades gráficas, quer o recuo da de outras quantas. Assim, a “correção” mais visível prende-se com a cronologia das figuras estriadas. De facto, uma série de unidades gráficas figurativas do Vale do Côa, designadamente cervas, devido ao preenchimento interno dos seus corpos foram comparadas com as cervas estriadas da Cantábria (JORDÁ 1964; ALMAGRO 1976; 1981) e, conseqüentemente, datadas do Solutrense final/Magdalenense antigo (v.g. BAPTISTA 2009: 170). O recurso à comparação entre figuras preenchi-

das interiormente por incisões do Ocidente peninsular e as figuras cântabras é identificável na bibliografia desde os anos 60, quando Farinha dos Santos utiliza o mesmo termo de comparação para as figuras estriadas do Escoural (SANTOS 1967: 21-27). O valor do estriado interno das figuras como elemento de datação começou por ser colocado em causa a partir do momento que se observou que os animais do Escoural em causa evidenciavam maiores vínculos formais com algumas figuras da região mediterrânica que com os da região cantábrica, o que evidentemente fragilizava a comparação tradicionalmente aceite (GARCÍA-DIEZ *et alii* 2000: 10). Ora, o aparecimento deste tipo de figuras na arte móvel do Fariseu, descoberto em contexto datado do fim do Tardiglacial, veio demonstrar que o preenchimento interior dos corpos por incisões não é suficiente *per se* para datar uma figura, sendo de descartar por completo a sua utilização como “marcador cronológico” dos finais do Solutrense/ Magdalenense antigo. Por outro lado, o preenchimento estriado das figuras da Cantábria é aí utilizado forma de criar volumes e sombras (JORDÁ 1964: 12), enquanto que no caso do Côa (e nomeadamente da arte móvel do Fariseu), este é plano, podendo ter sido utilizado para representar a massa corporal do animal sem fazer referência à sua profundidade volumétrica. As figuras cântabras apresentam contornos perfeitamente naturalistas em que abundam as curvas e detalhes internos vários, como bocas, narinas ou olhos. Em contraste, a maior parte das do Côa apresentam corpos geométricos, faltando-lhes, na maioria das vezes, qualquer evidência de detalhes internos. Como veremos seguidamente, todas estas características das figuras do Côa encontram correlato nos grafismos móveis pós-Gl-1d do Sudoeste europeu.

A coleção de arte móvel do Fariseu vem, por outro lado, reforçar algumas hipóteses já avançadas por outros autores quanto à cronologia de algumas das pinturas do Vale do Côa. De facto, há já alguns anos que se tem vindo a sugerir uma cronologia coeva da arte móvel do Fariseu para pinturas do Vale do Côa como os bovídeos da rocha 1 da Faia ou o grande antropomorfo da rocha 3 do mesmo sítio (BUENO, BALBÍN & ALCOLEA 2007: 567-568), usualmente datados do Neolítico (v.g. FIGUEIREDO & BAPTISTA 2013: 313). Se é verdade que a datação dos bovídeos referidos teve já como fundamento as suas semelhanças com zoomorfos da arte móvel do Fariseu (BUENO, BALBÍN & ALCOLEA 2007: 567), os fundamentos para a datação do antropomorfo da rocha 3 correspondiam a paralelos existentes fora do Côa. Ora, hoje, graças ao tratamento informático de fotografias do seixo 85 do Fariseu, sabemos que no seu anverso se encontra antropomorfo muito semelhante. Por outro lado, a estes antropomorfos devem ainda juntar-se os da rocha 5 da Faia (LUÍS 2009: 137, fig. 6B). Já o seixo 86 vem permitir levantar a hipótese de algumas estações com antropomorfos lineares pintados aos quais se associam quadrúpedes de corpo possante poderem igualmente datar deste período. Um bom exemplo desta situação seria o maciço rochoso onde se encontram as rochas 3 e 7 de Vale de Figueira. Aqui, a par de painéis pintados com antropomorfos e zoomorfos do tipo que temos vindo a falar (FIGUEIREDO & BAPTISTA 2013: 309), localiza-se também um painel com cervas estriadas um outro profusamente gravado com “unhadas do diabo” (LEMOS 1994: 45), um tipo de grafismo que tem vindo a ser identificado em contextos associado a grafismos finipaleolíticos e epipaleolíticos de Trás-os-Montes (v.g. SANCHES & TEIXEIRA 2014). Já num contexto meseteno, as datações AMS C14 de alguns motivos da Galería das Pinturas de Ojo Guareña certificam a presença de figurações humanas coevas dos últimos grupos de caçadores-recoletores europeus, assim como a associação dessas figuras a animais fortemente estilizados num mesmo espaço parietal (CORCHÓN *et alii* 1996). Já na Catalunha, uma placa de Molí del Salt reincide sobre esta ideia (GARCÍA-DIEZ 2004; GARCÍA-DIEZ & VAQUERO 2006).

A coleção do Fariseu revela de sobremaneira o erro que é relacionar de forma absoluta uma técnica a determinadas cronologias. Mesmo se em nenhuma das peças de arte móvel do Fariseu se identifica qualquer unidade figurativa picotada, tal dever-se-á às dimensões do suporte, uma vez

que as análises multivariantes efetuadas por um de nós integraram na mesma classe as figuras estriadas de que temos vindo a falar e grafismos picotados usualmente dados como mais recentes. Entre as rochas com animais picotados integrados nestas classes refiram-se as rochas 23 da Quinta da Barca, 6, 32, 33, 34 e 36 da Canada do Inferno ou 1 de Vale de Cabrões (SANTOS 2017: vol. II, 46-55, 218, 254-257, 258-259, 287), devendo-se ainda integrar nesta lista, pese embora os grafismos destas últimas não tenham integrado essas análises, as rochas 18 da Quinta da Barca, o painel esquerdo da rocha 3 da Canada do Inferno ou a rocha 5 desse sítio (SANTOS 2017: vol. II, 39-40, 212-213, 215-216).

A coleção de arte móvel do Fariseu não só contribui de sobremaneira para a contextualização da arte rupestre do Côa, como também para uma correta valorização da intensidade gráfica verificada no Vale em cada uma das fases da sua sequência rupestre. De facto, depois do confronto *in situ* ou por intermédio de fotografias do arquivo de Mário Reis (a quem agradecemos a disponibilidade), podemos, com alguma segurança, defender a hipótese de que entre as 530 rochas do vale do Côa às quais se atribui uma cronologia do Paleolítico superior (REIS 2014: 33), pouco mais de 2/3 contém grafismos que deverão datar de um momento posterior ao GI-1d. Esta fase está atestada em pelo menos 40 das 48 estações da região, não se encontrando na Quinta da Moreirola, Vale de Videiro e Canada das Corraliças nem cabalmente identificada em Ribeira de Molha Pão, Cachão, Ribeira da Cumieira, Ninho de Águia e Olgas da Ervamoira.

Pese a importância desta fase, apenas quarenta e cinco rochas com grafismos deste período foram integralmente decalcadas, encontrando-se outra atualmente em estudo (Tudão 1). Dispostos ainda de decalques muito parciais de quatro outras rochas. A comparação da arte móvel com a arte parietal coeva no que toca às suas características temáticas deve assim ser feita com toda a precaução. Ainda assim salta à vista que do ponto de vista temático, é com o repertório da fase terminal da arte rupestre do Vale do Côa que a arte móvel do Fariseu apresenta maiores similitudes (Tab. 1).

Temas	fase 1	fase 2/3	fase 4	Far_m
auroques	128	203	15	8
Cavalos	92	205	40	4
Cabras	94	154	50	10
Veados	33	91	33	10
Varetos	4	10	6	3
Cervas	15	32	45	19
cervatos	0	0	1	2
antropomorfos	0	24	5	4
Peixe	1	2	17	0

Tab. 1: Distribuição de temas por fases e pela série móvel do Fariseu.

Tal é claramente demonstrável por uma análise de regressão linear de séries com os temas mais habituais: arte móvel/ fase 1: $r=0,22$, $p=0,57$, $y=0,03(X)+5,62$; arte móvel/ fases 2-3: $r=0,21$, $p=0,60$, $y=0,01(X)+5,6$; arte móvel/fase 4: $r=0,67$, $p=0,04$, $y=0,21(X)+1,74$. Se não tivermos em conta as distinções entre os diversos avatares de veados, a relação entre a amostragem da fase 4 e a arte móvel do Fariseu ainda é mais forte: $r=0,87$, $p=0,03$, $y=0,43(X)+(-4,92)$. Inversamente, a relação entre o repertório móvel e os conjuntos gráficos das fases anteriores mantêm-se ou torna-se ainda mais tênue: arte móvel/ fase 1: $r=-0,13$, $p=0,80$, $y=-0,03(X)+8,11$; arte móvel/ fases 2-3: $r=-0,26$, $p=0,71$, $y=-0,04(X)+5,66$.

A diferença entre os resultados das regressões lineares que envolvem as séries com cervídeos diferenciados e não diferenciados sugere que estes são manipulados de forma diferente na arte parietal. A classificação hierárquica ascendente dos temas com base na análise de correspondências simples das composições estudadas da fase pós-GI-1d do vale do Côa aponta para isso mesmo (Fig. 19). Nesta análise retirámos quadrúpedes indeterminados e antropomorfos. Estes últimos foram removidos da análise devido à conjugação da sua raridade com o facto das composições onde aparecem serem maioritariamente monotemáticas. Mesmo a sua análise como categoria suplementar foi colocada de lado, uma vez que no único caso onde aparece a par de outro tema (Pn17), este corresponde a outra categoria suplementar (cervídeo indeterminado). Para além de cervídeo indeterminado, foram ainda tratados como variáveis suplementares capríneos/ cervídeos e outros (al.), grupo que aglutina ave, camurça, canídeo, indeterminados A e B.

Confrontemos o dendrograma resultante desta última análise com o resultante da análise do repertório figurativo das peças do Fariseu. A classe dos antropomorfos, identificada nesta última, verifica-se igualmente na arte parietal, uma vez que se o tema tivesse sido analisado como variável na análise a que agora procedemos, apareceria como um fortíssimo *outlier*, razão pela qual o retirámos. A classe dos veados verificada na arte móvel (aí a par de indeterminado B) verifica-se igualmente na arte parietal. Vareto, que aparece integrado em classe própria na arte móvel, surge no caso da arte parietal na mesma classe de cerva e cervato. Este par, na arte móvel encontra-se na mesma classe do par auroque/ "indeterminado A" e de cavalo. Na arte parietal auroque aparece em classe própria, surgindo cabra na mesma classe de cavalo e peixe. Note-se que na arte móvel, cavalo era já o tema que mais se aproximava de cabra.

Pese embora algumas diferenças, o facto de ainda assim se detetarem algumas semelhanças entre as duas séries, a par da fragilidade da amostra da arte parietal, impede-nos de aferir com o rigor desejável a similitude entre as séries parietal e móvel ao nível da associação entre temas. Registe-se, no entanto, que nas duas séries parece ocorrer um grande paralelismo entre os temas representados, apenas não se tendo identificado o peixe na arte móvel, pese a sua expressão significativa na arte parietal.

Relativamente ao repertório não figurativo, a comparação com as séries parietais vem colocar de manifesto o peso das composições lineares na série móvel do Fariseu. De facto, frente aos 85,7% de unidades da chave XI neste série, apenas encontramos 76,8% deste tipo de grafismos no conjunto do repertório não figurativo da fase mais antiga e 67,4% no das fases compreendidas entre o Solutrense final e o Magdalenense. O peso da chave XI na série móvel é, inclusivamente, mais significativo que no conjunto dos suportes parietais coevos já estudados, onde esta chave corresponde igualmente a 67,4% do repertório não figurativo.

10. A ARTE MÓVEL DO FARISEU NO CONTEXTO DO SUDOESTE EUROPEU

Não é só nas rochas do vale do Côa que se identificam grafismos semelhantes aos que se

encontram gravados na arte móvel do Fariseu. Desde logo, outros autores têm vindo a chamar a atenção para a sua presença na bacia do Douro (v.g. BUENO, BALBÍN & ALCOLEA 2007). As análises factoriais a que um de nós procedeu sobre os grafismos desta mesma região veio confirmar estatisticamente as inferências daqueles autores. Assim, entre os sítios onde ocorrem esses motivos em suportes parietais, refira-se Siega Verde (ALCOLEA & BALBÍN 2006), Cierro de San Isidro (LEP 1999: 59-125), Ojo Guareña (CORCHÓN *et alii* 1996) e mesmo La Griega (CORCHÓN *et alii* 1997; BUENO, BALBÍN & ALCOLEA 2007: 565). Suportes móveis com grafismos caracterizados por este estilo foram exumados no abrigo da Peña de Estebanvela (GARCÍA-DIEZ 2013). Mais recentemente foi dada a conhecer a estação de Pedra de Asma 7, no vale do Sabor, com zoomorfos cujas formas remetem para as unidades que temos vindo a tratar (FIGUEIREDO 2014: 20-22).

Dois dos sítios atrás referidos são merecedores de algum destaque, desde logo por deles procederem algumas datas de radiocarbono. Um destes é a Peña de Estebanvela, que possui uma coleção de 43 peças, recolhidas em contextos do Magdalenense final, gravadas maioritariamente com repertório não figurativo, mas onde ainda assim se identificaram dois seixos gravados com equinos, um proveniente da camada 1 e outro da 2 (GARCÍA-DIEZ 2013). Importa, portanto, reter os resultados das análises de radiocarbono efetuadas sobre amostras recolhidas nas duas camadas em questão. Assim, da camada 1 provêm as datas Beta-290779 — 10.640±60 BP, Beta-155114 — 11.060±50 BP, Beta-155113 — 11.070±50 BP e Beta-287754 — 11.330±50 BP (JORDÁ & CACHO 2013: 78, 81-83) e da camada 2 as datas Beta-155116 — 11.400±120 BP, Beta-228872 — 11.530±70 BP e Beta — 11.700±70 BP (*idem*: 78, 81).

O outro sítio mesetenho que destacamos é a gruta de Ojo Guareña de onde provêm cinco datações diretas das suas pinturas zoomorfas e antropomorfas: GifA-95283 — 11.470±110 BP, GifA-96134 — 11.540±100 BP, GifA-95229 — 11.130±100 BP, GifA-95363 — 10.980±160 BP e GifA-96136 — 10.950±100 BP (CORCHÓN *et alii*: 1996).

Na Península Ibérica podem ainda encontrar-se outras estações com este tipo de motivos em suportes parietais, maioritariamente localizados ao ar livre. Na bacia do Tejo refira-se as estações de Fratel e Cachão do Algarve, designadamente os motivos que integram a subfase antiga do período naturalista definido por Mário Varela Gomes (GOMES 2007: 87, 91-102). No Guadiana devemos referir a rocha 30 da Moinhola (BAPTISTA & SANTOS 2013: 147-149), ou algumas figuras estriadas, como a cerva 13 do painel 12 da estação CVII de Molino Manzániz (COLLADO 2006: 224-225) ou a 14 da estação CDVII do mesmo sítio (*idem*: 228-229), pese embora tenham sido originalmente datadas do Solutrense/ Magdalenense antigo (*idem*: 279-280).

A grande concentração de estações ao ar livre com este tipo de figurações encontra-se, contudo, no Nordeste peninsular, contando-se entre estas o Abric d'en Melià (MARTÍNEZ, GUILLEM & VILLAVARDE 2003), a Cova del Bovalar, o Cingle del Barranc de l'Espigolar Bovalar e outras quatro estações inéditas de Castellón (MARTÍNEZ & GUILLEM, 2005; MARTÍNEZ, GUILLEM & VILLAVARDE 2008; MARTÍNEZ, GUILLEM & CUEVA 2008), ou ainda o Barranco Hondo (UTRILLA & VILLAVARDE 2004), este sítio não só com veados paralelizáveis com os das fases terminais do vale do Côa, como também com figuras antropomórficas cujas semelhanças formais com os antropomorfos pintados da Faia e com o “feiticeiro” de Ojo Guareña foram já colocadas em relevo (BUENO, BALBÍN & ALCOLEA 2007: 570-572, fig. 15). Refira-se que os antropomorfos de Barranco Hondo encontram-se estriados interiormente, como o “feiticeiro” de Ojo Guareña, mas também como Fr_m85-01, ou ainda como o antropomorfo da rocha 11 do Vale Escuro, que aparece associado a cervas azilenses e que aqui publicamos pela primeira vez (Fig. 16). Até agora apenas referimos paralelos gravados, mas mesmo pintados poderão existir alguns exemplos, tais como o veado pintado do abrigo de Castillo do Parque de Monfragüe, que se situa na base da estratigrafia de um painel essencialmen-

te historiado com antropomorfos esquemáticos (COLLADO 2006: 371).

Em gruta também podemos referir uma série de paralelos localizados fora da Meseta norte. Alguns dos mais impressionantes encontram-se na gruta do Escoural, destacando-se a este nível os números 5, 6, 37, 39, 42, 47 ou 71 do inventário de Lejeune (LEJEUNE 1995). Como no caso das gravuras estriadas do Côa, estas figuras começaram por ser comparadas com as da Cantábria, tendo sido datadas do Solutrense final/ Magdalenense inferior (v.g. SANTOS 1967: 21-27). A adscrição cronológica destas figuras mantém-se indiscutível até 2006, quando Collado propõe para o conjunto 47 uma cronologia epipaleolítica (COLLADO 2006: 379). Hoje, a cronologia tardia destas figurações parece-nos evidente, mesmo se por vezes se possa detetar algumas incertezas quanto à integração cultural de algumas figuras que num mesmo texto, e a poucas páginas de distância, tanto são datadas do Solutrense final/ Magdalenense inicial como do Magdalenense final (BAPTISTA 2012: 313, 328).

Na Galiza, devemos referir Cova Eirós (LOMBERA & FÁBREGAS, eds. 2013), cuja série mais recente do dispositivo parietal é comparável com as figuras que aqui tratamos, tal como foi aliás já apontado (FÁBREGAS *et alii* 2015: 176). Recentemente foram dadas a conhecer duas datações que indicam o Pré-boreal como *terminus ante quem* para estas gravuras (STEELMAN *et alii* 2017).

Na região cantábrica devemos referir não só o caso de La Clotilde, na Cantábria (FERNÁNDEZ 2010 e bibliografia anterior aí referida), já evocado por outros autores (BUENO, BALBÍN & ALCOLEA 2007, 571), como também os exemplos asturianos do “painel dos desenhos negros” de Pindal (ALCALDE, BREUIL & SIERRA 1911: 63) e o dispositivo parietal de Los Pedroses (BALBÍN *et alii* 2000: 387-389, fig. 5; RIOS & CASTRO 2007: 170-171). No caso do Pindal, será de referir que este painel se encontra associado a outro apenas constituído por signos (v.g. os n.ºs 66 e 67 do inventário de González-Pumariega, 2011), encontrando-se ambos no lado esquerdo da gruta, apartados do dispositivo parietal magdalenense que se encontra no lado direito. Aqui encontram-se os únicos zoomorfos negros da cavidade, tendo-se obtido duas datações de um deles — o veado 64 do inventário de González-Pumariega (2011, 198), cujos paralelismos com o veado da rocha 1 de Vale de Cabrões (SANTOS 2017: vol. II, 287) são evidentes. Os resultados das análises radiocarbónicas falam por si (FORTEA 2002: 21), devendo destacar-se a sua similitude: GifA-95539 — 10.240±90 BP; GifA-98199 — 10.040±100 BP.

No caso de Los Pedroses retemos como paralelos mais evidentes as icónicas cervas acéfalas cujos corpos sub-retangulares preenchidos interiormente encimados por longo pescoço não só evocam Fr_m01-12, como sobretudo outras figuras do vale do Côa, designadamente nas rochas 41 da Canada do Inferno, 23 da Quinta da Barca (SANTOS 2015: 77, figs. 4 e 5) ou 16 do Vale de José Esteves (BAPTISTA 2009: 119). Por outro lado, na mesma cavidade identifica-se grafismo que embora interpretado como antropomorfo (BALBÍN *et alii* 2000: 389, fig. 5), apresenta claros paralelos com cavalo da rocha 34 da Canada do Inferno (BAPTISTA & GOMES 1997: 296) e que a classificação hierárquica ascendente das figuras deste tema integra na classe terminal do mesmo.

Para norte dos Pirenéus devemos destacar como paralelos para as figuras que estamos a tratar as existentes na gruta de Gouy (MARTIN 2007 e bibliografia anterior aí citada), da qual provém a data radiocarbónica efetuada sobre osso GifA-92346 — 12.050±130 BP (FOSSE 1997: 242).

Mas paralelos para os grafismos que agora estudamos encontram-se também na arte móvel. Se já atrás referimos exemplos da coleção do abrigo da Peña de Estebanvela, será de lembrar ainda outros exemplos ibéricos, designadamente da Catalunha. Referimo-nos evidentemente às peças de Molí del Salt (GARCÍA & VAQUERO 2006) e Sant Gregori. Do primeiro sítio destacamos as figuras das peças 1 (em particular a cabeça de auroque estriada ou os corpos tendencialmente retangulares das figuras C ou G) e os animais das peças 3 e 4 (corpos geometrizados, por vezes

preenchidos interiormente, ausência de detalhes anatómicos, etc.). As duas últimas provêm do nível A de onde provêm as datas Beta-179599 — 10.840±50 BP Beta-179598 — 10.990±50 BP. A primeira provêm provavelmente do nível B, mas as incertezas não nos permitem valorizar as datações da camada, que são respetivamente GifA-101037 — 11.940+100 BP e GifA-101038 — 12.510+100 BP.

Das quatro peças de Sant Gregori (FULLOLA *et alii* 2015: 162), duas dispõem de grafismos zoomórficos semelhantes aos que aqui tratamos. A primeira destas peças, publicada por Vilaseca (1934), provêm do seu nível 2, apresentando cerva incisa, com corpo retangular, sem detalhes anatómicos secundários e com os dois membros anteriores dispostos em perfil biangular. A segunda peça, publicada em 1990 (FULLOLA *et alii* 1990) provêm de contexto incerto, nela se reconhecendo três animais estriados, identificados como auroque, cavalo e cerva. Pese o facto de apenas a primeira peça provir de contexto estratigráfico seguro, a adscrição cronológica de ambas ao Epimagdalenense parece certa, uma vez que o estudo das indústrias líticas descobertas por Vilaseca, assim como as novas escavações no sítio, apontam para a homogeneidade do depósito arqueológico que deverá ser adscrito a este tecnocomplexo (FULLOLA *et alii* 2015: 163).

Mais a sul, no País Valenciano, cabe destacar o metatarso de veado gravado com cerva estriada, proveniente de Les Cendres, infelizmente de contexto estratigráfico inseguro entre o Magdalenense final e o Neolítico antigo (VILLAVARDE 1985).

Ainda no arco mediterrânico existem outras estações que dispõem de arte móvel do Magdalenense tardio que merecem referência, pese embora os grafismos figurativos que ocorrem nas suas peças apresentem diferenças significativas relativamente às peças que agora tratamos. Se aqui as recordamos, tal deve-se ao facto das datações disponíveis para alguns dos seus contextos, sendo algo mais antigas que as acima referidas, poderem ser entendidas como *terminus post quem* para o tipo de grafismos da região que apresenta similitudes mais vincadas com os representados na arte móvel do Fariseu. Entre estas estações com arte móvel mais antiga conta-se a Cova Matutano, de Castellón (OLÀRIA 1999: 343-360; 2008). Nesta estação encontramos algumas peças cujos grafismos figurativos nelas presentes evocam vagamente algumas figuras do Fariseu, designadamente no que toca à forma geometrizada dos seus corpos (v.g. OLÀRIA 1999: 347-348, 349, fig. 4). Estas peças são todas provenientes dos níveis superficiais e 1 da cavidade. Serão coevas ou pouco posteriores às datas da camada 1: UGRA-241 — 11.590±150 BP, UGRA-243 — 11.410±610 BP, ambas efetuadas sobre amostras recolhidas no nível 2 (OLÀRIA 1999: 363; 2008: 16). Nos níveis mais profundos encontramos não só o icónico cervato que se destaca pelo naturalismo, sobretudo da cabeça, onde inclusivamente se reconhece olho e narina (*idem*: 350, fig. 5), como também outras figuras que apresentam corpos não tão geométricos como os dos níveis mais superficiais. Do nível 3, onde se encontram seis das restantes onze peças encontradas em estratigrafia, provêm as datas I-11.326 — 12.390±190 BP e UGRA-244 — 12.520±350 BP (OLÀRIA 1999, 363; 2008: 16).

No Tossal de la Roca (Alicante) encontramos igualmente algumas peças com arte móvel figurativa (CACHO & RIPOLL 1990; APARICIO 1990). Infelizmente desconhece-se a sua proveniência estratigráfica. As similitudes entre o cervato de Cova Matutano e alguns dos grafismos animais presentes na coleção de Tossal de la Roca são, no entanto, muito evidentes. Dada a similitude entre as peças de Tossal de la Roca e o cervato de Cova Matutano, aquelas deverão ser provenientes do seu nível III, cujas datas (CACHO *et alii* 2001: 80) são coevas das do nível 4 de Cova Matutano.

O derradeiro sítio do arco mediterrânico com arte móvel que queremos evocar corresponde ao Parpalló, no País Valenciano (VILLAVARDE 1994). Contudo, trazemos este sítio à liça, mais para relevar a ausência de paralelos claros que a sua presença. De facto, se é verdade que encontramos

algumas figuras que apresentam algumas características que evocam as da arte móvel do Fariseu, estas são pontuais e, não poucas vezes, muito mais antigas. Assim, é verdade que encontramos esporadicamente corpos preenchidos com membros em perfil biangular e sem detalhes internos (v.g. peças 16113a ou 18841 do inventário de Villaverde). Estas peças foram datadas do Solutrense inferior e médio e do Magdalenense antigo. Aquelas características podem, portanto, aparecer pontualmente, em diversas etapas da sequência gráfica paleolítica da região. Em nenhum daqueles casos, os corpos apresentam, no entanto, configuração geométrica. Este pode, no entanto ocorrer, como na peça 17365, datada do Solutrense superior. Trata-se, mais uma vez, de uma ocorrência esporádica, num contexto em que os corpos das figuras são maioritariamente definidas mediante contornos curvilíneos. Pensamos, de facto, que a existir no Parpalló o fácies gráfico que estamos a tratar, ele é residual. Valentín Villaverde ter-se-á aliás apercebido deste aparente paradoxo que é o gradual abandono do Parpalló ocorrer a par do aparecimento dos sítios a que nos temos vindo a referir (VILLAVERDE 1994: 391). Também Ripoll & Cacho, embora admitindo algumas semelhanças entre as peças de Tossal de la Roca e algumas de Parpalló, acabam por considerar aquelas como pertencendo a uma cronologia *“légèrément postérieure (ou plus avancée) à celle établie pour l’ensemble mobilier du Parpalló”* (RIPOLL & CACHO 1990: 291).

Na Cantábria, a arte móvel dos finais do Magdalenense/ inícios do Azilense caracteriza-se sobretudo pelo seu repertório não figurativo, não deixando, no entanto, de existirem algumas peças com unidades figurativas (CORCHÓN 2004: 462-463). Entre os exemplos com unidades figurativas que aquela autora refere, e que consideramos serem bons paralelos para as peças do Fariseu, refira-se o disco de ocre de Chora (SAN JUAN 1983), a peça 8 do nível C de Lumentxa (BARANDIARÁN 1972: 144), assim como algumas peças do nível D de Urtiaga, designadamente as peças 22, 23 ou 27 do catálogo de I. Barandiarán (1972 224-227). Deste contexto provém a data CSIC-64 — 10.282±190 BP (ARRIBAS 1990: 58). Refira-se ainda o percutor com zoomorfo altamente geometrizado, proveniente de contexto azilense de Arenaza I, no País Basco (PELLÁNIZ 1982: 185). De dois níveis azilenses desta cavidade provém as datas CSIC-173 — 9.600±180 e CSIC e CSIC-174 — 10.300±180 BP (PELLÁNIZ & ALTUNA 1975)

Para norte dos Pirenéus também se encontra um número apreciável de estações onde se exumaram peças com grafismos semelhantes aos que aqui tratamos. Entre estas, comece-se por citar La Borie-del-Rey (Lot-et-Garonne), de onde provém fragmento de osso, exumado em camada datada do Dryas recente, com bovino inciso, preenchido interiormente, com corpo alongado e cornos e patas dispostos em perspectiva biangular recta (ROUSSOT 1990: 199-200).

No abrigo Morin (Gironde) foram exumados outros dois fragmentos de osso com gravuras, um destes com um auroque e outro com um cavalo, tendo ambos saído da camada A1, que contém uma mistura de indústrias do Magdalenense superior, Azilense e Laboriense (PAILLET & MAN-ESTIER 2014: 140-143). O primeiro é muito semelhante ao descrito anteriormente de La Borie-del-Rey (*idem*: 143, fig. 12). O segundo é definido por uma série de pequenos traços cruzados, conformando um animal com cabeça sub-retangular, com ganacha e olhal pronunciados, representação exagerada do olho, crineira convexa, dorso reto e bordo traqueal côncavo (*idem*: 143, fig. 12).

De Rochereil provem uma peça fragmentada onde se observa a metade dorsal do corpo de cavalo inciso, preenchido interiormente (PAILLET & MAN-ESTIER 2014: 150, 152, fig. 21). Refira-se a existência de uma banda definidora do corpo, assim como o seu alongamento. A peça encontra-se atualmente em coleção privada, desconhecendo-se a sua origem estratigráfica. As características morfológicas da figura permitem data-la, no entanto, do Laboriense, que está representado igualmente no sítio (*idem*: 150).

É, no entanto, no abrigo de Pont-d’Ambon (Dordonha) que encontramos a maior coleção de

peças com este tipo de figurações. De facto, às quatro peças descobertas por Célérier nos anos 80 (ROUSSOT 1990: 199-200; CÉLÉRIER 1998: 258-259), devem agora juntar-se outras vinte recentemente publicadas (PAILLET & MAN-ESTIER 2014: 143-150). Todas as peças provêm da camada 2 do sítio (*idem*: 137), que Célérier atribuiu ao Azilense terminal com afinidades laborienses (CÉLÉRIER 1998: 253), e de onde provêm as datações Gif-3740 — 9.640±120 BP (*idem*: 237) e GifA-99102 — 10.730±100 (CÉLÉRIER, TISNÉRAT & VALLADAS 1999: 164).

No abrigo de Murat, no Lot (LORBLANCHET 1989: 95-112) foi exumada uma série caracterizada pelo geometrismo dos corpos dos seus animais e pela ausência de detalhes anatómicos nos mesmos. Esta série parece ser posterior à arte figurativa claramente magdalenense também aí exumada (LORBLANCHET 1985: 93-94), sendo possível observar-se a passagem de uma tendência à outra na camada 4 do sítio (LORBLANCHET 1989: 95-112; 1996). Seria importante conhecermos, por isso, o contexto preciso das amostras datadas. Infelizmente só nos podemos pronunciar relativamente a duas, ambas recolhidas na base da camada — GifA-92345 — 12.620±130 BP (LORBLANCHET 1996: 283) e Poz-27953 — 12.550±90 BP (COSTAMAGNO 2016: 37). As duas restantes correspondem às datas Poz-27957 — 12.430±80 e Poz-27958 — 12.330±80 BP (FAT CHEUNG *et alii* 2014: 32).

Valerá igualmente a pena olharmos para a Península italiana. Aí, são referidos, de há muito, paralelos para as figuras do tipo das que nos temos vindo a debruçar, tais como algumas peças de Romanelli, do Cavallo ou ainda bloco gravado da gruta de Levanzo (ACANFORA 1967; VIGLIARDI 1972; D'ERRICO 1994: 265). As peças do primeiro sítio provêm das camadas B, C e D. Da camada B provêm a data R-2153 — 11930±520 BP, da camada C as datas GrN-2154 — 9.790±80 BP e GrN2153 — 10.390±80 BP, conhecendo-se ainda a data GrN-2055 — 10.640±100 BP da camada D (MUSSI 2002: 296); o carácter aberrante da primeira data é notório, como aliás foi já apontado (PALMA DI CESNOLA 2001: 219, nota 150). É também na península italiana que encontramos os melhores paralelos para as pinturas da arte móvel do Fariseu, designadamente do abrigo Dalmeri (DALMERI *et alii* 2011). Deste importante sítio italiano provêm as datas KIA-20345 — 11.340±45 BP, Rome-657 — 11.250±100 BP e KIA-20341 — 11.450±50 BP (*idem*: 70).

A maior parte destes sítios (e outros de que falaremos em seguida) é utilizado de há vários anos a esta parte para defender a continuidade da tradição figurativa paleolítica por períodos pós-magdalenenses (v.g. BELTRÁN 1987; 1989; 1990; LORBLANCHET 1989; ROUSSOT 1990; BUENO, BALBÍN & ALCOLEA 2007). Pese embora essa continuidade, os particularismos deste conjunto de grafismos foram também destacados (GUY 1993; 1997; D'ERRICO 1994: 254-259), justificando-se assim a criação de um estilo V (ROUSSOT 1990; BUENO, BALBÍN & ALCOLEA 2007), conceito que denota a existência de um grupo diferenciado de figurações que, no entanto, se relacionam de sobremaneira com uma tradição mais antiga. Evidentemente que se não se aceita a existência dos quatro estilos anteriores, não se pode admitir a existência de um quinto (LORBLANCHET 1989: 122). Ainda assim, uma denominação genérica de critério estilístico (seja ela “estilo V” ou outra qualquer) parece-nos mais aceitável que uma fundamentada na nomenclatura aplicada aos tecnocomplexos da indústria lítica. De facto, como pensamos que ficou patente ao longo desta nossa exposição, grafismos deste tipo aparecem em contextos do Magdalenense final, do Epigravettense, do Laboriense, do Azilense, etc. Por outro lado, descobertas recentes têm vindo a confirmar algo para o qual Lorblanchet já tinha chamado a atenção: a diversidade estilística da arte figurativa azilense (LORBLANCHET 1989: 122). De facto, a par dos grafismos mais esquemáticos coevos deste tecnocomplexo, surgem outros que se destacam pelo seu naturalismo, como seja o caso do cavalo gravado sobre córtex de sílex de Pincevent (BAFFIER 1996) ou os presentes nas peças recentemente publicadas do sítio bretão de Rocher de l'Impératrice (NAUDINOT *et alii* 2017), onde foi

identificado um pacote com bipontas de dorso curvo, características do Azilense antigo, de onde provêm as datas Beta-415532 — 12.460±50 BP, Beta-415533 — 12.380±50 BP e Beta-415531 — 12.060±40 BP. Em resumo, grafismos semelhantes aos da série móvel do Fariseu aparecem em contextos onde ocorrem diversos tecnocomplexos, da mesma forma que em contextos onde está identificado o mesmo tecnocomplexo aparecem grafismos de tendência naturalista ou mais geométrica. Mas poderão grafismos diferentes (isto é de tendência geometrizar e de tendência naturalista) aparecer no mesmo intervalo temporal?

Olhemos para a figura 20 onde se discriminam as datas provenientes de contextos associados à arte figurativa atribuída às fases finais do Magdalenense e ao Azilense/ Laboriense. Não foram retidas as datas de Pégourié, uma vez que nem o seixo gravado com o quadrúpede inciso apareceu em contexto estratigráfico (SÉRONIE-VIVIEN 1986: 417) nem a homogeneidade das camadas do sítio é segura (VALDEYRON & DETRAIN 2009: 498-501). Outra peça que é recorrentemente recordada no contexto destes debates é o seixo gravado com cabeça de cavalo subnaturalista (com olho, narina e boca) proveniente do abrigo Dufaure (BREUIL & DUBALEN 1901: 259-260), no País Basco francês (v.g. LORBLANCHET 1989: 112-115; GUY 1993: 334). Esta peça foi recolhida nas escavações de Breuil e Dubalen, na base do *foyer supérieur*, em zona associada a ossos de veado, bovino, rena, cavalo, javali e numerosos caracóis (BREUIL & DUBALEN 1901: 256). Embora nesta camada tenham aparecido indubitáveis materiais azilenses (como um arpão de fuste achatado e um seixo pintado), também é verdade que Breuil e Dubalen referem que a camada se pode dividir em dois níveis separados por “*de blocaux de base de foyer dans la cella et quelques lentilles de limon jaune à hélix au milieu de l’abri*”, encontrando-se o arpão e o seixo pintado no nível superior e as gravuras no inferior (BREUIL & DUBALEN 1901: 254). Deste modo, a adscrição do contexto estratigráfico da peça ao Azilense é bastante insegura. Ainda mais insegura é a convicção de que o *foyer supérieur* de Breuil e Dubalen, localizado no fundo do abrigo é coevo do estrato 3 das escavações de Straus efetuadas no exterior do mesmo (STRAUS 1987: 65). De facto, não só as datas provenientes do estrato 3 de Straus são bastante mais recentes que o Azilense regional, como a existência de material claramente azilense nessa camada é muito pouco clara (DACHARY *et alii* 2014: 492). As datações dessa camada (STRAUS & ÉVIN 1989: 149) não podem, consequentemente, ser retidas pela nossa análise.

Para além dos sítios referidos até aqui, incluímos na tabela: o abrigo de Cabônes (Jura), de onde provém uma peça com um capríneo que podemos considerar de tendência naturalista exumado em contexto magdalenense, mas onde abundam já as pontas azilenses (D’ERRICO & DAVID 1993); o sítio de Étiolles, atribuído igualmente ao Magdalenense final e onde foi exumado seixo gravado com diversos animais de tendência naturalista e um teriantropo (TABORIN 2001; FRITZ & TOSELLO 2011); o sítio de Las Monedas, com datações algo mais recentes (MOURE *et alii* 1996: 312-315) que o Magdalenense superior a que são usualmente atribuídas as suas figurações, que se caracterizam pelo seu naturalismo (v.g. RIPOLL 1972: 66; LEROI-GOURHAN, DELLUC & DELLUC 1995: 540-541); a gruta de Le Portel, cujas datações (IGLER *et alii* 1994) são igualmente mais recentes do que o expectável para as características estilísticas das suas figurações (BELTRÁN, ROBERT & VÉZIAN 1966; VIALOU 1986: 260, 281). As datas de Ekaïn, sobre cavalos de claro “estilo IV”, devido aos resultados muito díspares entre amostras da mesma figura ou até entre diferentes análises da mesma amostra (GONZÁLEZ 2007: 257) não foram retidas.

A leitura do quadro elucidava-nos quanto a alguns aspectos: a “tendência naturalista” deixa praticamente de se verificar a partir de cerca de 13.600 calBP. Apenas os intervalos de três datas provenientes de contextos com animais deste tipo são posteriores a esta data (Cabônes Ly-3079, Le Portel AA-9766 e Las Monedas GifA-95284). Em todos estes sítios existem datas mais antigas,

sendo que no caso de Las Monedas uma delas (a mais antiga das três do sítio) resulta da análise de amostra do animal que forneceu a amostra posterior a 13.600 calBP. Se recuarmos até aos 14.000 calBP, encontramos pouco mais datas: uma destas provém de Rocher de l'Impératrice, sendo a mais recente de um conjunto de três, outra provem de Las Monedas e a terceira de Pincevent.

Inversamente, a maioria dos intervalos das datas de contextos dos animais de tendência “geometrante” são posteriores a cerca de 14.000 calBP. A data de Gouy, pese o seu intervalo ainda assim ser posterior aos referidos 14.000 calBP, é mesmo ligeiramente anterior a algumas das que referimos anteriormente. Não devemos, no entanto, esquecer, que nesta gruta existem também algumas figurações de “tendência naturalista”, designadamente os animais que conformam o grupo I do seu registo inferior (MARTIN 2007: 147, 188).

O outro sítio onde dispomos de grafismos de tendência geometrante e que contem datas mais antigas que 14.000 é o de Murat. Serão contudo estas datas contemporâneas deste fácies? Na camada 4 do sítio, Lorblanchet reconheceu quatro níveis (LORBLANCHET 1985: 70, fig. 6, 72). O confronto da figura 7 e da 6 do trabalho atrás citado permite-nos perceber que, entre as peças publicadas, a da tendência geométrica que se encontra a cota mais baixa — A1_62 (LORBLANCHET 1985: 78, fig. 10) — provem do topo do nível IVd ou mesmo já da base do IVb. Relativamente às da tendência naturalista já publicadas, é a A 1549 (LORBLANCHET 1996: 284) que se encontra a uma cota mais alta, provindo igualmente da camada 4, mas de zona junto da parede do abrigo, onde não é possível distinguir os interfaces dos diferentes níveis deste pacote sedimentar (LORBLANCHET 1985: 71, fig. 7). Dado que as restantes peças do fácies naturalista (pelo menos as publicadas) foram todas recolhidas nas escavações de Lemozi, a contemporaneidade absoluta dos dois fácies parece dever colocar-se de lado. Ora, o osso de rena datado a que já aludimos acima (COSTAMAGNO *et alii* 2016: 51), assim como a data publicada por Lorblanchet nos anos 90 a que já nos referimos também provém da base da camada 4, sendo portanto seguramente anteriores às peças do fácies geométrico. Note-se que estas datas são virtualmente iguais ou até mais recentes que duas outras provenientes das camadas V e VI (Poz-27955 e 27959), datadas do Magdalenense (LANGLAIS *et alii* 2012: 141), algo que vem ao encontro da interpretação de Kervazo que nos diz que do ponto de vista da Geologia foi possível distinguir na camada 4 um nível inferior “*encore affiliée aux dépôts sous-jacents*”, datados do Magdalenense, e um superior “*associé aux sédiments sus-jacent*” plenamente azilenses (in LORBLANCHET 1996: 283). A ocorrência de materiais na base da camada 4 (como seria o caso da peça A 1549?), coevos dos níveis magdalenenses não pode por isso surpreender. Não sabendo nós a proveniência das restantes duas amostras datadas do sítio, e sendo estas estatisticamente semelhantes às anteriormente referidas, será de não descartarmos a hipótese de se reportarem ao nível IVd, sendo portanto igualmente anteriores ao fácies geométrico. As quatro datas da camada 4 do sítio devem ser, conseqüentemente, lidas como indicadoras de um *terminus post quem* para as figurações de tendência geométrica. Por outro lado, as datações conhecidas para a camada 2 (FAT CHEUNG *et alii* 2014: 32) devem ser entendidas como indicativas de um *terminus ante quem* para a gravação dessas peças. A ser assim, a gravação das peças ter-se-á dado algures na primeira metade do décimo quarto milénio calBP.

A leitura da figura 20 permite-nos perceber que, independentemente dos diferentes contextos industriais identificados em diversos sítios do sudoeste europeu, a transição entre uma tradição magdalenense de representar os animais e uma mais geométrica dá-se a partir do primeiro quartel do décimo quarto milénio calBP. Este fácies geométrico prolongar-se-á até à transição Dryas recente/ Pré-boreal, como denunciam as datas de Fariseu, Urtiaga, Arenaza I ou Pont d'Ambon.

Pelo menos no caso da Meseta norte, estes grafismos apresentam características morfológicas

suficientemente distintas dos do Magdalenense para uma análise de correspondências múltiplas associada a uma classificação hierárquica os integrar em classes diferentes. Contudo, uma certa diversidade interna parece detetar-se, sobretudo, se ampliarmos a análise à escala do sudoeste da Europa. Assim, por exemplo, os preenchimentos internos das figuras parecem ser mais comuns em contextos mais tardios — do Azilense recente em Portugal ou do Laboriense em França. As figuras não preenchidas interiormente e, ainda assim, mais naturalistas parecem ser mais habituais durante o período interestadial. No Fariseu não temos arte móvel deste período. No entanto, ela parece estar presente no Côa, destacando-se a este nível cavalo gravado da Ribeira da Cabreira (cfr. foto de M. Reis, consultável em <http://www.arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3253/3253.pt.jpg>), cujos paralelos com o da peça 22 da Peña de Estebanvela são evidentes. Por outro lado, com base nas características tipo-tecnológicas das indústrias líticas associadas, pelo menos parte da arte móvel do sítio da Cardina (Salto do Boi) poderá remontar a este período (AUBRY *et alii* 2015). Trata-se de uma hipótese que os trabalhos atualmente a decorrer no sítio irão certamente contribuir para confirmar ou infirmar.

Quando nos anos 80 do século passado se demonstrou que a arte figurativa não se extinguiu com o Magdalenense foi dado grande destaque sobretudo ao que isso revelava ao nível da continuidade. Depois procurou-se perceber o que apartava este bloco gráfico dos anteriores, destacando-se a este nível os trabalhos de Guy, nos anos noventa (GUY 1993; 1997). Hoje admite-se, dentro de uma certa unidade de base, a existência de uma diversidade que poderá, pelo menos em parte, ter uma conotação cronológica (v.g. GARCÍA & VAQUERO 2006; PAILLET & MAN-ESTIER 2014). A ruptura que se observa algures no primeiro quartel do décimo quarto milénio ao nível gráfico é, no entanto, evidente, apontando os dados atuais para um início mais precoce do processo em França, estendendo-se este rapidamente ao restante sudoeste europeu, sobretudo a partir do início do Dryas recente.

11. BALANÇO

O estudo sistemático da arte móvel do sítio do Fariseu revelou a sua ligação direta à Unidade Estratigráfica 4 da sequência arqueostratigráfica do sítio. O estudo geológico indica que esta camada (bem como as unidades 2, 7 e 8) é resultante de processos de vertente, constituindo-se como uma acumulação preferencial de clastos no ponto de ruptura da vertente, situado no limite da planície aluvial. As plaquetas de xisto gravadas descobertas na U.E. 3 podem resultar de uma remobilização de vestígios inicialmente associados com o topo da camada 4, ocorrida durante a acumulação dos depósitos aluviais que a constituem; algumas das peças não atribuídas à U.E. 4 provêm, por outro lado, de uma área da escavação onde as unidades 4 a 8 são menos espessas e apresentam uma morfologia em bisel no sentido da vertente (G/H-106/107, sondagem jusante), o que não facilita a clara distinção das diferentes unidades, podendo, conseqüentemente, a origem das peças em questão ter sido mal identificada durante a escavação. Finalmente, a interpretação dos seixos com vestígios de pigmento mineral provenientes das U.E. 6 e 8 como vestígios de “arte móvel” pode ser questionada. Todavia, qualquer que seja a interpretação, os grafismos que não foram encontrados na U.E. 4 são não figurativos ou não apresentam nenhuma característica temática ou morfoestilística significativamente distintas do resto da coleção.

A análise morfotécnica e temática dos grafismos figurativos da U.E.4 revela uma grande homogeneidade dos grafismos zoomórficos, que se caracterizam pela utilização preferencial da incisão para a sua construção, pelo geometrismo das suas formas, pelo regular preenchimento interno dos seus corpos e pela ausência de detalhes anatômicos. Esta solução encontra paralelos em figuras realizadas sobre suportes móveis e parietais datadas diretamente do Allerød e do Dryas recente,

em sítios da Península Ibérica e do Sul da França.

Entre os seixo pintados, as figuras que mais se destacam são os antropomorfos (peças 85 e 86). No caso do seixo de granito (peça 86) a figura humana, associada a um possível cervídeo, apresenta uma forma que evoca as figuras antropomórficas esquemáticas de braços em asa que ocorrem frequentemente na arte esquemática, sendo usualmente datados do Neolítico ou do Calcolítico. O contexto estratigráfico destas duas peças constitui argumento sólido para a defesa de uma origem mais recuada do que até aqui se supunha para algumas destas formas, sobretudo se associadas a animais de corpos bojudos como o da peça 86, ou como os que aparecem na Península italiana também associados a figuras antropomórficas semelhantes e em contextos *grosso modo* contemporâneos (v.g. Riparo Dalmeri — DALMERI *et alii* 2011). Admitimos assim a possibilidade do recuo da cronologia de algumas estações, designadamente no Vale do Côa, que são genericamente atribuídas à Pré-história recente apenas com base na presença de antropomorfos pintados do tipo que temos vindo a falar, sendo o maciço rochoso onde se localizam as rochas 3 e 7 de Vale de Figueira um claro exemplo desta situação.

A homogeneidade estilística da arte móvel da U.E. 4 do Fariseu tem um correlato na homogeneidade tipotecnológica da indústria lítica recolhida nesse pacote sedimentar, tal como demonstrado pelo seu estudo aprofundado (GAMEIRO 2009; 2012), que a atribuiu ao fácies Carneira, datado do Dryas recente na Estremadura Portuguesa (ZILHÃO 1995; 1997). Quer o material lítico da U.E. 4 de Fariseu, quer a série proveniente da U.E. 3 do sítio de Quinta Barca Sul apresentam fortes analogias com as indústrias líticas do Azilense recente do Norte de Espanha e do Sul da França (AUBRY *et alii* 2017). As datações por TL/OSL e 14C obtidas para a U.E. 4 do Fariseu e TL para a U.E. 3 da sondagem 3 da Quinta da Barca Sul (VALLADAS *et alii* 2001), apesar de apresentarem um grande desvio padrão inerente ao método da luminescência, ou um intervalo importante devido ao estado de preservação do colagénio dos ossos datados no Fariseu, não contradizem esta atribuição cronológica.

Apesar das limitações relacionadas com os processos sedimentares de vertente dos quais resulta a U.E. 4, que impedem uma abordagem fina da organização espacial horizontal dos vestígios deste sítio, a arte móvel do Fariseu é homogénea do ponto de vista cronocultural, constituindo-se como a maior coleção datada de finais do Plistoceno da Península Ibérica e uma das mais importantes do Sudoeste Europeu.

A comparação da coleção com a arte parietal da região demonstrou que um conjunto importante de rochas do Vale do Côa terão sido gravadas nesta época. Em ambas as séries foi possível reconhecer a centralidade do veado que aparece em frequências muito superiores a qualquer outra espécie. Quer a centralidade do veado, quer a presença dominante de apenas uma espécie contrasta com as séries parietais mais antigas, onde o veado é sempre a quarta espécie mais representada e o repertório é mais repartido entre duas espécies — o auroque e o cavalo — a que se segue de perto uma terceira — a cabra-montês (SANTOS 2017). A par das diferenças que se observam ao nível da localização e intervisibilidade entre os painéis e das que se observam na organização espacial dos habitats (LUÍS, AUBRY & SANTOS 2015), estas importantes diferenças temáticas denunciam importantes modificações ao nível da ideologia das comunidades. Importa tentar perceber quando se dão estas rupturas na região: se apenas no Dryas recente ou se, como em sítios do Sudoeste europeu referidos neste texto, se verificam ainda no interestádio anterior. Importa também perceber melhor o que motivou estas rupturas, algo que só se conseguirá continuando a investir em trabalhos de campo e numa aposta em trabalhos multidisciplinares onde os estudos paleoambientais e os programas de datação não sejam descurados.

A comparação da arte móvel do Fariseu com a dos conjuntos rupestres do vale do Côa evi-

dência uma coeva intensidade de execução gráfica muito forte. Esta atividade gráfica tem vindo, nos últimos anos, a ser documentada em diversos contextos móveis e rupestres da geografia peninsular. Esta atividade pode resultar de uma maior intensidade de ocupação do território, sendo a arte o exemplo dos vínculos da geografia social destas comunidades de caçadores-recolectores do fim do Pleistoceno. Trata-se de uma arte já diferente do estilo IV clássico de Leroi-Gourhan, que até há bem pouco tempo marcava o fim da tradição gráfica dos caçadores-recolectores europeus (GARCÍA-DIEZ & CACHO 2015).

A arte móvel do Fariseu vincula-se a uma tradição gráfica de raiz paleolítica que se desenvolve entre 12.000 e 9.500/9.000 anos BP (cerca de 14.000-10.500 calBP). Esta tradição encontra-se documentada desde a fachada atlântica até à península italiana, caracterizando-se pela simplicidade e concentração formal das figuras, pela presença de desproporções anatómicas e pela sua escassa definição. Esta corrente gráfica filia-se no que se conhece de períodos anteriores, quando o naturalismo era uma constante. No entanto, em momentos avançados do Magdalenense introduz-se nesse substrato gráfico elementos de desproporção e rigidez anatómica.

O reconhecimento da atividade gráfica dos últimos grupos humanos de tradição caçadora-recolectora obriga a que nos questionemos sobre as cronologias que atribuímos tradicionalmente a alguns conjuntos rupestres. Este reconhecimento permite-nos, por outro lado, precisar com mais exatidão o final do ciclo gráfico das comunidades de caçadores-recolectores do Sudoeste europeu.

A continuação da escavação neste sítio era, por isso muito pertinente. Contudo, ela exige um forte investimento financeiro e tem como problema logístico maior o facto de requerer o abaixamento temporário do nível da Barragem do Pocinho. Porém, no sítio da Cardina I (Salto do Boi) estão identificados, desde 1996, não só indícios tipológicos de uma ocupação contemporânea da U.E. 4 do Fariseu mas também de fases pleistocénicas anteriores (ZILHÃO 1995; 1997; AUBRY *et alii* 2015) e também da Pré-história recente (AUBRY *et alii* 2016). Este sítio, dada a sequência arqueostratigráfica nele identificada, a boa conservação de alguns dos seus níveis de ocupação, a presença de diversos tipos de vestígios como estruturas, espólio lítico diversificado, ossos e peças de arte móvel é, portanto o sítio-chave para precisar o nosso conhecimento sobre as comunidades humanas que frequentaram a região desde o Paleolítico médio até ao Holoceno, designadamente no que a continuidades e rupturas diz respeito. É, conseqüentemente, para ele, que se têm dirigido e continuarão a dirigir os nossos esforços nos tempos mais próximos.

BIBLIOGRAFIA

- ACANFORA, Ornella (1967), Figurazioni inedite della Grotta Romanelli. Presentazione preliminare, *Paletnologia italiana*, 18, Roma, Museo Nazionale preistorico etografico “Luigi Pigorini”, pp. 7-67.
- ALCALDE DEL RIO, Hermilio; BREUIL, Henri & SIERRA, Lorenzo (1911), *Les cavernes de la région cantabrique (Espagne)*, Monaco, Imprimerie Vve A. Chêne (Peintures et gravures des cavernes paléolithiques, 3).
- ALCOLEA GONZÁLEZ, José Javier & BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2006), *Arte paleolítico al aire libre. El yacimiento rupestre de Siega Verde*, Salamanca, Junta de Castilla y León (Arqueología de Castilla y León, 16).
- ALMAGRO BASCH, Martín (1976), Los omoplatos decorados de la cueva de “El Castillo”. Puente Viesgo (Santander), *Trabajos de Prehistoria*, 33, Madrid, CSIC, pp. 9-112.
- (1981), Los grabados de trazo múltiple en el arte cuaternario español, In *Altamira Symposium. Actas del Symposium Internacional sobre Arte Prehistórico celebrado en conmemoración del pri-*

mer centenario del descubrimiento de las pinturas de Altamira (1879-1979), Madrid, Ministerio de Cultura, pp. 27-70.

- APARICIO PÉREZ, José (1990), Chronologie de l'art mobilier paléolithique dans l'Espagne méditerranéenne, In CLOTTE, Jean (Dir. de), *L'art des objets au Paléolithique. Colloque international. Foix—Le Mas-d'Azil. 16-21 novembre 1987, 1: L'art mobilier et son contexte*, Paris, Ministère de la Culture, de la Communication, des Grands Travaux et du Bicentenaire, pp. 101-119.
- APELLÁNIZ, Juan-Maria (1982), *El arte prehistórico del País Vasco y sus vecinos*, Bilbao, Desclée de Brouwer.
- APELLÁNIZ, Juan-Maria & ALTUNA, Jesús (1975), Excavaciones en la cueva de Arenaza (San Pedro de Galdames). Primera campaña 1972. Neolítico y Mesolítico final, *Noticiario Arqueológico Hispánico (Prehistoria)*, 4, Madrid, Ministerio de Cultura, pp. 123-156.
- ARRIBAS PASTOR, José Luis (1990), El Magdalenense superior/ final en el País Vasco, *Munibe*, 42, San Sebastian, Sociedad de Ciencias Aranzadi, pp. 55-63.
- AUBRY, Thierry (2009), Actualisation des données sur les vestiges d'art paléolithique sur support mobilier de la Vallée du Côa, In AUBRY, Thierry (Ed. de), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa, IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), pp. 382-395.
- , Ed. de (2009), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa, IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52).
- AUBRY, Thierry & LUÍS, Luís (2012), Umwelt und sozialer Kontext der paläolithischen Freilandkunst im Côa-Tal (Portugal), In Dally, Ortwin, Moraw, Susanne & Ziemssen, Hauke (eds.), *Bild — Raum — Handlung. Perspektiven der Archäologie*, Berlin/ Boston, Walter de Gruyter, pp. 69-103.
- AUBRY, Thierry & SAMPAIO, Jorge Davide (2006), Fariseu: cronologia e interpretação funcional do sítio, In SANTOS, André Tomás & SAMPAIO, Jorge Davide (Ed. de), *Pré-história — gestos intemporais*, Vila Nova de Foz Côa, ACDR Freixo de Numão (Actas das Sessões do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, 1), pp. 7-30.
- (2009), Escavações e sondagens, In AUBRY, Thierry (Ed. de), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa, IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), pp. 36-83.
- (2012), Novos dados para a abordagem técnica da arte rupestre e móvel do vale do Côa, In SANCHES, Maria de Jesus (Coord. de), *1ª Mesa Redonda "Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo"*, Lisboa, DGPC (Trabalhos de Arqueologia, 54), pp. 185-206.
- AUBRY, Thierry; BARBOSA, António Fernando; GAMEIRO, Cristina; LUÍS, Luís; MATIAS, Henrique; SANTOS, André Tomás & SILVESTRE, Marcelo (2015), De regresso à Cardina, 13 anos depois: resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos de 2014 no Vale do Côa, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 18, Lisboa, DGPC, pp. 5-26.
- AUBRY, Thierry; BARBOSA, António Fernando; GAMEIRO, Cristina; LUÍS, Luís; MATIAS, Henrique; SANTOS, André Tomás & SILVESTRE, Marcelo (2016), E depois de Paleolítico, o que fizeram ali? Notícia sobre as ocupações holocénicas do sítio da Cardina (Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa), *Côavisão*, 18, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, pp. 63-82.
- AUBRY, Thierry; BARBOSA, António Fernando; LUÍS, Luís; SANTOS, André Tomás & SILVESTRE, Marcelo (2016), Quartz use in the absence of flint: Middle and Upper Palaeolithic raw material

- economy in the Côa Valley (North-eastern Portugal), *Quaternary International*, 424, Amsterdam, Elsevier & INQUA, pp. 113-129.
- AUBRY, Thierry; DIMUCCIO, Luca Antonio; BERGADÀ, Maria Mercè; SAMPAIO, Jorge Davide & SELAMI, Farid (2010), Palaeolithic engravings and sedimentary environments in the Côa River Valley (Portugal): implications for the detection, interpretation and dating of open-air rock art, *Journal of Archaeological Science*, 37, Amsterdam, Elsevier, pp. 3306-3319.
- AUBRY, Thierry; GAMEIRO, Cristina; SANTOS, André Tomás; LUÍS, Luís (2017), Existe Azilense em Portugal? Novos dados sobre o Tardiglaciário no Vale do Côa, In ARNAUD, J. M. & MARTINS, A. (Ed. de), *Arqueologia em Portugal 2017: Estado da Questão*. Lisboa, AAP, pp. 403-418.
- AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís & SAMPAIO, Jorge Davide (2006), Primeira datação absoluta para a arte paleolítica ao ar livre. Os dados do Fariseu (Vila Nova de Foz Côa), *Al-madan*, IIª série, 14, Almada, Centro de Arqueologia de Almada, pp. 48-52.
- AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; MANGADO LLACH, Xavier & MATIAS, Henrique (2012), We will be known by the tracks we leave behind: Exotic lithic raw materials, mobility and social networking among the Côa Valley foragers (Portugal), *Journal of Anthropological Archaeology*, 31 (4), Amsterdam, Elsevier, pp. 528-550.
- AUBRY, Thierry; MANGADO LLACH, Xavier & SAMPAIO, Jorge Davide (2009), Estudo do aprovisionamento em matérias-primas, In AUBRY, Thierry (Ed. de), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa, IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), pp. 131-169.
- AUBRY, Thierry; MANGADO LLACH, Xavier; SAMPAIO, Jorge Davide & SELAMI, Farid (2002), Open-air rock-art, territories and modes of exploitation during the upper Palaeolithic in the Côa Valley (Portugal), *Antiquity*, 76, Durham, Durham University, pp. 62-76.
- AUBRY, Thierry; SANTOS, André Tomás & LUÍS, Luís (2014), Stratigraphies du panneau 1 de Fariseu: analyse structurelle d'un système graphique paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa (Portugal), In PAILLET, Patrick (Dir. de), *Les arts de la Préhistoire: micro-analyses, mises en contextes et conservation. Actes du colloque "Micro-analyses et datations de l'art préhistorique dans son contexte archéologique"*, MADAPCA — Paris, 16-18 novembre 2011, Les Eyzies, SAMRA (Paleo, numéro spécial), pp. 259-270.
- BAFFIER, Dominique (1996), Le cheval gravé, In GAUCHER, Gilles (Dir. de), *Fouilles de Pincevet II: le site et ses occupations récents: l'environnement tardi et post-glaciaire et les témoins postérieurs au Magdalénien*, Paris, Société Préhistorique Française (Mémoires de la Société Préhistorique Française, 23), pp. 82-85.
- BALBÍN BERHRMANN, Rodrigo; ALCOLEA GONZÁLEZ, José Javier; MOURE ROMANILLO, Alfonso & GONZÁLEZ PEREDA, Miguel Ángel (2000), Le Massif de Ardines (Ribadesella, Les Asturies). Nouveaux travaux de prospection archéologique et de documentation artistique, *L'Anthropologie*, 104, Amsterdam, Elsevier, pp. 383-414.
- BAPTISTA, António Martinho (2009), *O paradigma perdido: O Vale do Côa e a arte paleolítica de ar livre em Portugal*, Porto; Vila Nova de Foz Côa, Edições Afrontamento; Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- (2012), El arte Paleolítico en Portugal, In RIPOLL LÓPEZ, Sergio (Ed. de), *Arte sin artistas. Una mirada al Paleolítico*, Madrid, Museo Arqueológico Regional, pp. 305-337.
- BAPTISTA, António Martinho & GOMES, Mário Varela (1997), Arte rupestre, In ZILHÃO, João (Ed. de), *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa*, Lisboa, Ministério da Cultura, pp. 211-406.

- BAPTISTA, António Martinho & SANTOS, André Tomás (2013), *A arte rupestre do Guadiana português na área de influência do Alqueva*, s.l., EDIA & DRCALEN (Memórias d’Odiana, nova série, 1).
- BARANDIARÁN, Ignacio (1972), *Arte mueble del Paleolítico cantábrico*, Zaragoza, Universidad de Zaragoza (Monografías arqueológicas, 14).
- BÉCARES PÉREZ, Julian (1983), Hacia nuevas técnicas de trabajo en el estudio de la pintura rupestre esquemática, *Zephyrus*, 36, Salamanca, Universidad de Salamanca, pp. 137-148.
- BELTRÁN, Antonio (1987), Arte rupestre prehistórico: Crisis de los sistemas tradicionales, In *Arte rupestre en España*, Madrid, Zugarto Ediciones, S. A., pp. 16-18.
- (1989), Perduración en el arte prehistórico del “estilo paleolítico” durante el Mesolítico y los posibles enlaces el “levantino”, In *Colóquio Internacional de Arte Pré-histórica — Nos 25 anos da Gruta do Escoural, Montemor-o-Novo*, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo (Almanson, 7), pp. 125-166.
- (1990), Réflexions sur l’art mobilier du Magdalénien final et Azilien, et le supposé hiatus entre l’art paléolithique, l’art mésolithique et l’art pariétal du Levant espagnol, In CLOTTE, Jean (Dir. de), *L’art des objets au Paléolithique. Colloque international. Foix—Le Mas d’Azil. 16-21 novembre 1987, 1: L’art mobilier et son contexte*, Paris, Ministère de la Culture, de la Communication, des Grands Travaux et du Bicentenaire, pp. 101-103.
- BELTRÁN, Antonio; ROBERT, Romain & VÉZIAN, Jean (1966), *La cueva de Le Portel*, Zaragoza, Seminario de Prehistoria y Protohistoria. Facultad de Filosofía y Letras (Anejos de Caesaraugusta, 1).
- BOSINSKI, Gerhard; D’ERRICO, Francesco & SCHILLER, Petra (2001), *Die Gravierten Frauendargestellungen von Gönnersdorf*, Stuttgart, Franz Steiner Verlag GMBH (Der Magdalénien-Fundplatz Gönnersdorf, Band 8).
- BREUIL, Henri & DUBALEN, P (1901), Fouilles d’un abri à Sordes en 1900, *Revue de l’École d’Anthropologie*, 8, Paris, École d’Anthropologie, pp. 251-268.
- BRONK RAMSEY, Christopher (2009), Bayesian analysis of radiocarbon dates, *Radiocarbon*, 51 (1), Tucson, University of Arizona, pp. 337-360.
- (2017), OxCAL 4.3 Manual, URL: https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcalhelp/hlp_contents.html.
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo & ALCOLEA GONZÁLEZ, José Javier (2007), Style V dans le bassin du Douro. Tradition et changement dans les graphies des chasseurs du Paléolithique Supérieur européen, *L’Anthropologie*, 111, Amsterdam, Elsevier, pp. 549-589.
- CACHO QUESADA, Carmen; JORDÁ PARDO, Jesús Francisco; TORRE SÁINZ, Ignacio de la & YRAVEDRA SAINZ DE LOS TERREROS, José (2001), El Tossal de la Roca (Alicante). Nuevos datos sobre el Magdaleniense mediterráneo de la Península Ibérica, *Trabajos de Prehistoria*, 58 (1), Madrid, CSIC, pp. 71-93.
- CÉLÉRIER, Guy (1998), L’abri sous roche de Pont d’Ambon à Bourdeilles (Dordogne, France). Perspective synthétique, *Paleo*, 10, Les Eyzies, SAMRA, pp. 233-264.
- CÉLÉRIER, Guy; TISNÉRAT-LABORDE, Nadine & VALLADAS, Hélène (1999), Données nouvelles sur l’âge des vestiges de chien à Pont d’Ambon, Bourdeilles (Dordogne), *Paleo*, 11, Les Eyzies, SAMRA, pp. 163-165.
- COLLADO GIRALDO, Hipólito (2006), *Arte rupestre en la cuenca del Guadiana: el conjunto de grabados del Molino Manzániz (Alconchel—Cheles)*, Beja, EDIA (Memórias d’Odiana—Estudos arqueológicos do Alqueva, 4).

- CORCHÓN RODRÍGUEZ, María Soledad (1997), *La cueva de La Griega de Pedraza (Segovia)*, Valladolid, Junta de Castilla y León (Arqueología en Castilla y León, 3).
- CORCHÓN RODRÍGUEZ, María Soledad (2004), El arte mueble paleolítico en la cornisa cantábrica y su prolongación en el Epipaleolítico, In FANO MARTÍNEZ, Miguel Ángel (Coord. de), *Las sociedades del Paleolítico en la región cantábrica*, Bilbao, Bizkaiko Foru Alundia — Diputación Foral de Bizkaia (Kobie (Serie Anejos), 8), pp. 425-474.
- CORCHÓN RODRÍGUEZ, María Soledad; VALLADAS, Hélène; BÉCARES PÉREZ, Julián; ARNOLD, Maurice; TISNÉRAT-LABORDE, Nadine & CACHIER, Hélène (1996), Datación de las pinturas y revisión del arte paleolítico de cueva Palomera (Ojo Guareña, Burgos, España), *Zephyrus*, 49, Salamanca, Universidad de Salamanca, pp. 37-60.
- COSTAMAGNO, Sandrine; BARSHAY-SZMIDT, Carolyn; KUNTZ, Delphine; LAROULANDIE, Veronique; PÉTILLON, Jean-Marc; BOUDADI-MALIGNÉ, Myriam, . . . CHEVALLIER, Aude (2016), Reexamining the timing of reindeer disappearance in southwestern France in the larger context of late glacial faunal turnover, *Quaternary International*, 414, Amsterdam, Elsevier & INQUA, pp. 34-61.
- D'ERRICO, Francesco (1994), *L'art gravé azilien. De la technique à la signification*, Paris, Éditions du CNRS (Gallia préhistoire, XXXe supplément).
- D'ERRICO, Francesco & DAVID, Serge (1993), Analyse technologique de l'art mobilier. Le cas de l'abri des Cabônes à Ranchot (Jura), *Gallia préhistoire*, 35, Paris, CNRS, pp. 139-176.
- DACHARY, Morgane; PLASSARD, Frédéric; MERLET, Jean-Claude; BONNET-JACQUEMENT, Peggy & CHAUVIÈRE, François-Xavier (2014), L'Azilien des Pyrénées occidentales. Vers une révision de l'attribution chrono-culturelle des séries archéologiques, In JAUBERT, Jacques (Ed. de), *Transitions, ruptures et continuité en Préhistoire*, 2, Paris, Société Préhistorique Française (XXVIIe Congrès Préhistorique de France — Bordeaux-Les Eyzies, 31 mai-5 juin 2010, Paléolithique et Mésolithique), pp. 487-503.
- DALMERI, Gianpaolo; NERI, Stefano; BASSETTI, Michele; CUSINATO, Anna; KOMPATSCHER, Klaus & HROZNY KOMPATSCHER, Nandi Maria (2011), Riparo Dalmeri: le pietre dipinte dell'area rituale, *Preistoria Alpina*, 45, Trento, Museo delle Scienze, pp. 67-117.
- FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; LOMBERA HERMIDA, Arturo; VIÑAS I VALLVERDU, Ramón; RODRÍGUEZ ÁLVAREZ, Xosé Pedro & FIGUEIREDO, Sofia Catarina Soares de (2015), Throwing light on the hidden corners. New data on Palaeolithic art from NW Iberia, In BUENO RAMÍREZ, Primitiva & BAHN, Paul G (Ed. de), *Prehistoric art as Prehistoric Culture*, Oxford, Archaeopress Archaeology, pp. 171-180.
- FAT CHEUNG, Célia; CHEVALLIER, Aude; BONNET-JACQUEMENT, Peggy; LANGLAIS, Mathieu; FERRIÉ, Jean-Georges; COSTAMAGNO, Sandrine, . . . BALLISTA, Sophie (2014), Comparaison des séquences aziliennes entre Dordogne et Pyrénées: état des travaux en cours, In LANGLAIS, Mathieu, NAUDINOT, Nadine & PERESANI, Marco (Dir. de), *Les groupes culturels de la transition Pléistocène-Holocène entre Atlantique et Adriatique*, Paris, Société Préhistorique Française (Séances de la Société Préhistorique Française, 3), pp. 17-44.
- FERNÁNDEZ ACEBO, Virgilio (2010), La Clotilde o La Lora, In MALPELO GARCÍA, Belén & CASTANEDO TAPIS, Ignacio (Ed. de), *Las cuevas con arte paleolítico en Cantabria*, Santander, Asociación Cántabra para la Defensa del Patrimonio Subterráneo (A.C.D.P.S.), pp. 133-140.
- FIGUEIREDO, Sofia Catarina Soares de (2014), O concelho de Mogadouro e a revelação de 20 000 anos de arte rupestre, In *I Encontro de Arqueologia de Mogadouro*. Mogadouro, Abril de 2013. Actas, Mogadouro, Município de Mogadouro, pp. 9-31.

- FIGUEIREDO, Sofia Catarina Soares de & BAPTISTA, António Martinho (2013), A arte esquemática pintada em Portugal, In MARTÍNEZ GARCÍA, Julian & HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro (eds.), *Actas del II Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica*, Comarca de los Vélez. Almería, Ayuntamiento de Vélez-Blanco, pp. 301-315.
- FIGUEIREDO, Sofia Catarina Soares de; NOBRE, Luís; XAVIER, Pedro; GASPAS, Rita & CARRONDO, Joana (2016), First approach to the chronological sequence of the engraved plaques of the Foz do Medal alluvial terrace in *Trás-os-Montes, Portugal*, *ARPI. Arqueología y Prehistoria del Interior peninsular*, 4 (extra. Homenaje a Rodrigo de Balbín Behrmann), Madrid, Universidad de Alcalá de Henares, pp. 64-77.
- FORTEA PÉREZ, Javier (2002), Trente-neuf dates C14-SMA pour l'art pariétal paléolithique des Asturies, *Préhistoire, Art et Sociétés*, 57, Tarascon, Société Préhistorique de Ariège-Pyrénées, pp. 7-28.
- FOSSE, Gérard (1997), Le Paléolithique récent et final du bassin de la basse-Seine (Yvelines-Eure-Seine-Maritime), In FAGNART, Jean-Pierre & THÉVENIN, André (Ed. de), *Le Tardiglaciaire en Europe du Nord-Ouest*, Paris, Éditions du CTHS, pp. 233-244.
- FRITZ, Carole & TOSELLO, Gilles (2011), Exceptional evidence for Palaeolithic art in the Paris Basin: the engraved pebble from Étioilles (Essone), *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 108 (1), Paris, Société Préhistorique Française, pp. 27-46.
- FULLOLA I PERICOT, Josep Maria; DOMINGO SANZ, Inés; ROMÁN MONROIG, Dídac; GARCÍA ARGÜELLES, María Pilar; GARCÍA DÍEZ, Marcos & NADAL, Jorge (2015), Small seeds for big debates: Past and Present contributions to Palaeoart studies from North-eastern Iberia, In BUENO RAMÍREZ, Primitiva & BAHN, Paul G. (Ed. de), *Prehistoric art as Prehistoric Culture*, Oxford, Archaeopress Archaeology, pp. 157-169.
- FULLOLA I PERICOT, Josep Maria; VIÑAS I VALLVERDU, Ramón & GARCÍA ARGÜELLES, María Pilar (1990), La nouvelle plaquette gravée de Sant Gregori (Catalogne, Espagne), In CLOTTE, Jean (Dir. de), *L'art des objets au Paléolithique. Colloque international. Foix—Le Mas-d'Azil. 16-21 novembre 1987, 1: L'art mobilier et son contexte*, Paris, Ministère de la Culture, de la Communication, des Grands Travaux et du Bicentenaire, pp. 279-286.
- GABRIEL, Sónia Marques & BÉAREZ, Philippe (2009), Caçadores-pescadores do vale do Côa: os restos de fauna do sítio do Fariseu, In AUBRY, Thierry (Ed. de), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa, IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), pp. 331-339.
- GAMEIRO, Cristina (2009), Utensílios e suportes microlíticos do Magdalenense final no Vale do Côa: o exemplo da U.E. 4 do Fariseu, In AUBRY, Thierry (Ed. DE), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa, IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), pp. 256-268.
- (2012), *La variabilité régionale des industries lithiques de la fin du Paléolithique supérieur au Portugal*, Paris, Université Paris I — Panthéon-Sorbonne (Tese de Doutoramento, policopiada).
- GARCIA-DIEZ, Marcos (2004), El grafismo mobile del Molí del Salt i la figuració mobile durant el Tardiglaciari en el vessant mediterrani de la Península Ibèrica, In VAQUERO, Manuel (Ed. De), *Els darrers caçadors-recol·lectors de la Conca de Barberà: el jaciment del Molí del Salt (Vimbodí). Excavacions 1999-2003*, Montblanc, Museu-Arxiu de Montblanc i Comarca (Publicaciones del Museu, 5), pp. 211-263.
- (2013), La expresión gráfica de La Peña de Estebanvela (Segovia) en el contexto de los últimos grupos cazadores-recolectores europeos, In CACHO QUESADA, Carmen (Coord. de), *Ocupa-*

- ciones magdalenenses en el interior de la Península Ibérica. La Peña de Estebanvela (Ayllón, Segovia), [s.l.], Junta de Castilla y León/ CSIC, pp. 471-514.
- GARCÍA-DIEZ, Marcos & AUBRY, Thierry (2002), Grafismo mueble en el Valle de Côa (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): La estación arqueológica de Fariseu, *Zephyrus*, 55, Salamanca, Universidad de Salamanca, pp. 157-182.
- GARCIA-DIEZ, Marcos & Cacho, Carmen (2015), Beyond Leroi-Gourhan's style IV: portable art at La Peña de Estebanvela rock-shelter (Segovia, Spain), *Journal of Anthropology and Archaeology*, 3 (1), Madison, American Research Institute for Policy Development, pp. 23-36.
- GARCÍA-DIEZ, Marcos & VAQUERO, Manuel (2006), La variabilité graphique du Molí del Salt (Vimodó, Catalogne, Espagne) et l'art mobilier de la fin du Paléolithique supérieur à l'est de la Péninsule Ibérique, *L'Anthropologie*, 110, Amsterdam, Elsevier, pp. 453-481.
- GARCÍA-DIEZ, M.; BAPTISTA, António Martinho; ALMEIDA, Manuel; BARBOSA, Fernando; FELIX, João (2000), Observaciones en torno a las grafías de estilo paleolítico de la gruta de Escoural y su conservación (Santiago de Escoural, Montemor-o-Novo, Évora), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3 (2), Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 5-14.
- GASPAR, Rita; FERREIRA, João; CARRONDO, Joana; SILVA, Maria João & GARCÍA-VADILLO, Francisco Javier (2016), Open-air Gravettian lithic assemblages from Northeastern Portugal: The Foz do Medal site, *Quaternary International*, 406, Amsterdam, Elsevier & INQUA, pp. 44-64.
- GOMES, Mário Varela (2002), Arte rupestre em Portugal — perspectiva sobre o último século, In *Arqueologia 2000. Balanço de um século de investigação arqueológica em Portugal*, Lisboa, AAP (*Arqueologia & História*, 54), pp. 139-194.
- (2007), Os períodos iniciais da arte do Vale do Tejo (Paleolítico e Epipaleolítico), *Cuadernos de Arte Rupestre*, 4, Murcia, Gobierno de la Región de Murcia, pp. 81-116.
- GONZÁLEZ SAINZ, César (2007), Dating Magdalenian art in Northern Spain: the current situation, In PETTITT, Paul, BAHN, Paul G & RIPOLL LÓPEZ, Sergio (Ed. de), *The Palaeolithic cave art in Creswell Crags in European context*, Oxford, Oxford University Press, pp. 247-262.
- GONZÁLEZ-PUMARIEGA SOLÍS, María (2011), *La cueva de El Pindal. 1911-2011. Estudio de su arte rupestre cien años después de Les cavernes de la région cantabrique*, Pola de Siero, Ménsula Ediciones (Ménsula Patrimonio, 4).
- GUY, Emmanuel (1993), Enquête stylistique sur l'expression figurative épipaléolithique en France: de la forme au concept, *Paléo*, 5, Les Eyzies-de-Tayac, SAMRA, pp. 333-373.
- (1997), Enquête stylistique sur cinq composants de la figuration épipaléolithique en France, *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 94 (3), Paris, Société Préhistorique Française, pp. 309-314.
- HUSSON, François; JOSSE, Julie; LE, Sebastien & MAZET, Jeremy. (2015), FactoMineR: Multivariate Exploratory data analysis and data mining with R. R package version 1.31.3, URL: <http://factominer.free.fr>.
- IGLER, W.; DAUVOIS, Michel; HYMAN, M; MENU, Michel; ROWE, Marvin W.; VÉZIAN, Jean & WALTER, Philippe (1994), Datation radiocarbone de deux figures pariétales de la grotte de Portel (commune de Loubens, Ariège), *Préhistoire Ariégeoise*, 49, Tarascon, Société Préhistorique de Ariège-Pyrénées, pp. 231-236.
- JORDÁ CERDÁ, Francisco (1964), Sobre técnicas, temas y etapas del Arte Paleolítico de la Región Cantábrica, *Zephyrus*, 15, Salamanca, Univesrsidad de Salamanca, pp. 5-25.
- JORDÁ PARDO, Jesús Francisco & CACHO QUESADA, Carmen (2013), Radiocarbono y cronoes-

- tigrafía del registro arqueológico pleistoceno de La Peña de Estebanvella (Ayllón, Segovia, España), In CACHO QUESADA, Carmen (Coord. de), *Ocupaciones magdalenenses en el interior de la Península Ibérica. La Peña de Estebanvella (Ayllón, Segovia)*, [s.l.], Junta de Castilla y León/CSIC, pp. 75-92.
- JORGE, Susana Oliveira; ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; JORGE, Vítor Oliveira; SANCHES, Maria de Jesus & SOEIRO, Maria Teresa (1981), Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta), *Arqueologia*, 3, Porto, GEAP, pp. 3-12.
- LANGLAIS, Mathieu; COSTAMAGNO, Sandrine; LAROULANDIE, Veronique; PÉTILLON, Jean-Marc; DISCAMPS, Emmanuel; MALLYE, Jean-Baptiste, . . . KUNTZ, Delphine (2012), The evolution of Magdalenian societies in South-west France between 18,000 and 14,000 calBP: Changing environments, changing tool kits, *Quaternary International*, Amsterdam, Elsevier & INQUA, pp. 138-149.
- LAYTON, Robert (2001), Ethnographic study and symbolic analysis, In WHITLEY, David S (Ed. de), *Handbook of rock art research*, Walnut Creek, California, AltaMira Press, pp. 311-331.
- LEJEUNE, Marylise (1995), L'art pariétal de la grotte d'Escoural, In ARAÚJO, Ana Cristina & LEJEUNE, Marylise (Ed. de), *Gruta do Escoural: Necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica*, Lisboa, IPPAR (Trabalhos de Arqueologia, 8), pp. 121-241.
- LE MOS, Francisco Sande (1994), Dossier Côa I: o relatório de impacte patrimonial, *Forum*, 15-16, Braga, Universidade do Minho, pp. 141-156.
- LEP (1999), Inventario descriptivo de los distintos núcleos artísticos, In RIPOLL LÓPEZ, Sergio & MUNICIO GONZÁLEZ, Luciano José (Dir. de), *Domingo García. Arte rupestre paleolítico al aire libre en la meseta castellana*, Valladolid, Junta de Castilla y León (Arqueología en Castilla y León, 8), pp. 59-196.
- LE QUELLEC, Jean-Loïc; HARMAN, Jon; DEFRASNE, Claudia & DUQUESNOY, Frédérique (2013), DStrecht® et l'amélioration des images numériques: applications à l'archéologie des images rupestres, *Les Cahiers de l'AARS*, 16, Saint-Lizier, Association des Amis de l'Art Rupestre Saharien, pp. 177-198.
- LEROI-GOURHAN, André (1984), *Arte y grafismo en la Europa prehistórica*, Madrid, Editorial Istmo (Artes, técnicas, humanidades, 4).
- LEROI-GOURHAN, André & BRÉZILLON, Michel (1972), *Fouilles de Pincevent. Essai d'analyse ethnographique d'un habitat magdalénien*, Paris, Éditions du CNRS (Supplément à Gallia Préhistoire, 7).
- LEROI-GOURHAN, André; DELLUC, Brigitte & DELLUC, Gilles (1995), *Préhistoire de l'art occidental. Nouvelle édition revue et augmentée*, Paris, Citadelles & Mazenod (L'Art et les Grands Civilisations, 1).
- LOMBERA HERMIDA, Arturo & FÁBREGAS VALCARCE, Ramón, eds. (2013), *Cova Eirós. Primeras evidencias de arte rupestre Paleolítico en el Noroeste Peninsular*, Santiago de Compostela, Andavira Editora SL.
- LORBLANCHET, Michel (1985), Premiers résultats de nouvelles recherches à l'abri Murat, *Préhistoire Quercinoise*, 2, Cabrerets, Association des "Amis du Musée A. Lemozi", pp. 58-94.
- (1989), De l'art naturaliste des chasseurs de rennes à l'art géométrique du Mésolithique dans le Sud de la France, In *Colóquio Internacional de Arte Pré-histórica — Nos 25 anos da Gruta do Escoural*, Montemor-o-Novo, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo (Almanson, 7), pp. 95-124.
- (1996), Du Magdalénien à l'Azilien en Quercy, In *La vie préhistorique*, Dijon, Éditions Faton, pp. 282-285.

- LUÍS, Luís (2009), Rock art as land art. A diachronic view of the Côa valley (NE Portugal). Post-palaeolithic rock art, In BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo, BUENO RAMÍREZ, Primitiva, GONZÁLEZ ANTÓN, Rafael & ARCO AGUILAR, Carmen del (Ed. de), *Grabados rupestres de la fachada atlántica europea y africana / Rock Carvings of the European and African Atlantic Façade*, Oxford, Archaeopress (BAR international Series, 2043), pp. 129-147.
- LUÍS, Luís; AUBRY, Thierry; SANTOS, André Tomás (2015), Directing the eye. The Côa valley Pleistocene rock art in its social context, In COLLADO GIRALDO, Hipólito & GARCÍA ARRANZ, José Julio (Eds. de), *Symbols in the landscape: rock art and its context. Proceedings of the XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015* (Cáceres, Spain, 31 August — 4 September 2015), Tomar, Instituto Terra e Memória (Arkeos, 37), pp. 1341-1348.
- MARTIN, Yves (2007), The engravings of Gouy, In PETTITT, Paul, BAHN, Paul G & RIPOLL LÓPEZ, Sergio (eds.), *Palaeolithic cave art at Creswell Crags in european context*, Oxford, Oxford University Press, pp. 140-193.
- MARTÍNEZ VALLE, Rafael & GUILLEM CATALAYUD, Pere Miquel (2005), Arte rupestre de l'Alt Maestrat: las cuencas de la Valltorta y de la Rambla Carbonera, In HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro & SOLER DÍAZ, Jorge A (Ed. de), *Actas del Congreso de arte rupestre en la España mediterránea. Alicante, 25-28 de Octubre de 2004*, Alicante, Instituto Alicantino de Cultura Juan Gil-Albert, pp. 71-88.
- MARTÍNEZ VALLE, Rafael; GUILLEM CATALAYUD, Pere Miquel & VILLAVERDE BONILLA, Valentin (2003), Las figuras de estilo paleolítico del Abric d'en Melià (Castelló): Reflexiones en torno a la caracterización final del arte paleolítico de la España Mediterránea, In BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo & BUENO RAMÍREZ, Primitiva (Ed. de), *Primer symposium internacional de arte prehistórico de Ribadesella. El Arte prehistórico desde los inicios del siglo XXI*, Ribadesella, Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, pp. 279-290.
- MARTÍNEZ VALLE, Rafael; GUILLEM CATALAYUD, Pere Miquel & CUEVA CALABIA, Rafel (2008), Arte rupestre y poblamiento prehistórico en el territorio de Valltorta-Gassulla, In HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro, SOLER DÍAZ, Jorge A & LÓPEZ PADILLA, Juan Antonio (eds.), *IV Congreso del Neolítico Peninsular*, Alicante, Museo Arqueológico de Alicante, pp. 31-40.
- MARTÍNEZ VALLE, Rafael; GUILLEM CATALAYUD, Pere Miquel & VILLAVERDE BONILLA, Valentin (2008), Grabados rupestres de estilo paleolítico en el norte de Castellón, In BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (Ed. de), *Arte prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*, Junta de Castilla y León/Consejería de Cultura y Turismo (Documentos PAHIS, 9), pp. 225-236.
- MERCIER, Norbert; VALLADAS, Hélène; AUBRY, Thierry; ZILHÃO, João; JORON, Jean-Louis; REYSS, Jean-Louis & SELLAMI, Farid (2006), Fariseu: first confirmed open-air Palaeolithic parietal art site in the Côa Valley (Portugal), *Antiquity*, 80 (310), Durham, Durham University, project gallery.
- MERCIER, Norbert; VALLADAS, Hélène; FROGET, Laurence; JORON, Jean-Louis; REYSS, Jean-Louis & AUBRY, Thierry (2009), Application des méthodes de la luminescence à la datation d'occupations paléolithiques de la Vallée du Côa, In AUBRY, Thierry (Ed. de), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa, IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), pp. 343-347.
- MOURE ROMANILLO, Alfonso; GONZÁLEZ SAINZ, César; BERNALDO DE QUIRÓS, Federico & CABREIRA VALDÉS, Victoria (1996), Dataciones absolutas de pigmentos en cuevas cantábricas: Altamira, El Castillo, Chimeneas y Las Monedas, In MOURE ROMANILLO, Alfonso (ed.), *"El Hombre fósil" 80 años después. Homenaje a Hugo Obermaier*, Santander, Servicio de publicaciones, Universidad de Cantabria, pp. 295-324.

- MUSSI, Margherita (2002), *Earliest Italy: An overview of the Italian Paleolithic and Mesolithic*, New York; Boston; Dordrecht; London; Moscow, Kluwer Academic Press.
- NAUDINOT, Nadine; BOURDIER, Camille; LAFORGE, Marine; PARIS, Céline; BELLOT-GURLET, Ludovic; BEYRIES, Sylvie, . . . LE GOFFIC, Michel (2017), Divergence in the evolution of Paleolithic symbolic and technological systems: The shining bull and engraved tablets of Rocher de l'Impératrice, *Plos One*, 12 (3), Public Library of Science, doi:10.1371/journal.pone.0173037.
- OLÀRIA, Carme (1999), *Cova Matutano (Vilafamés, Plana Alta, Castellón): un modelo ocupacional del Magdaleniense superior-final en la vertiente mediterránea peninsular*, Castelló, Servei d'Investigacions Arqueològiques i Prehistòriques (Monografies de Prehistòria i Arqueologia Castellonenques, 5).
- (2008), *Grafismo mobiliar magdaleniense de Cova Matutano (Vilafamés, Castellón) en el contexto del Mediterráneo peninsular*, Castelló, Servei d'Investigacions Arqueològiques i Prehistòriques (Monografies de Prehistòria i Arqueologia Castellonenques, 7).
- PALMA DI CESNOLA, Arturo (2001), *Le Paléolithique supérieur en Italie*, Grenoble, Éditions Jérôme Millon (Série "Préhistoire d'Europe", 9).
- R CORE TEAM (2016), *R: A language and environment for statistical computing*, Vienna, Austria, R Foundation for statistical Computing.
- RASMUNSEN, Sune O.; BIGLER, Matthias; BLOCKLEY, Simon P; BLUNIER, Thomas; BUCHART, Susanne L.; CLAUSEN, Henrik B., . . . WINSTRUP, Mai (2014), A stratigraphic framework for abrupt climatic changes during the Last Glacial period based on three synchronized Greenland ice-core records: refining and extending the INTIMATE event stratigraphy, *Quaternary Science Reviews*, 106, Amsterdam, Elsevier, pp. 14-28.
- REIS, Mário (2012), "Mil rochas e tal...!": Inventário dos sítios da arte rupestre do Vale do Côa, *Portvgalia*, Nova Série, 33, Porto, FLUP, pp. 5-72.
- (2014), "Mil rochas e tal...!": Inventário dos sítios da arte rupestre do Vale do Côa (conclusão), *Portvgalia*, 35, Porto, FLUP, pp. 17-59.
- RIBEIRO, Maria Luísa (2001), *Notícia explicativa. Carta geológica simplificada do Parque Arqueológico do Vale do Côa*, Vila Nova de Foz Côa, Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- RÍOS GONZÁLEZ, Sergio & CASTRO VALDÉS, César García (2007), Estaciones del Oriente de Asturias con arte rupestre, In RÍOS GONZÁLEZ, Sergio & CASTRO VALDÉS, César García, RASILLA VIVES, Marco de la & FORTEA PÉREZ, Javier (Ed. de), *Arte rupestre prehistórico del Oriente de Asturias*, Oviedo, Ediciones Nobel, pp. 45-201.
- RIPOLL LÓPEZ, Sergio & CACHO QUESADA, Carmen (1990), Art mobilier du Paléolithique méditerranéen espagnol: quelques nouvelles découvertes, In CLOTTES, Jean (Dir. de), *L'art des objets au Paléolithique. Colloque international. Foix—Le Mas-d'Azil. 16-21 novembre 1987, 1: L'art mobilier et son contexte*, Paris, Ministère de la Culture, de la Communication, des Grands Travaux et du Bicentenaire, pp. 287-293.
- RIPOLL PERELLÓ, Eduardo (1972), *La cueva de las Monedas en Puente Viesgo (Santander)*, Barcelona, Diputación Provincial de Barcelona — Instituto de Prehistoria y Arqueología; Wenner Green Foundation for Anthropological Research.
- ROGERIO-CANDELERIA, Miguel Ángel; FIGUEIREDO, Sofia Catarina Soares de; GUIMARÃES, Pedro & BAPTISTA, António Martinho (2010), Análisis de imagen de pinturas rupestres del yacimiento de Faia (Parque Arqueológico de Vila Nova de Foz Côa, Guarda, Portugal), In SÁIZ CARRASCO, María Esperanza, LÓPEZ ROMERO, Raúl, DÍAZ-TENDERO, María Ascensión Cano and CALVO

- GARCÍA, Juan Carlos (eds.), *VIII Congreso Ibérico de Arqueometria (Teruel, 19-21 Octubre 2009)*, Teruel, Seminario de Arqueología Turolense, pp. 419-428.
- ROUSSOT, Alain (1990), Art mobilier et pariétal du Périgord et de la Gironde: comparaisons stylistiques, In CLOTTE, Jean (Dir. de), *L'art des objets au Paléolithique. Colloque international. Foix—Le Mas d'Azil. 16-21 novembre 1987, 1: L'art mobilier et son contexte*, Paris, Ministère de la Culture, de la Communication, des Grands Travaux et du Bicentenaire, pp. 188-202.
- SAN JUAN, Cristina (1983), Un grabado inédito sobre un disco de ocre de la Cueva de La Chora (Cantabria), *Ars Praehistorica*, 2, Sabadell, Editorial AUSA, pp. 177-180.
- SANCHES, Maria de Jesus & TEIXEIRA, Joana Castro (2014), O abrigo do Passadeiro, Palaçoulo (Miranda do Douro). Um caso de estudo de gravuras rupestres dos inícios do Holocénico no Nordeste de Portugal, *Portvgalia*, 35, Porto, FLUP, pp. 61-75.
- SANTOS, André Tomás (2015), A arte paleolítica do Vale do Côa: breve síntese, In LEE, Sangmog, BAPTISTA, António Martinho & FERNANDES, António Pedro Batarda (Ed. de), *Arte Rupestre do Vale do Côa*, Ulsan, Ulsan Petroglyph Museum, pp. 68-89.
- (2017), *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Tese de Doutoramento, polícopiada).
- SANTOS, André Tomás; SANCHES, Maria de Jesus & TEIXEIRA, Joana Castro (2015), The Upper Palaeolithic rock art of Portugal in its Iberian context, In BUENO RAMÍREZ, Primitiva & BAHN, Paul G (Ed. de), *Prehistoric art as Prehistoric Culture*, Oxford, Archaeopress Archaeology, pp. 123-133.
- SANTOS, Manuel Farinha dos (1967), Novas gravuras rupestres descobertas na Gruta do Escoural, *Revista de Guimarães*, 77, Guimarães, Sociedade Martins Sarmiento, pp. 18-34.
- SAUVET, Georges; SAUVET, Suzanne & WLODARCZYK, André (1977), Essai de sémiologie préhistorique (Pour une théorie des premiers signes graphiques de l'homme), *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 74 (2), Paris, Société Préhistorique Française, pp. 545-558.
- SELLAMI, Farid (2009), Les données de la séquence stratigraphique du site de Fariseu: processus de déposition et d'érosion des dépôts en limite de la plaine alluviale de la Vallée du Côa, In AUBRY, Thierry (Ed. de), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa, IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), pp. 103-108.
- SÉRONIE-VIVIEN, Marie-Roger (1986), Utilization de la gravure et de la peinture à l'azilien: l'apport du gisement de Pégourié (Caniac-du-Causse, Lot), *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 83 (11-12), Paris, Société Préhistorique Française, pp. 416-422.
- STEELMAN, Karen L; LOMBERA HERMIDA, Arturo; VIÑAS I VALLVERDU, Ramón; RODRÍGUEZ ÁLVAREZ, Xosé Pedro; CARRERA RAMÍREZ, Fernando; RUBIO MORA, Albert & FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (2017), Cova Eirós: an integrated approach to dating the earliest known cave art in NW Iberia, *Radiocarbon*, 59 (1), Tucson, University of Arizona, pp. 151-164.
- STRAUS, Lawrence Guy (1987), Terminal paleolithic and early mesolithic research at Abri Dufaure, Southwest France, *Munibe*, 39, San Sebastian, Sociedad de Ciencias Aranzadi, pp. 61-65.
- STRAUS, Lawrence Guy & ÉVIN, Jacques (1989), Datations par le radiocarbone des couches Azilienne et Magdalénienne de l'Abri Dufaure (Sordes-l'Abbaye, Les Landes), *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 86 (5), Paris, Société Préhistorique Française, pp. 146-155.
- TABORIN, Yvette (2001), De l'art magdalénien figuratif à Étioilles (Essone, Bassin parisien), *Bulletin*

- de la Société Préhistorique Française, 98 (1), Paris, Société Préhistorique Française, pp. 125-128.
- TOSELLO, Gilles (2003), *Pierres gravées du Périgord Magdalénien: art, symboles, territoires*, Paris, CNRS (Supplément à Gallia Préhistoire, 36).
- UTRILLA, Pilar & VILLAVARDE BONILLA, Valentin (2004), *Los grabados levantinos del Barranco Hondo (Castellote, Teruel)*, [s.l.], Gobierno de Aragón.
- VALDEYRON, Nicolas & DETRAIN, Luc (2009), La fin du Tardiglaciaire en Agenais, Périgord et Quercy: État de la question, perspectives, In *Els Pirineus i les àrees circumdants durant el Tardiglacial. Mutacions i filiacions tecnoculturals, evolució paleoambiental (16000-10000 BP)*. XIV Col·loqui Internacional d'Arqueologia de Puigcerdà. 10-12 de novembre de 2006, Puigcerdà, Institut d'Estudis Certans, pp. 493-517.
- VALLADAS, Héliène; MERCIER, Norbert; FROGET, Laurence; JORON, Jean-Louis; REYSS, Jean-Louis & AUBRY, Thierry (2001), TL dating of upper Palaeolithic sites in the Coa Valley (Portugal), *Quaternary Science Reviews*, 20 (5-9), Amsterdam, Elsevier, pp. 939-943.
- VIALOU, Denis (1986), *L'art des grottes en Ariège magdalénienne*, Paris, CNRS (Supplément à Gallia Préhistoire, 26).
- VIGLIARDI, Alda (1972), Le incisioni su pietra romanelliane della Grotta del Cavallo (Uluzzo, Lecce), *Rivista di Scienze Preistoriche*, 27 (1), Firenze, Istituto Italiano di Preistoria e Protostoria, pp. 57-115.
- VILASECA ANGUERA, Salvador (1934), L'estació-taller de sílex de Sant Gregori, *Memoria de la Academia de Ciencias y Arte de Barcelona*, 23 (21), Barcelona, Academia de Ciencias y Arte de Barcelona, pp. 415-439.
- VILLAVARDE BONILLA, Valentin (1985), Hueso con grabados paleolíticos de la cova de Les Cendres (Teulada, Alicante), *Lucentum*, 4, Alicante, Universidad de Alicante, pp. 7-14.
- (1994), *Arte paleolítico de la Cova del Parpalló. Estudio de la colección de plaquetas y cantos con grabados y pinturas*, Valencia, Servei d'Investigació Prehistòrica.
- ZILHÃO, João, Coord. de (1997), *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*, Lisboa, Ministério da Cultura.
- (1997), *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*, Lisboa, Edições Colibri.
- ZILHÃO, João; AUBRY, Thierry; CARVALHO, António Manuel Faustino de; ZAMBUJO, Gertrudes & ALMEIDA, Francisco (1995), O sítio arqueológico paleolítico do Salto do Boi (Cardina, Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35 (4), Porto, SPAE, pp. 471-485.

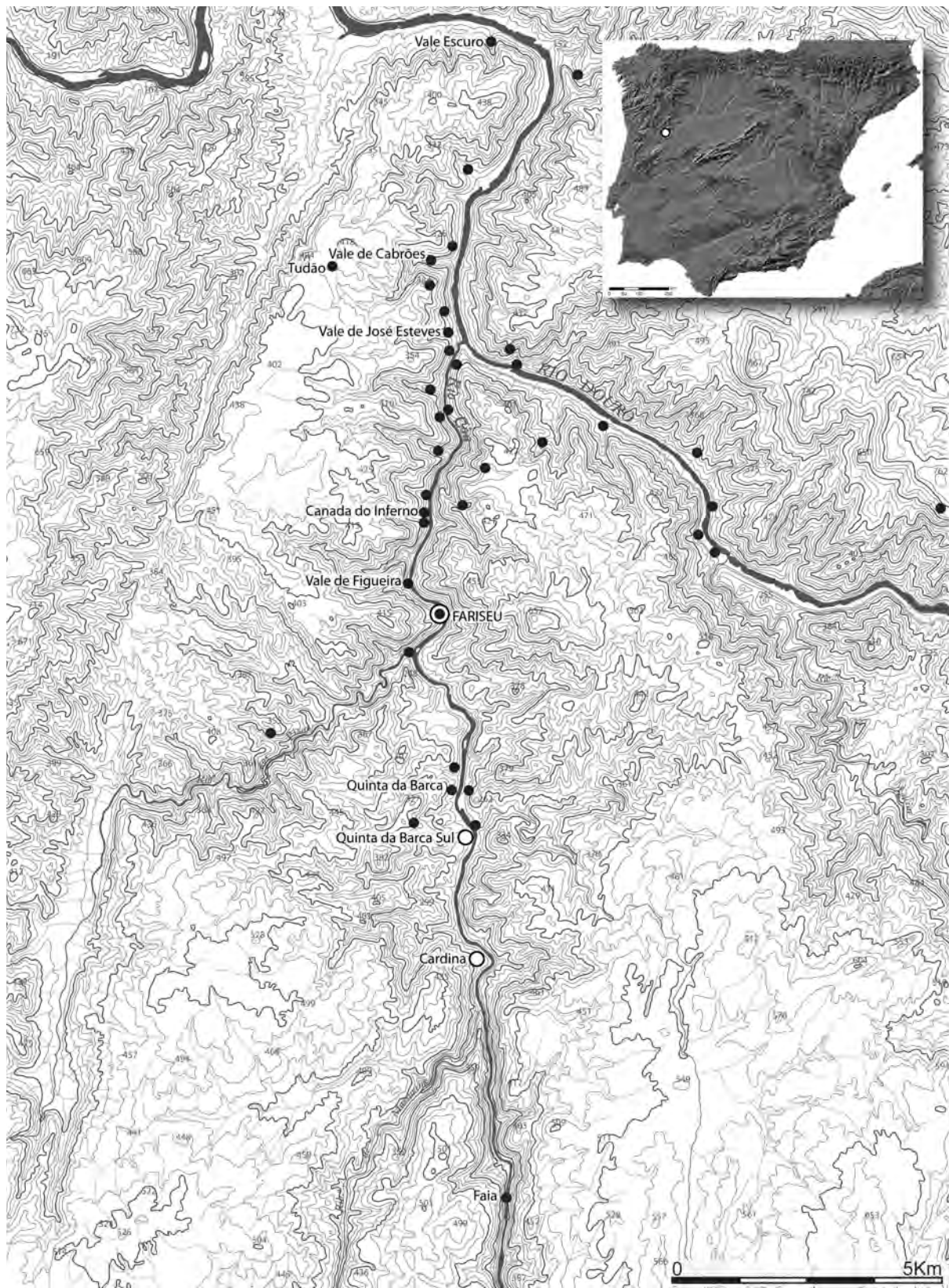


Fig. 1: Localização do sítio do Fariseu no contexto do Azilense do Vale do Côa e na Península Ibérica. Os círculos preenchidos a branco assinalam os sítios de ocupação e os restantes os sítios com arte rupestre.

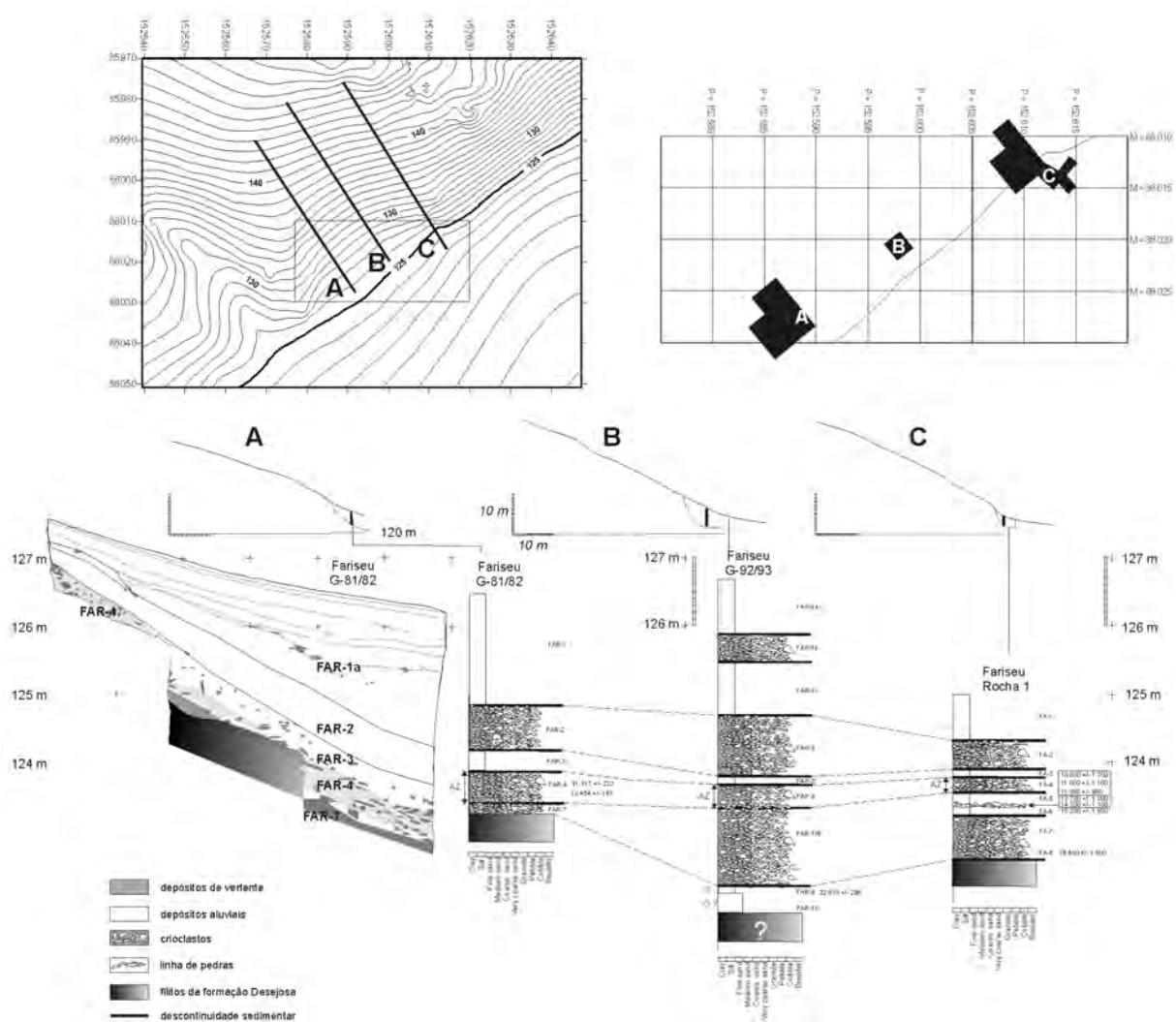


Fig. 2: Localização das sondagens, em planta e em corte, na vertente do Fariseu. Abaixo observa-se a relação entre a estratigrafia identificada nas três sondagens efetuadas.

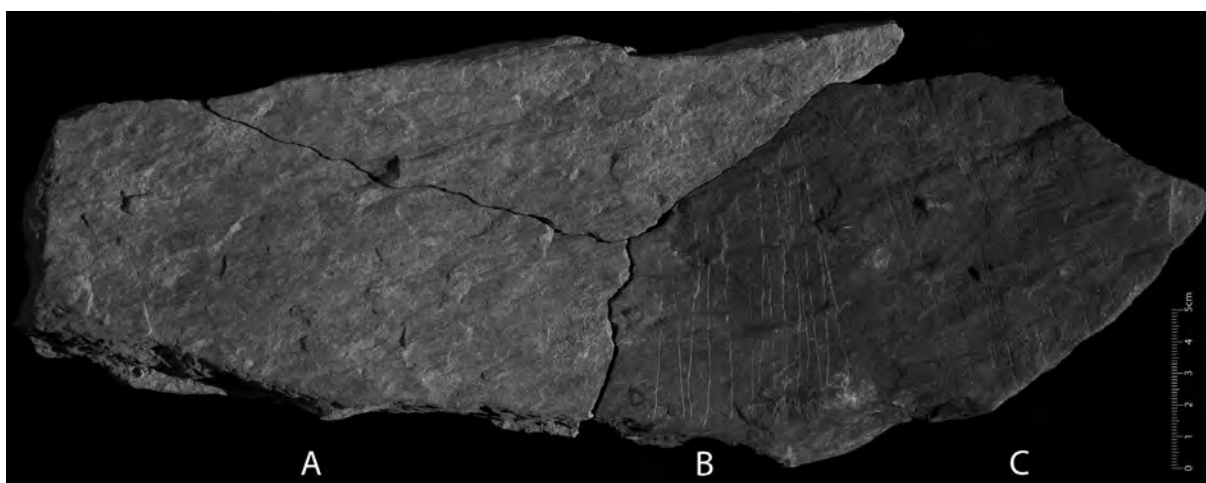


Fig. 3: Placa utilizada como referente experimental. A — zona não queimada; B — zona queimada em fase prévia à gravação; C — zona queimada posteriormente à gravação.

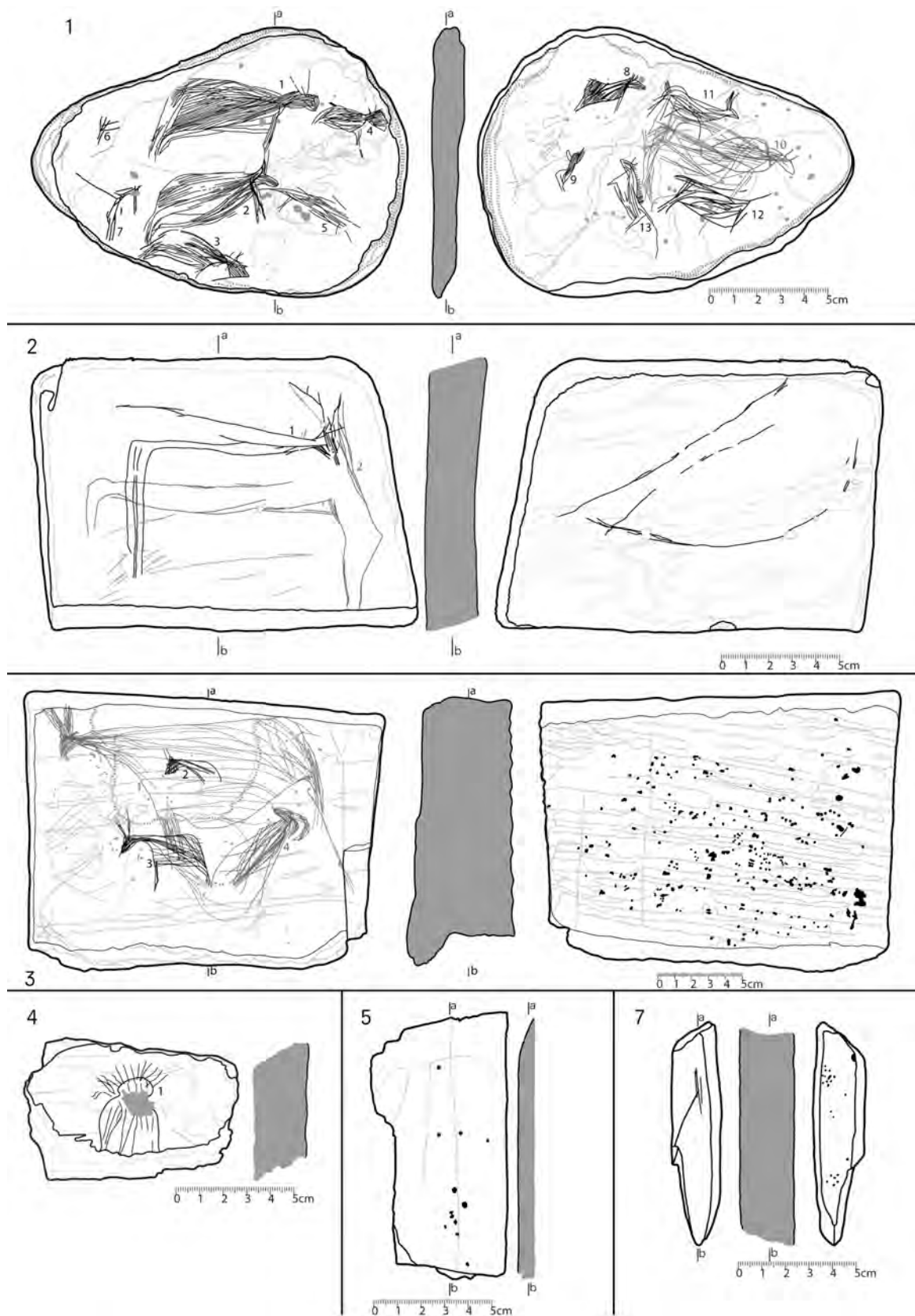


Fig. 4: Peças 1 a 5 e 7 do Fariseu.

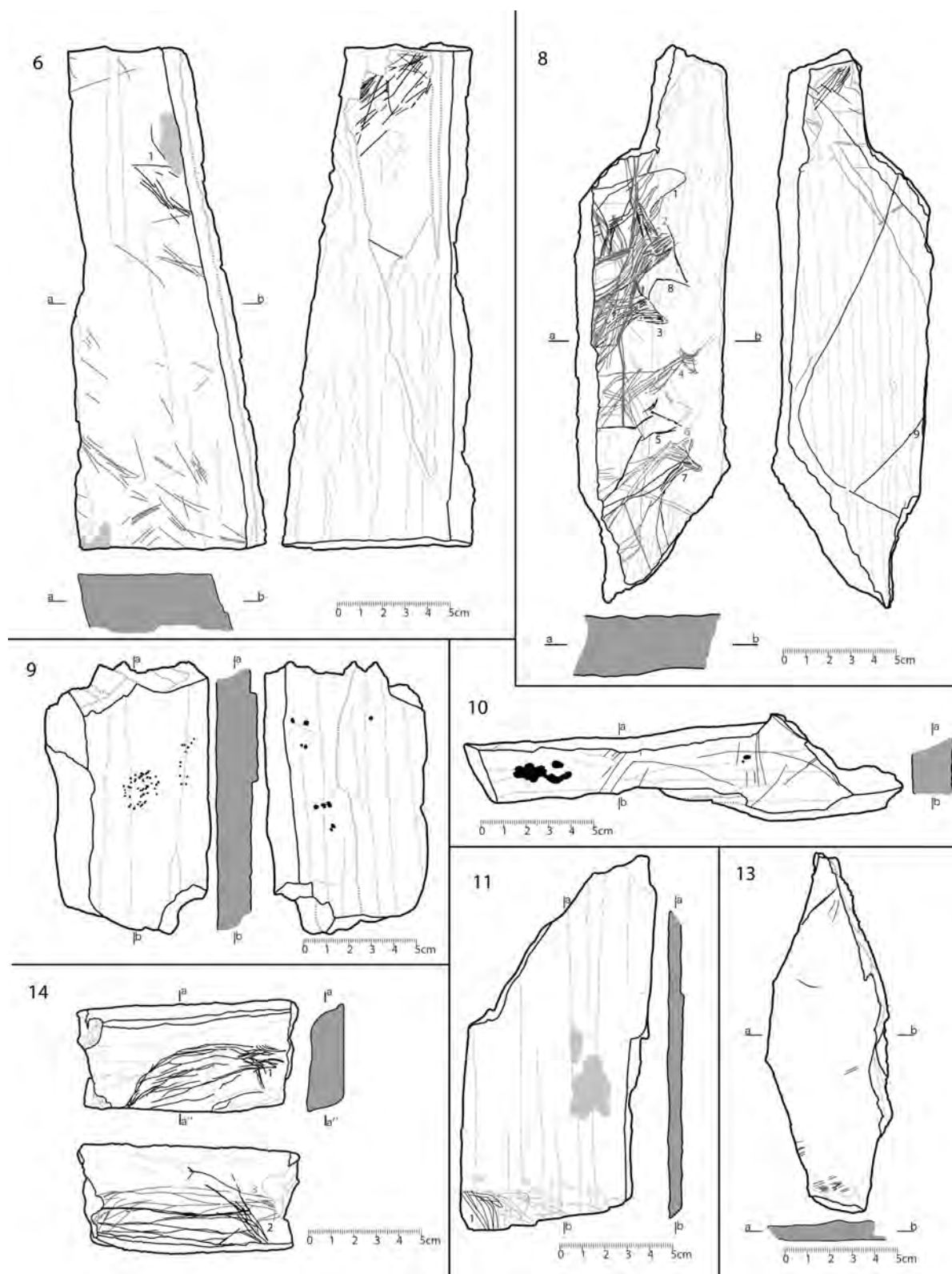


Fig. 5: Peças 6, 8 a 11, 13 e 14 do Fariseu.

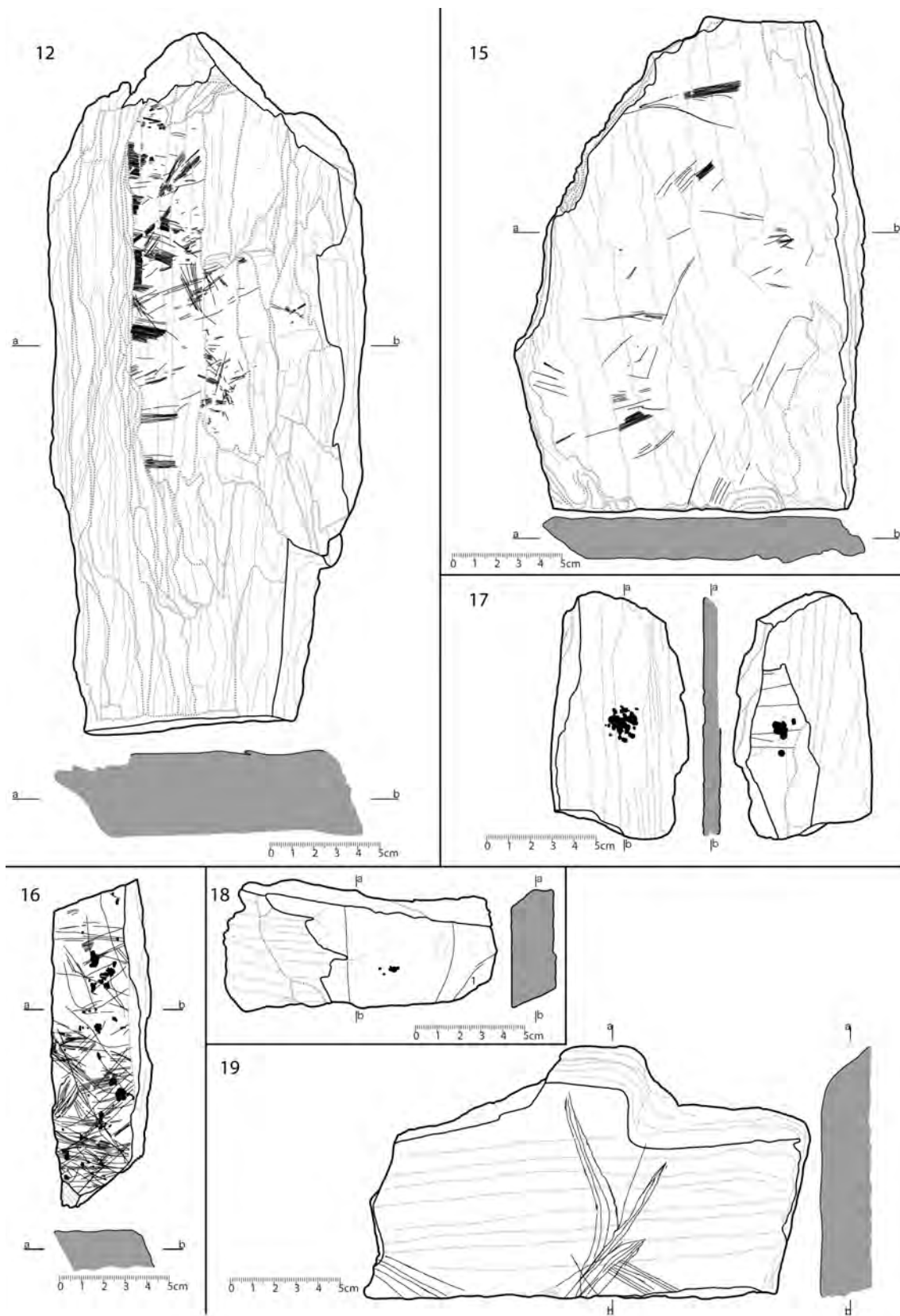


Fig. 6: Peças 12 e 15 a 19 do Fariseu.

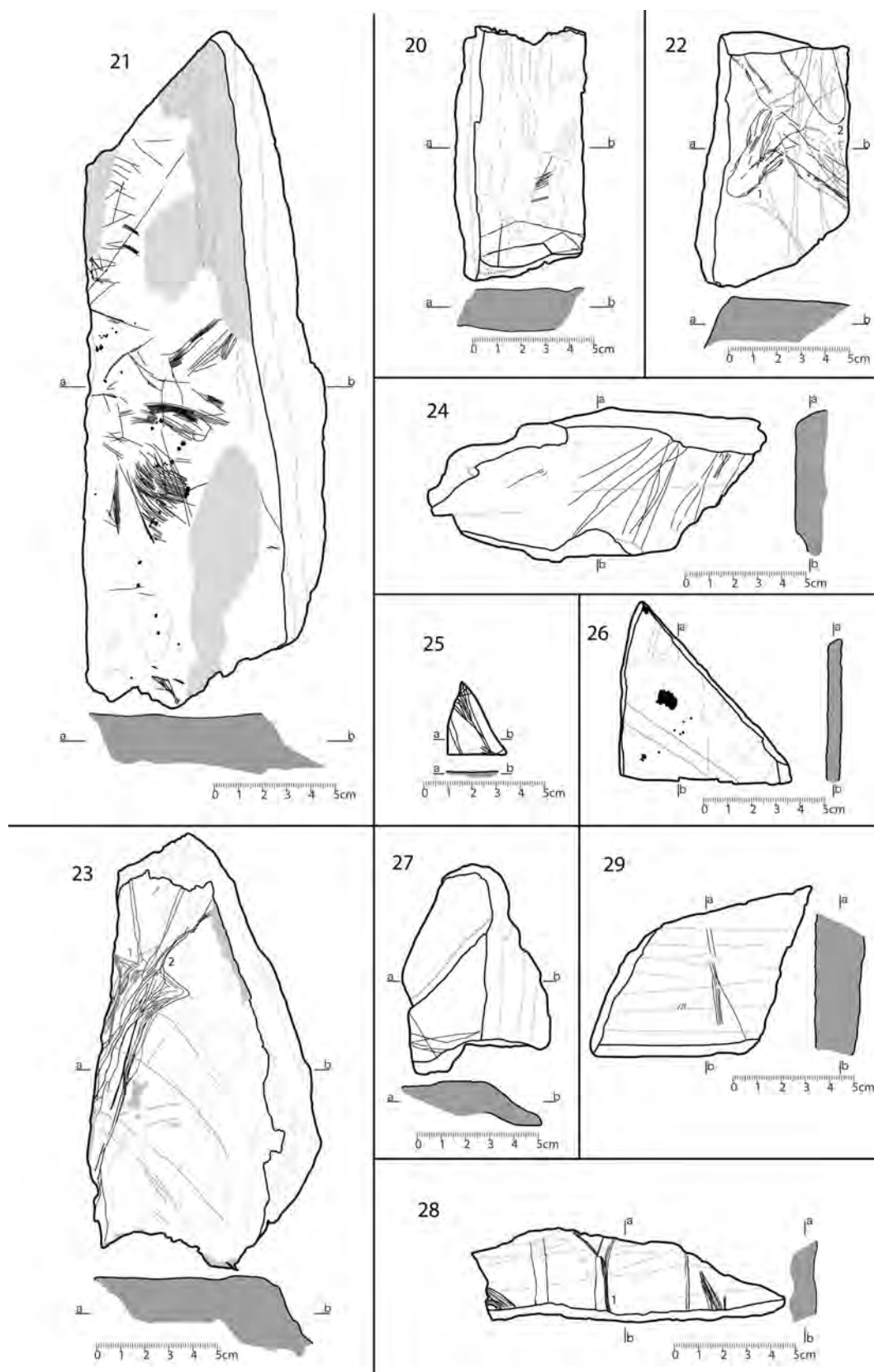


Fig. 7: Peças 20 a 29 do Fariseu.

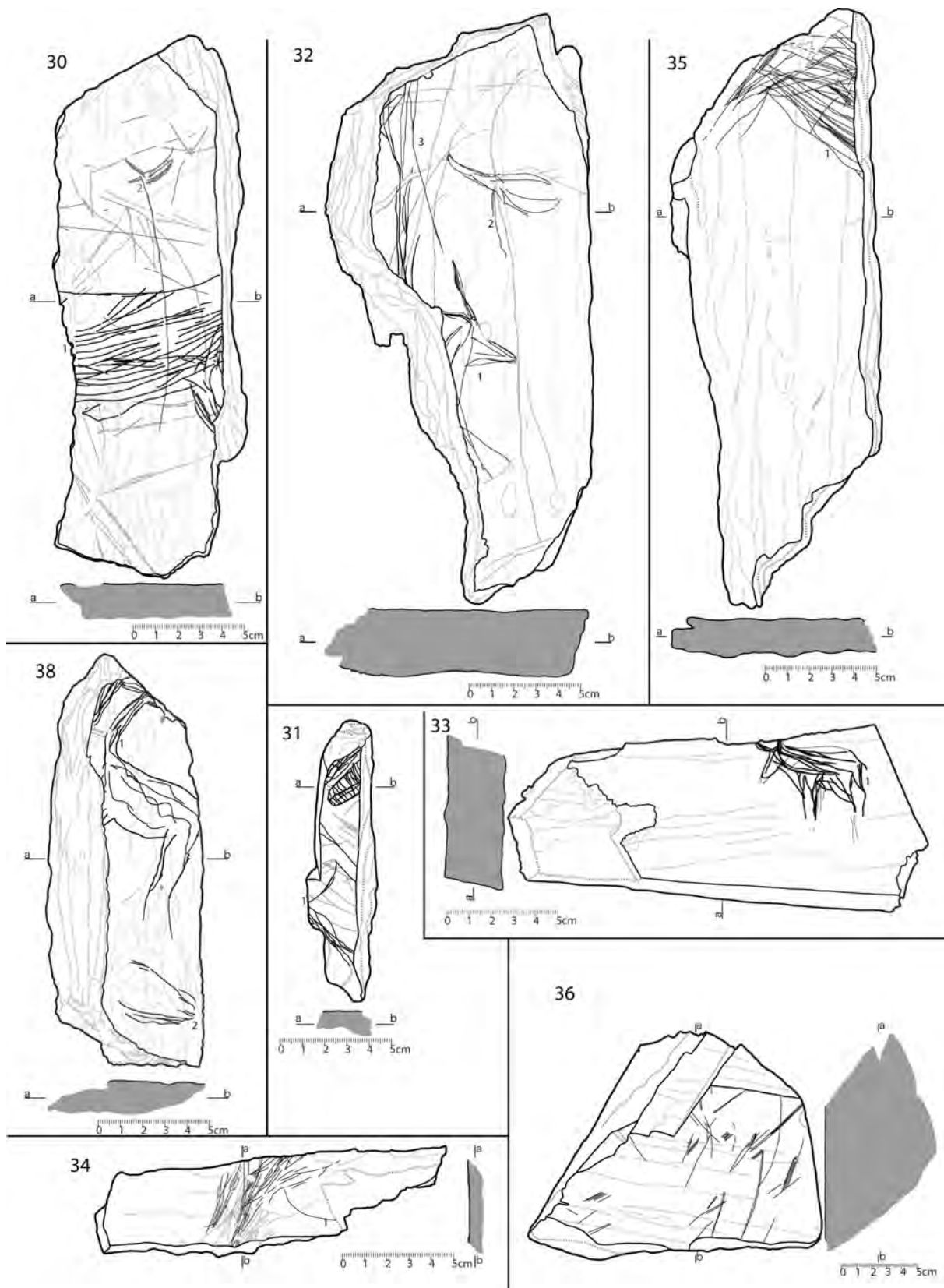


Fig. 8: Peças 30 a 36 e 38 do Fariseu.

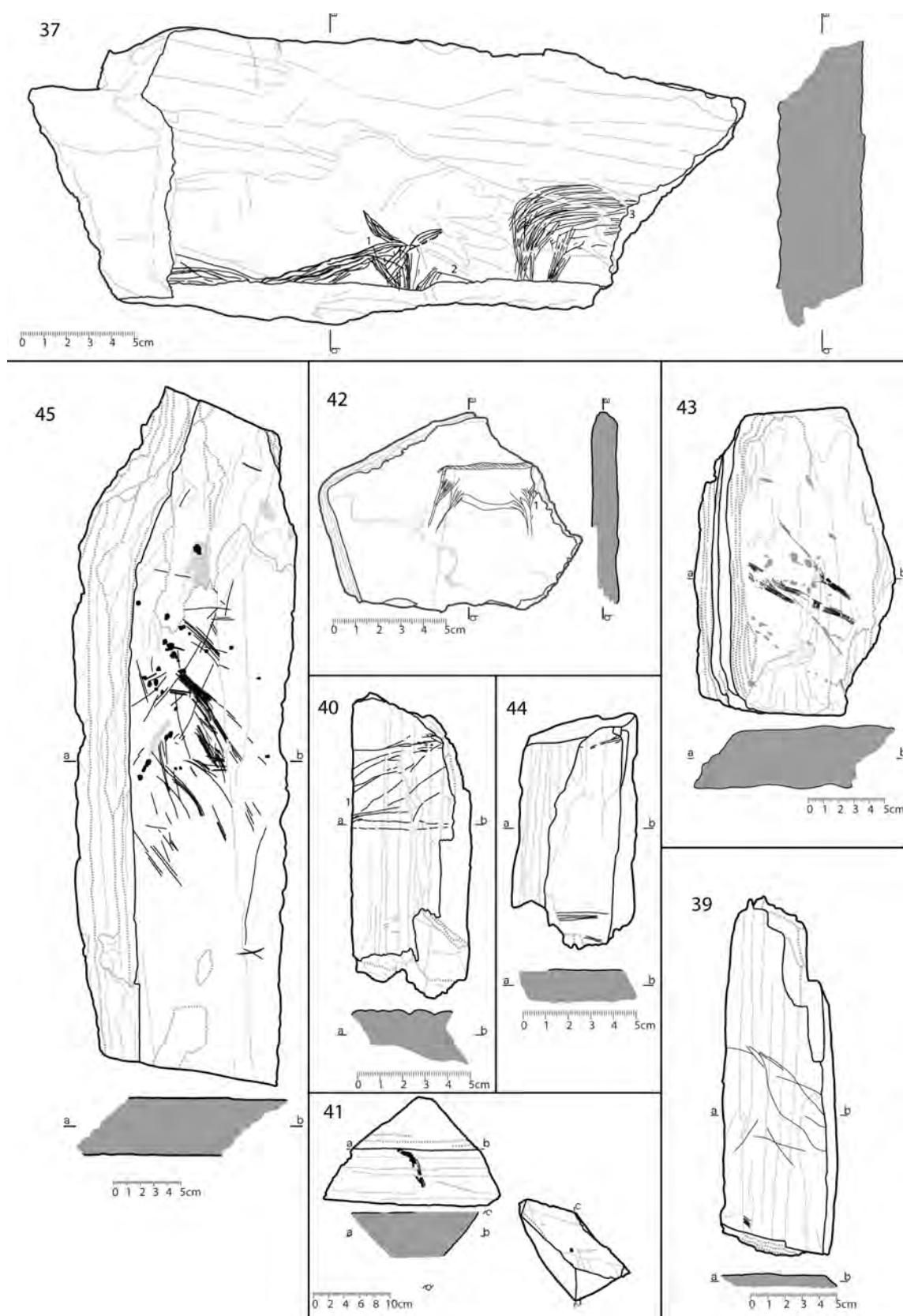


Fig. 9: Peças 37 e 39 a 45 do Fariseu.

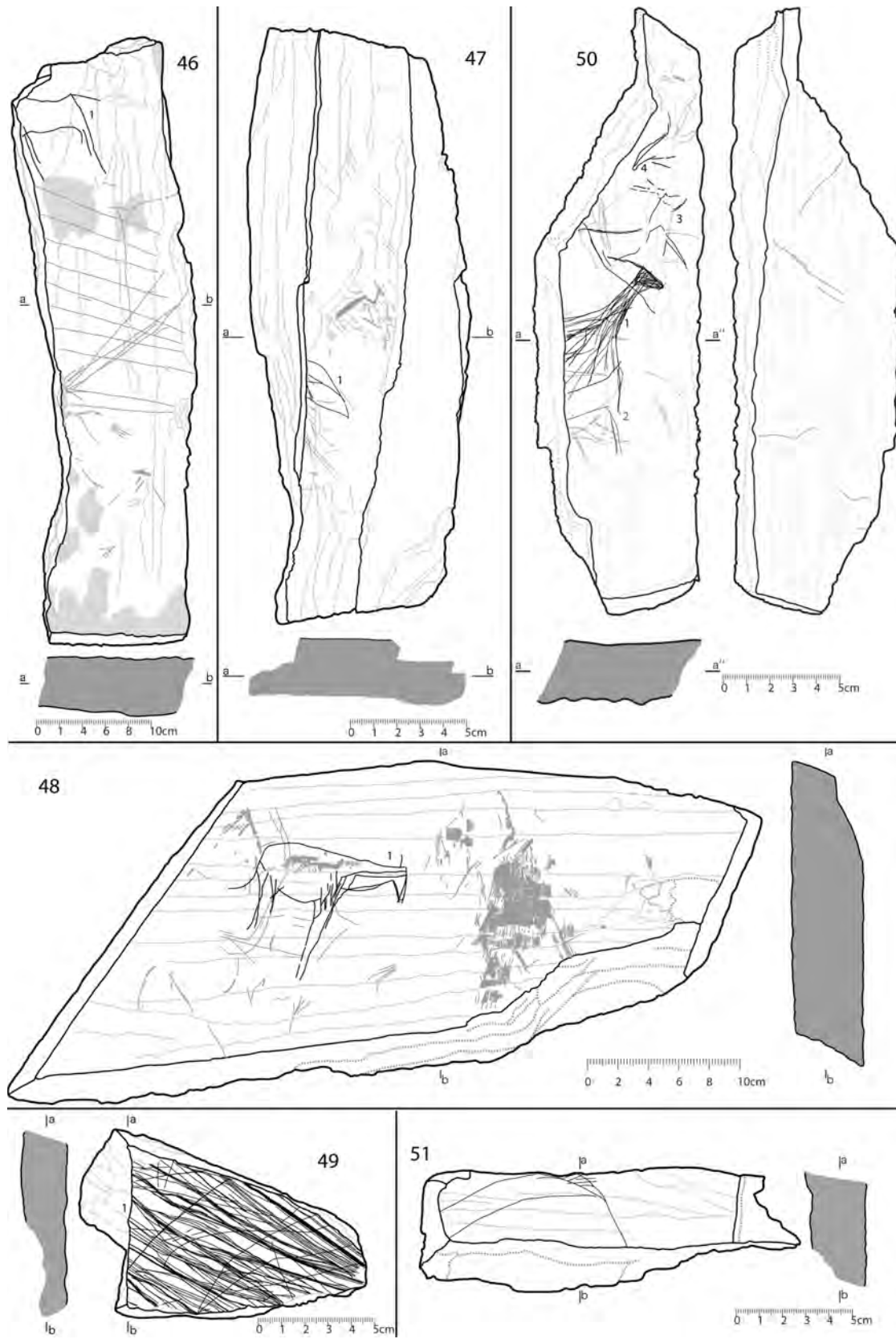


Fig. 10: Peças 46 a 51 do Fariseu.

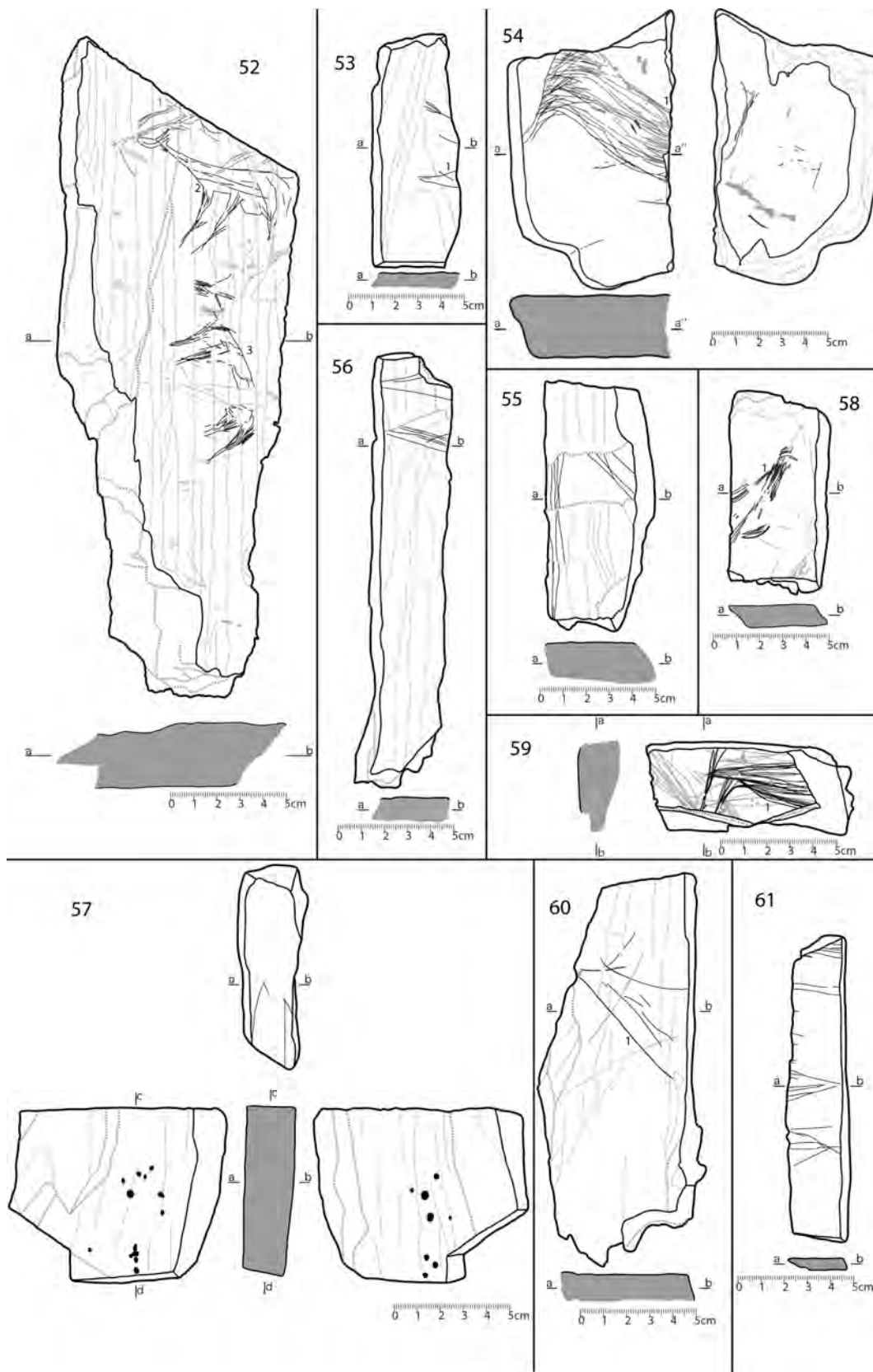


Fig. 11: Peças 52 a 61 do Fariseu.

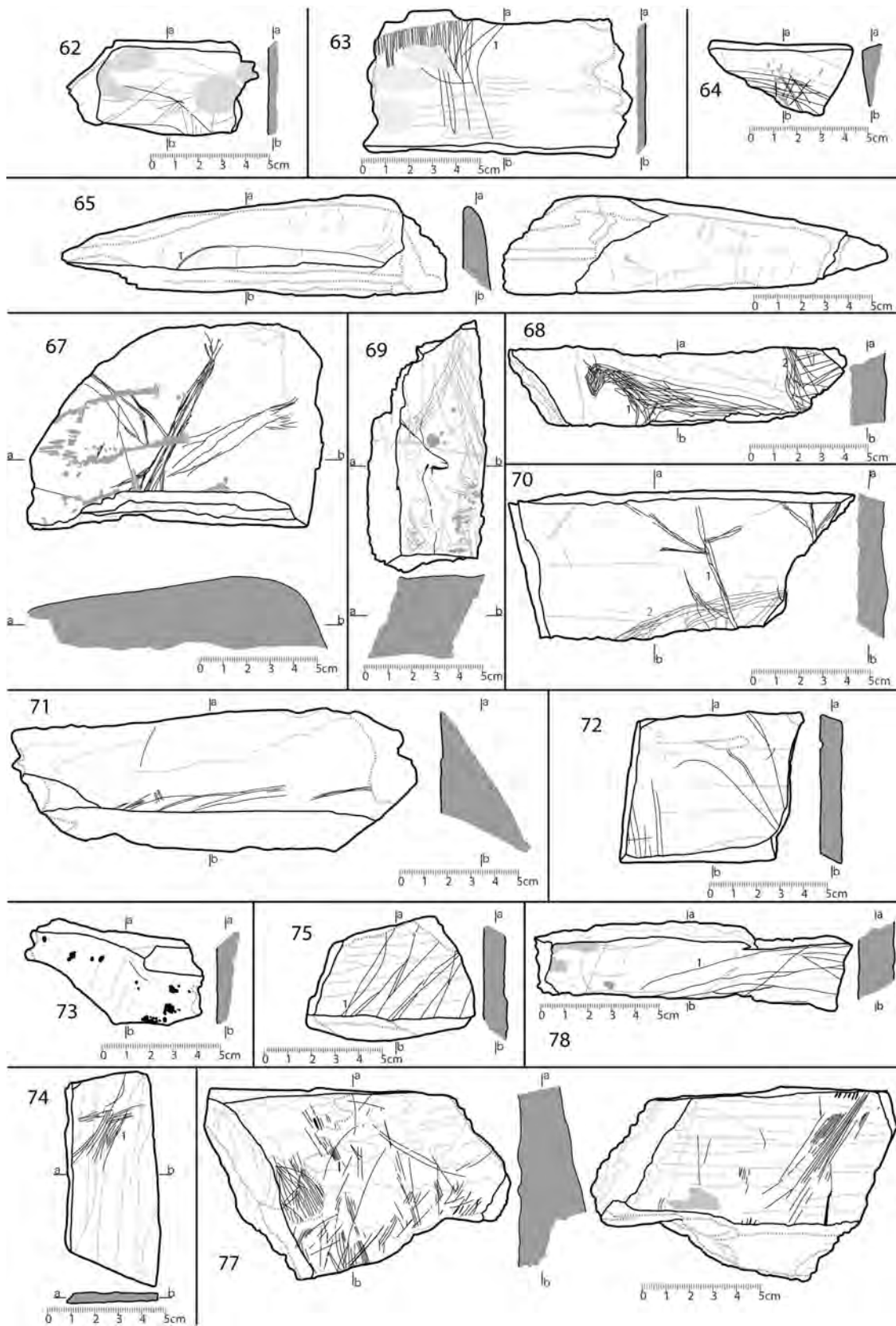


Fig. 12: Peças 62 a 65, 67 a 75 e 77 a 78 do Fariseu.

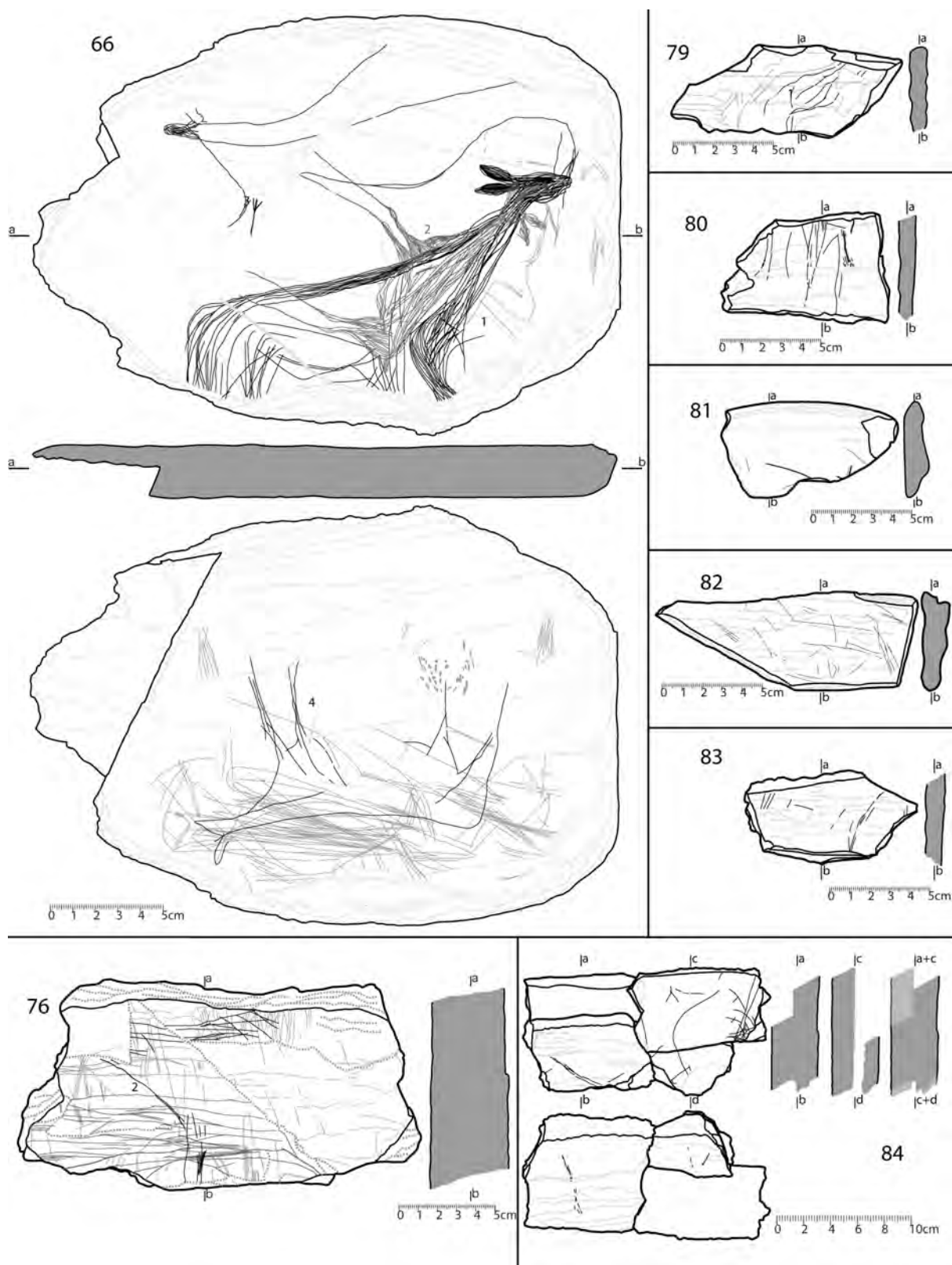


Fig. 13: Peças 66, 76 e 79 a 84 do Fariseu.

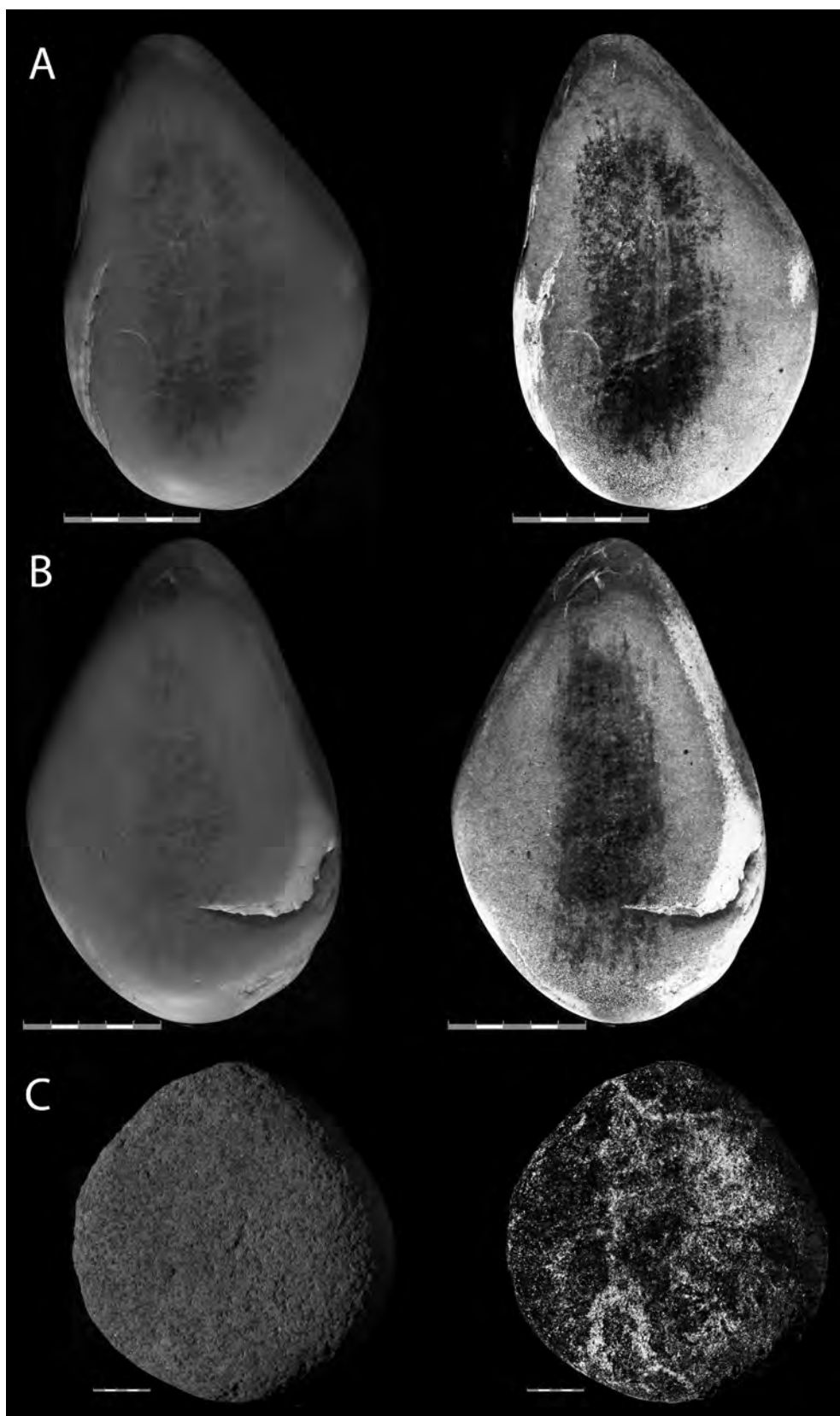


Fig. 14: Peças 85 (A e B) e 86 (C) do Fariseu. As imagens da direita correspondem às da esquerda tratadas com o programa D-Strech.

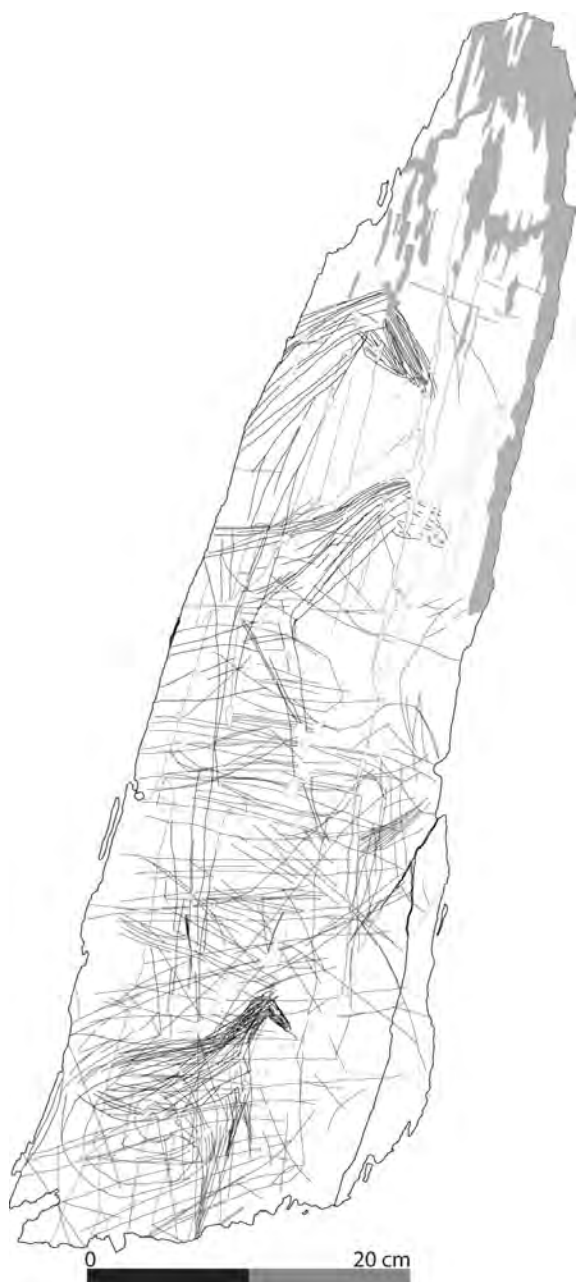


Fig. 15: Detalhe da rocha 1 do Tudão.

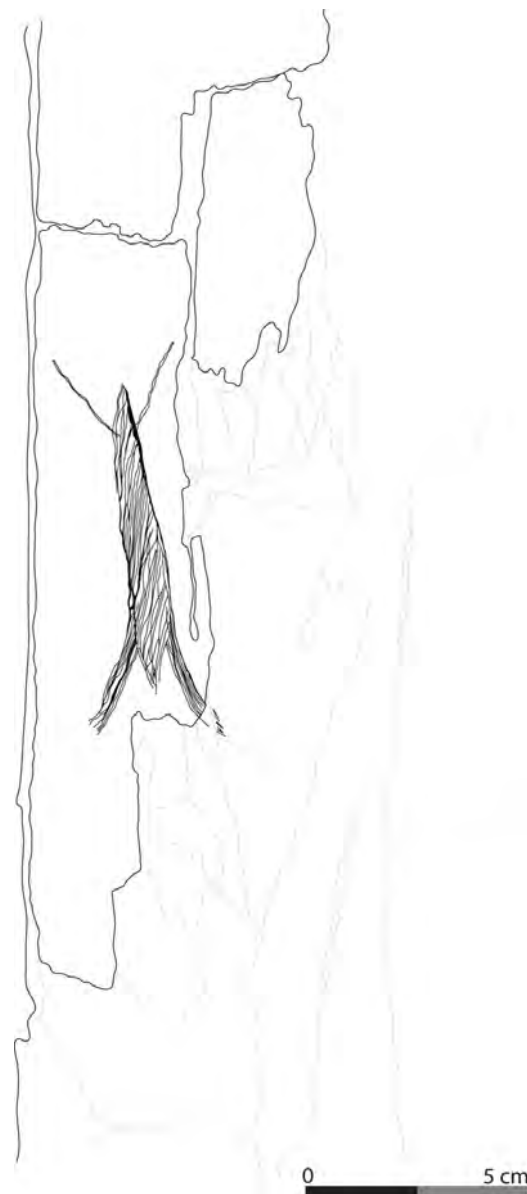


Fig. 16: Antropomorfo da rocha 11 de Vale Escuro.

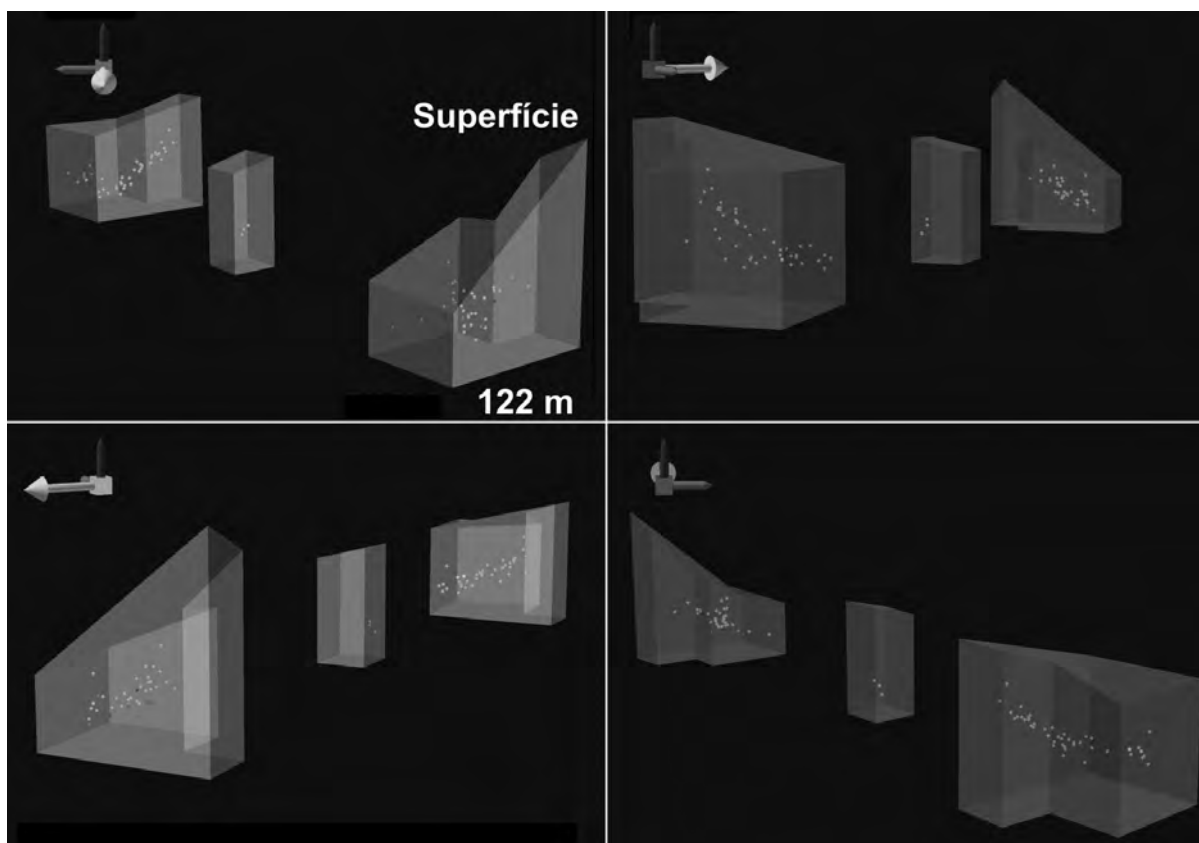


Fig. 17: Distribuição das peças pelas sondagens efetuadas.

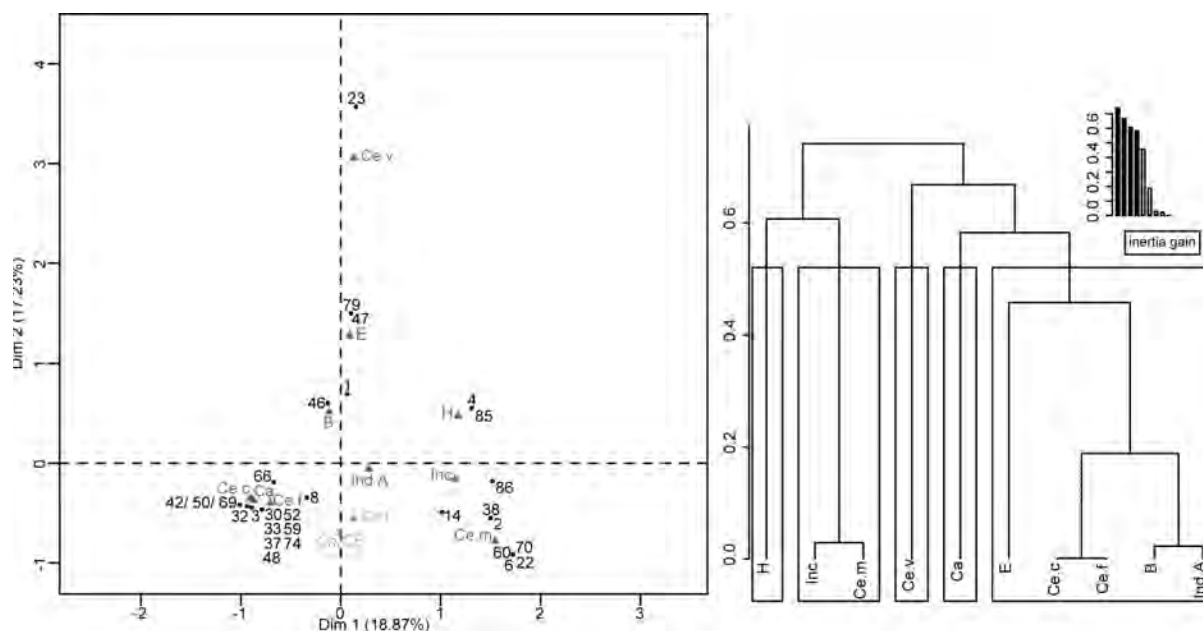


Fig. 18: À esquerda observa-se gráfico com a distribuição das peças pelas duas primeiras dimensões da análise de correspondências simples efetuada sobre as associações temáticas identificadas; à direita observa-se dendrograma da classificação hierárquica ascendente efetuada sobre as variáveis da análise precedente.

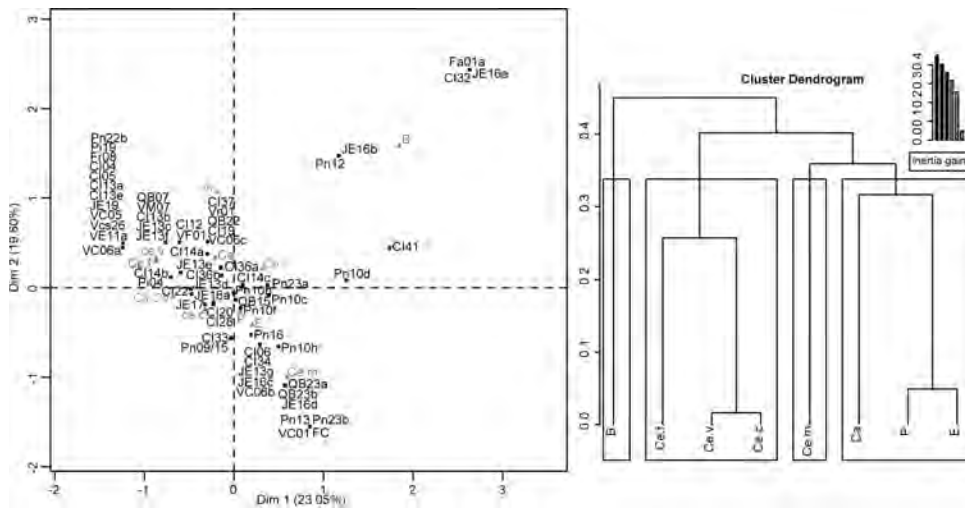


Fig. 19: Gráficos equivalentes aos anteriores, efetuados sobre as rochas coevas do Côa já estudadas

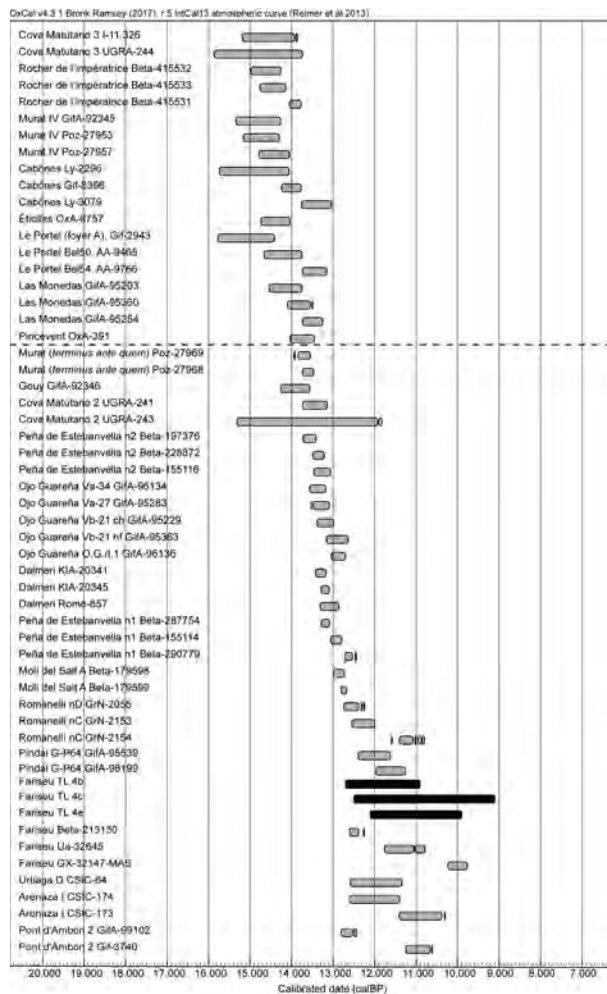


Fig. 20: Datas absolutas provenientes de contextos com grafismos figurativos dos finais do Magdalenense aos períodos terminais do Plistoceno. A partir de gráfico criado no OxCal, ver. 4.3 (BRONK RAMSEY 2009; 2017), tendo-se utilizado a curva de calibração IntCal 13 (REIMER et alii 2013). Os intervalos preenchidos a negro correspondem a datações de termoluminiscência tendo sido precisados manualmente. Acima da linha tracejada encontram-se os contextos com o fácies naturalista da arte figurativa, encontrando-se abaixo os que dispõem do fácies geométrico.

SUMÁRIO

O FINAL DO CICLO GRÁFICO PALEOLÍTICO DO VALE DO CÔA: A ARTE MÓVEL DO FARISEU (MUXAGATA, VILA NOVA FOZ CÔA)	5
André Tomás Santos, Thierry Aubry, António Fernando Barbosa, Marcos García-Díez e Jorge Davide Sampaio	
CAMPANIFORME NO NORTE DE PORTUGAL. PERSPECTIVAS INTERPRETATIVAS INSTIGADAS PELA LEITURA DE DADOS RECENTES	97
Maria de Jesus Sanches e Maria Helena Barbosa	
NEWS ABOUT FOUR BLACK-FIGURE ATTIC CUPS ATTRIBUTED TO THE LANCASTRE PAINTER	151
Rui Morais	
	159
A TERRA SIGILLATA ITÁLICA DE MONTE MOLIÃO, LAGOS, PORTUGAL	
Ana Margarida Arruda e Íris Dias	179
CASTRO DE MONTE MOZINHO: CERÂMICA DE PAREDES FINAS	
Teresa Soeiro e Rui Morais	193
CASTRO DE MONTE MOZINHO: LUCERNAS	
Andreia Filipa Campos Esteves e Flávia Maria Magalhães Nunes	217
AS PILHAS DE PESOS DE DOM MANUEL I: CONTRIBUTO PARA A SUA CARACTERIZAÇÃO, INVENTARIAÇÃO E AVALIAÇÃO	
Luís Seabra Lopes	253
OS HEKHALOT: VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS DE UM CRIPTOJUDAISMO SINGULAR	
Pedro Mendes	279
DATAS EM QUESTÃO. PROBLEMAS DE TRÊS EPÍGRAFES FUNERÁRIAS DE VILAR DE FRADES.	
Francisco G. C. Líbano Monteiro Faure	